

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

BRUNO SOARES DAMACENO

1984, DE GEORGE ORWELL:

A recepção da obra no Brasil de 1954 a 2019 e a decadência da ideia de progresso

Uberlândia

2023

BRUNO SOARES DAMACENO

1984, DE GEORGE ORWELL:

A recepção da obra no Brasil de 1954 a 2019 e a decadência da ideia de progresso

Dissertação apresentada Instituto de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do título de Mestre em História

Linha de Pesquisa: Linguagens, Identidades e Subjetividades

Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar

Uberlândia

2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

D154 Damaceno, Bruno Soares, 1988-
2023 1984, de George Orwell [recurso eletrônico] : a
recepção da obra no Brasil de 1954 a 2019 e a decadência
da ideia de progresso / Bruno Soares Damaceno. - 2023.

Orientador: Alexandre de Sá Avelar.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em História.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.632>
Inclui bibliografia.

1. História. I. Avelar, Alexandre de Sá, 1975-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-
graduação em História. III. Título.

CDU: 930

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H50 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4395 - www.ppghis.inhis.ufu.br - ppghis@inhis.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	História, PPGHI				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 07, PPGHI				
Data:	Vinte e dois de dezembro de dois mil e vinte e três	Hora de início:	14:30	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	12112HIS002				
Nome do Discente:	Bruno Soares Damaceno				
Título do Trabalho:	1984, DE GEORGE ORWELL: A recepção da obra no Brasil de 1954 a 2019 e a decadência da ideia de progresso				
Área de concentração:	História, Cultura e Poder				
Linha de pesquisa:	Linguagens, Identidades e Subjetividades				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Tradição ou ventos modernos? O IHGB e a questão biográfica (1910-1940)				

Reuniu-se de forma remota através da plataforma de webconferências Mconf RNP, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em História, assim composta: Professores doutores: [Adriene Sttéfane Silva /UNIPAM](#); [Lainister de Oliveira Esteves /UFU](#); [Alexandre de Sá Avelar](#) orientador do candidato.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. [Alexandre de Sá Avelar](#), apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

[Aprovado.](#)

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de [Mestre](#).

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre de Sá Avelar, Membro de Comissão**, em 22/12/2023, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lainister de Oliveira Esteves, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/12/2023, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriene Stéfane Silva, Usuário Externo**, em 22/12/2023, às 15:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5017490** e o código CRC **C5164404**.

Dedico a minha mãe, Rozelena.

AGRADECIMENTOS

Uau! Esta foi uma jornada e tanto! E uma jornada gratificante de percorrer. Ver este trabalho finalizado — e lido — me traz grande felicidade e orgulho. Este empreendimento foi, em grande parte, uma jornada solitária, pensar e escrever sozinho. Agora, chegou a hora de compartilhar com mais pessoas e aproveito para agradecer as pessoas que me acompanharam neste trajeto e que contribuíram para meu crescimento pessoal e intelectual.

Ao meu orientador, professor Dr. Alexandre de Sá Avelar, por todos os caminhos indicados e pelos desafios lançados, aos demais professores do Instituto de Pós-Graduação em História da UFU que direta e indiretamente ajudaram na construção deste trabalho. Agradeço também a todos do Instituto de Pós-Graduação em História (PPGHI/UFU), coordenação, secretaria e demais professores. Aos professores da banca de qualificação, Profa. Dra. Mônica Brincalpe Campo e Prof. Dr. Lainister de Oliveira Esteves, pelas sugestões e acréscimos valiosos para esta dissertação; e a Profa. Dra. Adriene Stéfane Silva que agora se junta para a defesa.

Agradeço aos amigos que tiveram de me ouvir pacientemente falar durante dois anos sobre minha pesquisa e sobre as dificuldades da escrita encontradas pelo caminho.

E em especial, agradeço a minha família, minha mãe Rozelena, que também é professora e um exemplo de profissional, a minha irmã Josiany e ao meu pai Cremildo.

Meu muito obrigado!

“[...] os livros estão aqui, como uma galáxia pulsante, e as palavras, dentro deles, são outra poeira cósmica flutuando, à espera do olhar que as irá fixar num sentido ou nelas procurará o sentido novo, porque assim como vão variando as explicações do universo, também a sentença que antes parecera imutável para todo o sempre oferece subitamente outra interpretação, a possibilidade duma contradição latente, a evidência do seu erro próprio”.

(SARAMAGO, 2013, p. 26)

RESUMO

O romance *1984* de George Orwell é uma narrativa distópica que delinea uma sociedade totalitária altamente controlada pelo Estado, explorando temas como vigilância, manipulação da informação, desumanização e culto à personalidade. Embora escrito em 1949, sua relevância persiste, destacando-se ainda mais em nossa era digital. Este estudo tem como objetivo oferecer uma síntese dos temas centrais abordados em *1984*, elucidando sua atualidade e sua capacidade de refletir os desafios contemporâneos relacionados à vigilância governamental e à manipulação da informação, por exemplo. A metodologia consistiu na análise crítica da obra *1984*, identificando e descrevendo os principais temas explorados pelo autor, bem como relacionando-os a acontecimentos históricos relevantes para o século XX e XXI. Além de historicizar a recepção do livro no Brasil no período de 1954 a 2019. A vigilância em massa, a disseminação de informações falsas e a erosão da privacidade refletem diretamente a visão distópica de Orwell, evidenciando a falência do progresso tão atrelado ao modo de produção capitalista.

Palavras-chave: *1984*, George Orwell, progresso, recepção.

ABSTRACT

The novel *1984* by George Orwell is a dystopian narrative that outlines a highly controlled totalitarian society by the State, exploring themes such as surveillance, manipulation of information, dehumanization, and personality cult. Despite being written in 1949, its relevance persists, standing out even more in our digital era. This study aims to provide a synthesis of the central themes addressed in *1984*, elucidating its contemporary relevance and its ability to reflect contemporary challenges related to government surveillance and information manipulation. The methodology involved a critical analysis of the work *1984*, identifying and describing the main themes explored by the author, as well as relating them to relevant historical events of the 20th and 21st centuries. It also contextualizes the reception of the book in Brazil from 1954 to 2019. Mass surveillance, the spread of false information, and the erosion of privacy directly reflect Orwell's dystopian vision, highlighting the failure of progress so closely tied to the capitalist mode of production.

Keywords: *1984*, George Orwell, progress, reception.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	Error! Bookmark not defined.
CAPÍTULO I – HISTÓRIA E LITERATURA: AFASTAMENTOS, APROXIMAÇÕES E PROBLEMAS DE PESQUISA	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.2
1.1 – Distopia.....	Error! Bookmark not defined.3
1.2 – História	Error! Bookmark not defined.7
1.3 – Literatura.....	Error! Bookmark not defined.6
1.4 – História + Literatura = 5	Error! Bookmark not defined.
CAPÍTULO II – 1984 É AGORA	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.4
2.1 – As profecias de <i>1984</i>	Error! Bookmark not defined.0
2.2 – A decadência do progresso pela recepção de <i>1984</i> ...	Error! Bookmark not defined.6
CAPÍTULO III – HISTORICIZAÇÃO DA LEITURA DE 1984 E OS RASTROS DA FICÇÃO NA REALIDADE	64
3.1 – Invasão de privacidade	68
3.2 – Afinal, quem é o Grande Irmão?	77
3.3 – Sexualidade	86
CONCLUSÃO	95
BIBLIOGRAFIA	97
ANEXOS	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.9

INTRODUÇÃO

Quase todo mundo lê *1984* ainda na juventude e, embora muito afetado pelo livro – que oferece mais sofrimento e menos reconforto do que qualquer obra adotada em escolas secundárias –, não se sente compelido a redescobri-lo na idade adulta.

(LYNSKEY, 2021, p. 18)

Em uma época em que a internet ainda não havia se embrenhado pelo interior rural do país, num tempo em que a disseminação de informações e notícias continuava a ser feita por meio das mídias tradicionais (televisão, jornal impresso, revistas e rádio), eu, morador de um pequeno povoado rural nos campos gerais de Minas, assim como muitos jovens da minha geração, tive meu primeiro contato com a obra *1984* de George Orwell quando houve o lançamento do *reality show* Big Brother Brasil pela TV Globo no ano de 2002. Na ocasião da estreia, muito se falava da inspiração do nome advindo da obra do autor inglês.

Apesar de ter o nome do autor e da obra pairando sobre o imaginário brasileiro devido ao sucesso do *reality show*, somente anos depois, já cursando a faculdade de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, que fui ter contato com o livro *1984* em si. Ele foi uma obra de leitura obrigatória para a realização de um debate em sala de aula da disciplina Sociologia da Comunicação em que fomos incitados a argumentar sobre o poder que a comunicação e as mídias conseguem exercer sobre a população. As edições do livro disponíveis na biblioteca da instituição em que estudei eram da década de 1970, da Companhia Editora Nacional, mas que já se encontravam em encadernações padrão de livros restaurados, sem as capas originais, devido ao desgaste dos anos em que foram lidos e manuseados pelos usuários da biblioteca. Assim como todas as edições do período em questão, o livro possuía apenas o texto principal sem o apêndice escrito por Orwell.

A história de *1984* me marcou bastante naquele momento do início dos meus 20 anos pela potência com que Orwell retratara os usos da Comunicação em prol de um objetivo. Essa história¹ ficou comigo. Posteriormente adquiri uma cópia do relançamento feito pela editora Companhia das Letras – que é o livro que uso como base para esta dissertação –, mas

¹ Para evitar confusões semânticas, optamos por grafar *História* com inicial maiúscula quando nos referirmos ao campo do conhecimento humano produzido sobre eventos passados. E utilizaremos *história* com inicial minúscula quando estivermos nos referindo a narrativas, enredos ou tramas ficcionais. Essa distinção ajuda a delinear os contextos em que as palavras estão empregadas, proporcionando uma maior compreensão e clareza ao leitor.

não cheguei a reler naquele momento, e o livro ficou guardado na estante. Outros tantos anos se passaram, e entrei em outra graduação, desta vez em História. À medida que nos aproximávamos do estudo da História Contemporânea, fui sentido o “chamado” de *1984* querendo ser lido novamente, pois sabia que, chegando ao período do pós-Segunda Guerra Mundial e na Guerra Fria, teríamos que passar por Orwell.

A segunda leitura do livro, mais de 10 anos após a primeira, e já com a visão de historiador, ainda que inicial, foi um choque, talvez até maior que da primeira leitura. A forma como a História está entremeadada na escrita de George Orwell me deixou extasiado. Perceber como aquela criação dele se materializou no mundo real foi impactante. Inebriado por esse sentimento que escrevi o projeto de pesquisa que submeti ao Programa de Pós-Graduação em História da UFU, cujo edital saiu pouco tempo depois da minha releitura de *1984*. No referido projeto, apresentei uma intenção de pesquisa muito voltada para a visão do livro como sendo “um espelho erguido ao mundo”, isto é, como sendo um documento em que se poderia acessar o mundo que existia no momento em que ele havia sido escrito, a crença de que o texto literário “reflita ou espelhe o contexto vivido por seu autor ou em que a história se desenvolve”.²

As intenções da pesquisa foram se alterando e tomando a forma que será vista nesta dissertação a partir das aulas do curso, das sugestões dos professores, das conversas com o orientador e por meio das reflexões estimuladas pelas leituras sugeridas por cada um deles. Como pontuado por Barros, é fundamental que o historiador deixe bem explícito no seu discurso o local de onde ele está falando e a partir de quais motivações ele elabora sua pesquisa, uma vez que é fundamental manter a “tradição de escritura da História, na qual o historiador também fala de si, e não apenas de seu objeto de estudo”.³ A cada passo dado, percebia que a metáfora do espelho tornava-se cada vez mais falsa, pois os reflexos que a literatura projeta do mundo são “muito imperfeitos. A famosa definição do romance dada por Stendhal como um espelho que se move ao longo de uma rodovia é interessante, mas incompleta: é um espelho que distorce”.⁴

Foucault⁵ complementa esse pensamento dizendo que deve-se acrescentar novos fatores à análise literária, passando a ser encarada como uma unidade e não apenas como

² PINTO, Júlio Pimentel. **Do fingimento à imaginação moral: diálogos entre história e literatura** Tempo Niterói Vol. 26 n. 1 Jan./Abr. 2020, p. 31

³ BARROS José D’Assunção. **Teorias da história e filosofias da história: reflexões sobre o contraste entre estes dois espaços de reflexão sobre o fazer histórico.** Anos 90, v. 19, n. 36, p. 389

⁴ GAY, Peter. **Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 18

⁵ FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 05

registro da alma ou da “sensibilidade de uma época, nem os ‘grupos’, as ‘escolas’, as ‘gerações’ ou os ‘movimentos’, nem mesmo o personagem do autor no jogo de trocas que ligou sua vida à sua ‘criação’, mas, sim, a estrutura própria de uma obra, de um livro, de um texto.” Quem nos dá um bom resumo sobre o uso da literatura pelo historiador é Roger Chartier⁶ que diz:

O historiador deve poder vincular em um mesmo projeto o estudo da produção, da transmissão e da apropriação dos textos. O que quer dizer manejar ao mesmo tempo a crítica textual, a história do livro, e, mais além, do impresso ou do escrito, e a história do público e da recepção. Reunir estas diferentes abordagens permite responder à questão central que está por trás do meu projeto intelectual. De um lado, cada leitor, cada espectador, cada ouvinte produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe. Aí temos que seguir Michel de Certeau, quando diz que o consumo cultural é, ele mesmo, uma produção – uma produção silenciosa, disseminada, anônima, mas uma produção.

Diante disso, decidimos alterar nossa rota de pesquisa para o estudo da recepção de *1984* no Brasil, até mesmo tentando contribuir para a historiografia que tem a obra de George Orwell como objeto de pesquisa. Uma vez que consideramos que os estudos feitos relacionando o livro à biografia do autor, ao seu *ethos* e ao momento histórico em que foi escrito já foram bastante exploradas e analisadas,⁷ enquanto a outra face de uma obra literária, isto é, quando ela foi lida, como foi lida e como seus elementos refletiram na realidade, ainda foram pouco exploradas e carecem de maior *corpus*.

Segundo Darnton,⁸ muitos historiadores que têm como tema a história da leitura e do livro em conjunto com críticos literários “insistem em que o significado de um livro não está determinado em suas páginas; é construído por seus leitores.” Assim, Benatte⁹ complementa que a história da recepção “não pode despir o texto de seus significados acumulados ao longo do tempo, posto que é precisamente a historicização desse acúmulo de significações que constitui o seu objetivo.”

⁶ CHARTIER, Roger. *As aventuras do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 18.

⁷ Em biografias como: *Orwell: um homem do nosso tempo* (2020), de Richard Brandford; *A vitória de Orwell* (2010), de Christopher Hitchens; *O ministério da verdade: uma biografia de 1984, o romance de George Orwell* (2021), de Dorian Lynskey. Trabalhos acadêmicos como: *O último homem da Europa a luta pela memória no universo não ficcional da obra de George* (2010), de Matheus Cardoso da Silva; *A escrita política de George Orwell* (2020), de Débora Reis Tavares, para citar alguns.

⁸ DARNTON, R. História da leitura. In: BURKE, P. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992, p. 226

⁹ BENATTE, Antonio Paulo. História da leitura e história da recepção da bíblia. *Oracula*, São Bernardo do Campo, 3.5, 2007, p. 63

[...] Compreender um texto é compreender suas história efetiva, individualizando as camadas de interpretação que lhe foram superpostas durante o espaço de tempo entre sua produção e suas sucessivas recepções. Segundo Gadamer, “o texto não pode nunca ser separado das interpretações através das quais ele chegou a nós, interpretações que agora ‘constituem a realidade histórica de seu ser’”. Em suma, o ser do texto é inseparável de seu devir.¹⁰

O autor inglês Dorian Lynskey,¹¹ no livro chamado *O ministério da verdade: uma biografia de 1984, o romance de George Orwell* (2021), afirma que “1984 é mais conhecido do que lido”, mas que, apesar disso, sua influência tem sido duradoura e penetrante mesmo entre aqueles que nunca o leram diretamente. A obra tornou-se uma parte do discurso político, social e moral, como veremos nos capítulos seguintes, com frases e conceitos criados por Orwell sendo utilizados há décadas, nos mais diferentes contextos, e ainda possuindo poder e relevância.

1984 não só vendeu dezenas de milhões de exemplares, mas se infiltrou na consciência de incontáveis pessoas que nunca o leram. As frases e os conceitos cunhados por Orwell se tornaram elementos essenciais do discurso político, ainda potentes após décadas de uso equívocos: Novafala, grande Irmão, Polícia das Ideias, Quarto 101, Dois minutos de Ódio, duplipensamento, despessoas, buraco da memória, teletela, $2 + 2 = 5$, e o Ministério da Verdade. O título marcou um ano do calendário, enquanto o adjetivo “orwelliano” transformou o nome do autor num sinônimo abrangente de tudo o que ele odiava e temia.¹²

1984 foi lido e relido por diferentes gerações, em momentos históricos diferentes, fazendo com que esses leitores estabelecessem diferentes posições e conclusões em relação ao texto, uma vez que o leitor não é estático “a cada momento, lemos de uma determinada forma”.¹³ “O significado de uma obra de arte nunca se restringe às intenções do seu criador”,¹⁴ pois ao fazer a leitura de *1984* o leitor não dialoga apenas com o livro, mas dialoga também com o que ele já ouviu falar sobre a obra, com as notícias vistas nos telejornais à noite, com o que aprendeu de História na escola, com outros textos lidos e com toda a bagagem de conhecimento a respeito do livro produzida anteriormente e que cerca a obra.

¹⁰ BENATTE, Antonio Paulo. História da leitura e história da recepção da bíblia. **Oracula**, São Bernardo do Campo, 3.5, 2007, p. 63

¹¹ LYNSEY, Dorian. **O ministério da verdade: uma biografia de 1984, o romance de George Orwell**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 12-13

¹² Ibidem, p. 12

¹³ PINTO, Júlio Pimentel. **Do fingimento à imaginação moral: diálogos entre história e literatura** Tempo Niterói Vol. 26 n. 1 Jan./Abr. 2020, p. 31

¹⁴ LYNSEY, op. cit., p. 13

Mesmo que, para alguns críticos, o livro não tenha qualidades suficientes que justifiquem tal longevidade, como para o crítico americano Harold Bloom¹⁵ que diz que “o livro permanece importante; talvez sempre será assim. Mas não há nada intrínseco ao livro que determine sua importância futura”.¹⁶

A obra em questão é *1984*, último livro publicado por George Orwell antes de sua morte. George Orwell é o pseudônimo que o escritor, jornalista e ensaísta britânico Eric Arthur Blair, adotou quando publicou seu primeiro livro, *Na pior em Paris e Londres* (1933), em que ele narra de forma ficcionalizada as experiências pelas quais passou e as histórias que ouviu no tempo em que viveu entre os pobres das duas grandes cidades europeias. Na ocasião da publicação do livro, “ele decidiu deixar de ser Eric Blair”.¹⁷ O motivo ou os motivos pelos quais ele decide usar um pseudônimo não são muito claros, mas alguns biógrafos especulam suas razões:

Os relatos divergem quanto ao motivo pelo qual nesse momento ele decidiu deixar de ser Eric Blair. A razão mais óbvia e mais provável era que agora ele sabia que poderia ser um escritor e queria, pelo menos na página impressa, se desapegar do passado que, em parte, ele desprezava. George é um nome solidamente inglês, e, até sua morte, ele nunca foi capaz de se decidir sobre como se sentia em relação à Inglaterra, exceto que não conseguia deixar de fazer parte dela. O rio Orwell serpenteia de maneira lenta, quase pensativa, através de Suffolk, e Eric Blair tinha gostado de caminhar ao longo de suas margens.¹⁸

No programa de rádio da BBC sobre a revista *The Adelphi*, 6 de julho de 1958, [...], Sir Richard Rees relembrou o temor de Orwell de que seu nome verdadeiro aparecesse impresso. Em *George Orwell: Fugitive From the Camp of Victory* [George Orwell: fugitivo do acampamento da vitória], Rees aprofundou o tema: Orwell lhe havia dito que “lhe dava uma sensação desagradável ver seu nome real impresso porque ‘como você pode ter certeza de que seu inimigo não vai recortá-lo e fazer algum tipo de magia negra com ele?’, Esquisitice, sem dúvida; mas até mesmo o traço genuíno de convencionalismo antiquado de Orwell às vezes beirava a esquisitice e não se pode ter certeza de que estava falando sério ou não”.¹⁹

Em carta datada de 19 de novembro de 1932, enviada ao agente literário, Leonard Moore, da firma Christy & Moore, responsável por conseguir vender o primeiro livro dele,

¹⁵ BLOOM, Harold. ed. **Bloom’s Modern Critical Interpretations: George Orwell’s 1984 Updated Edition**. New York: Chelsea House, 2007, p. 02.

¹⁶ (Tradução nossa) “The book remains momentous; perhaps it always will be so. But there is nothing intrinsic to the book that will determine its future importance.”

¹⁷ BRADFORD, Richard. **Orwell: um homem do nosso tempo**. São Paulo: Tordesilhas Livros, 2020, p. 116.

¹⁸ Idem.

¹⁹ DAVISON, Peter, in ORWELL, George. **Uma vida em cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 60.

Orwell trata sobre a escolha do pseudônimo que gostaria de usar, apesar de não dar explicações sobre a preferência por usar o nome escolhido.

Quanto a um pseudônimo, o nome que sempre uso quando vagabundeio etc. é P. S. Burton, mas se o senhor achar que não parece o tipo de nome provável, que tal
Kenneth Miles,
George Orwell,
H. Lewis Allwys.
Acho que prefiro George Orwell.²⁰

Segundo Lynskey,²¹ a escrita de *1984*, realizada entre os anos de 1948 e 1949, foi demorada, pois o livro representaria uma síntese das ideias que Orwell elaborou durante sua vida como escritor. O mundo que ele viu ruir diante de seus olhos, sua ideologia posta à prova, temas que ele leu, escreveu e dos quais teceu reflexões ao longo dos anos, como: poder, superestados, ditadores, tecnologia, comunicação, classe, sexo, cultura, linguagem, literatura, utopia, verdade, mentira, História, a devastação da Europa pós-guerra, a guerra fria e o medo nuclear em uma lista que poderia estender por mais algumas linhas. Fato é que a carga de dedicação direcionada ao livro foi recompensada.

A primeira edição de *1984* saiu em junho de 1949, representando, para muitos críticos, o ponto alto da carreira literária de Orwell; mas da qual ele pouco pode desfrutar, tanto do dinheiro das vendas, quanto do reconhecimento e do sucesso advindos do livro, pois ele morreria de tuberculose pouco tempo depois, em 1950, sem conseguir e testemunhar o enorme impacto que sua prosa teve nos anos subsequentes e que ainda hoje consegue despertar interesse e relação com o mundo contemporâneo a ponto de entrar no topo das listas de livros mais vendidos após a vitória de Trump nos Estados Unidos e Bolsonaro no Brasil.²²

De modo quase inconsciente, escreveu com o dedo na poeira da mesa:
 $2 + 2 = 5$
“Eles não podem entrar em você”, dissera Julia. Mas podiam entrar, sim. “O que lhe acontecer aqui é para sempre”, dissera O’Brien. Era verdade. Havia coisas — atos cometidos pela própria pessoa — das quais não era possível recuperar-se. Algo era destruído dentro do peito; queimado, cauterizado.²³

Winston iniciara uma revolução pessoal contra o sistema repressor do Partido:

²⁰ ORWELL, Orwell. **Uma vida em cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 60

²¹ LYNSKEY, 2021

²² WELLE, Deutsche. '1984', de George Orwell, lidera lista de mais vendidos nos EUA após 'fatos alternativos' de Trump. **G1**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/1984-de-george-orwell-lidera-lista-de-mais-vendidos-nos-eua-apos-fatos-alternativos-de-trump.ghtml>>. Acesso em 02 de jun 2021.

²³ ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 338

arrumara uma namorada, Julia, sem aprovação do Partido, com a qual se encontrava furtivamente em esconderijos; lera um livro escrito pelo pária Emanuel Goldstein, no qual expunha o funcionamento daquela sociedade; tentara recuperar a memória e a História sua, da sua família, da sua cidade e do passado a muito perdido; escrevera em um diário: Abaixo o Grande Irmão. Ele era um criminoso, ele ousou pensar, questionar e não amar o Grande Irmão. Foi preso, torturado e, além disso, teve suas convicções e sua capacidade crítica de pensamento quebradas. Agora ele aceitava que $2 + 2$ eram igual a 5, ou a 3, ou até mesmo igual a 4, se o Partido assim o determinasse.

É nesse futuro, que pode ou não ser o ano de 1984, que Winston Smith se rebela. Na Pista de Pouso Número 1, cidade que antes era conhecida como Londres, que agora faz parte de um superbloco continental chamado Oceania, absolutamente todos os aspectos da vida dos cidadãos são controlados pelo Estado, até mesmo os sentimentos foram proibidos, os indivíduos são monitorados e controlados o tempo todo pelo Grande Irmão, um ser onipresente e onipotente, através das teletelas. “Essa estrutura opressiva é mantida por um único partido, norteado por três slogans: “Guerra é Paz”, “Liberdade é Escravidão” e “Ignorância é Força”.²⁴

Orwell construiu uma narrativa futurista a que hoje nós damos o nome de distopia, “mas também é, em graus variados e discutíveis, sátira, profecia, alerta, tese política, obra de ficção, thriller de espionagem, terror psicológico, pesadelo gótico, texto pós-moderno e história de amor”.²⁵ A literatura classifica, divide seus estudos nos chamados gêneros literários, esses gêneros são identificados por meio das características que interligam uma obra a outras obras literárias e ajudam a definir as expectativas do leitor em relação à trama e ao estilo de escrita. No presente estudo, debruçaremos sobre o gênero utopia/distopia, que ao longo dos últimos séculos tem sido amplamente explorado na literatura e na cultura popular.

Sob a luz do Renascimento no século XVI, quando o humanismo dava ao homem seu lugar central no universo em oposição ao teocentrismo do medievo, quando as possibilidades de mudança se tornaram possíveis pelo abandono da mentalidade da vontade de Deus, “a utopia nasce como um gênero literário – é a narrativa sobre uma sociedade perfeita e feliz – e um discurso político – é a exposição sobre a cidade justa”.²⁶

²⁴ ORWELL, 2009, p. 27

²⁵ LYNSKEY, 2021, p. 18

²⁶ CHAUI, Marilena. Notas sobre a utopia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, vol. 60, p. 7-12, julho 2008. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v60nspe1/a0360ns1.pdf>>. Acesso em 22 out. 2020, p.7

Utopia foi o nome dado por Thomas More ao seu livro,²⁷ escrito em 1516, sobre uma ilha desconhecida em que um marinheiro português vai parar após um naufrágio e narra sobre a sociedade que encontrou por lá. Na ilha Utopia, vivia uma sociedade oposta em muitos aspectos a que Thomas More vivia, uma Inglaterra comandada por Henrique VIII com guerras e disputas religiosas, com estrutura social estratificada e praticamente imóvel e com extremas desigualdades sociais, por isso em seu livro ele trazia a “visão de uma sociedade futura a partir da supressão dos elementos negativos da sociedade existente (opressão, exploração, dominação, desigualdade, injustiça)”.²⁸ A partir do escrito de More, o termo utopia tornou-se uma categoria que passou a designar, em retrospecto, obras mais antigas como a *Eneida* de Virgílio, a *República* de Platão e até mesmo a passagem bíblica do paraíso em *Gênesis*.

O conceito de utopia está assim intrinsecamente ligado à ideia da modernidade e do progresso positivo, em que a humanidade, esperançosamente, caminharia para um futuro melhor que o presente, alimentado pelas navegações ao Novo Mundo que se contrastava com o Velho Mundo, pelo modo de vida burguês e as forças produtivas do Renascimento. Embora carreguem ecos das preocupações coletivas, as utopias, em sua essência, aspiram a reformar a sociedade, corrigindo seus defeitos em relação às estruturas atuais, proporcionando a sociedade uma oportunidade de construir um futuro mais harmonioso.²⁹ “A utopia possui a sua própria história, que, de certa maneira, é a história do inconformismo intelectual diante das formas do mundo estabelecido”.³⁰

Não demorou para que seu oposto também surgisse, já que a esperança e o conforto trazidos pelas utopias de outrora pareciam insuficientes para dar conta de tanto horror e decadência que o ser humano é capaz de provocar: guerras, holocausto, fome, miséria, armas de destruição em massa. Nesse contexto, surgiram as antiutopias, ou utopias negativas, ou distopias, ou como escreve Orwell,³¹ “exatamente o oposto das tolas utopias hedonistas imaginadas pelos reformadores”. Segundo Berriel³² “a distopia, que revela o medo da opressão totalizante, pode ser vista como o oposto especular da própria utopia”.

²⁷ More, Thomas. **A Utopia**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018

²⁸ CHAUÍ, op. cit, p. 7

²⁹ LIEBEL, Silvia. **Das utopias modernas às distopias contemporâneas: conceito, prática e representação**. Ebook - Belo Horizonte: Fino Traço, 2021.

³⁰ BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. In. KASSAB, Álvaro. Unicamp recebe 36 universidades para discutir a utopia. **Jornal da Unicamp**. Campinas, 4 a 10 de maio de 2009 – ANO XXIII – Nº 427, s. p. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/maio2009/ju427_pag0607.php>. Acesso em: 26 de mar de 2022

³¹ ORWELL, 2009, p. 311

³² BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Utopia, distopia e história. **Morus: Utopia e Renascimento**, São Paulo, v.2, p. 01-17, 2005. Disponível em: <https://www.unicamp.br/~berriel/arquivos/berriel_prod_3.pdf>. Acesso em: 22 out. 2020, p. 4

Além das ditaduras, a literatura distópica versa sobre temas como a “pobreza, a tortura, a opressão dos povos e o controle da mente das pessoas”.³³

Historicamente, a utopia precedeu a distopia tal como o céu veio antes do inferno. [...] Orwell descrevia seu *1984* como “uma utopia”. Ele fazia uma distinção entre utopias “favoráveis” e “pessimistas”, pois não lhe teria ocorrido chamar estas últimas de “distopias”. Ainda que o termo *distopia* (literalmente, “o lugar não bom”) tenha sido empregado por John Stuart Mill em 1868, ele permaneceu dormente por quase um século, eclipsado pela *cacotopia* (“o lugar ruim”), de Jeremy Bentham, ou pela antiutopia, até por fim se tornar corrente na década de 1960. O romance de Orwell virou sinônimo de uma palavra que ele nunca usou.³⁴

Ao contrário da utopia, na distopia o fio condutor da história não é a humanidade rumo ao progresso; mas, o oposto, rumo a ruína e a decadência, principalmente após a Revolução Industrial e as duas grandes guerras mundiais. Assim, a humanidade se vê em um futuro desolador.

Lynskey³⁵ afirma que “o livro de Orwell continua a definir os nossos pesadelos, ainda que estes assumam outras formas.” Como veremos mais a frente, essa capacidade de assumir outras formas é o que mantém o interesse das pessoas pela obra de Orwell, a capacidade das alegorias criadas por ele encontrarem ressonâncias em momentos históricos tão diversos. “Como disse o italiano Umberto Eco, só um quarto de 1984 é ficção; os outros três quartos são história”.³⁶

“Para mim é como um mito grego, que a gente pega e faz dele o que quiser – como examinar a si mesmo”. Comentou Michael Radford, que dirigiu a adaptação de 1984 para o cinema. “E um espelho”, diz o personagem na versão para o teatro montada em 2013 por Robert Icke e Duncan Macmillan. “Toda época se vê refletida ali.” Para o cantor e compositor Billy Bragg, “toda vez que o leio, parece diferente”.³⁷

Aqui daremos dois exemplos em que podemos perceber como épocas diferentes conseguiram estabelecer relação muito próxima com o que George Orwell escreveu e tomaram para si o então futuro narrado em *1984*. Sidney Chalhoub³⁸ diz que o papel do

³³ CANTON, James, et al. **O livro da literatura**. São Paulo: Globo, 2016, p. 252

³⁴ LYNSKEY, 2021, p. 54

³⁵ Idem, p. 20

³⁶ BOSCOV, Isabela. **Quando 2 e 2 são 5: George Orwell prova sua relevância em tempos de autoritarismo**. Disponível em: <<https://isabelaboscov.com/2020/06/05/george-orwell-de-1984-prova-sua-relevancia-em-tempos-de-autoritarismo/>>. Acesso em: 05 jan. 2023

³⁷ LYNSKEY, op. cit., p. 20

³⁸ CHALHOUB, Sidney. (org). **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. São Paulo: Nova Fronteira. 1998, p. 07

historiador quando utiliza literatura em sua pesquisa “é historicizar a obra literária”, seja literatura de que forma for – conto, crônica, poesia ou romance –, é preciso “inserir-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade.”

Dentro da chamada “literatura de antecipação”, poucos livros anteciparam tanto como *1984* de George Orwell, escrito em 1948. A menos de dois anos da data-base e que transcorre a ficção assustadoramente realista de Orwell, já se pode fazer um inventário das suas previsões que – infelizmente para nós – vingaram. Das clínicas psiquiátricas dos Gulags comunistas aos laboratórios fiscais e policiais de alguns dos mais avançados países industrializados, a robotização do cotidiano, a repressão dos sentidos e a manipulação dos pensamentos são uma constante.³⁹

Trinta e nove anos depois dessa matéria da revista *Manchete*, em que o Rubens Teixeira Scavone diz que o ano de 1984 chegou mais cedo e que muitas das “previsões” de Orwell se confirmaram, no primeiro dia do ano de 2021, as obras de George Orwell entraram em domínio público no Brasil,⁴⁰ e isso fez com que a publicação de seus livros disparassem no país, em uma rápida pesquisa no site de vendas Amazon⁴¹ é possível encontrar 16 edições diferente de *1984*, em uma dessas edições, da editora Antofágica, existe uma apresentação do livro como prefácio escrita por Gregório Duvivier.

Nesse prefácio, ele diz que o ano 1984 “é o único que passou a significar algo que não chegou a acontecer naquele ano” e que todos aqueles acontecimentos que muitos vaticinavam que aconteceria (como Rubens Teixeira na *Manchete*) não se tornaram reais e assim “logo 1984, quem diria, virou um ano ficcional”.⁴² Porém, mais à frente no texto, ele argumenta que existem muitas coincidências entre nosso mundo atual e a ficção, “o Ministério da Verdade parece um tataravô do nosso ‘gabinete do ódio’ e sua fábrica de *fakenews* [...] Muitos associaram a prática dos ‘dois minutos de ódio’ com o que chamamos, hoje, de cultura de cancelamento”,⁴³ ainda cita as teletelas⁴⁴ que seriam nossos celulares.

Assim, o objetivo deste estudo é traçar possibilidades de análises historiográficas

³⁹ SCAVONE Rubens Teixeira. O livro que em 1948 previu 1984. Revista *Manchete*. 20 de março de 1982, edição 1561, p. 63 Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=George%20Orwell&pagfis=208334>>. Acesso em: 07 de abr de 2022.

⁴⁰ Pela Lei nº 9.610, uma obra entra em domínio público no Brasil no dia 1º de janeiro do ano subsequente ao septuagésimo ano da morte de um autor.

⁴¹ Disponível em <https://www.amazon.com.br/>. Acesso em: 10 de junho de 2021.

⁴² DUVIVIER, Gregório. Apresentação. In: ORWELL, George. **1984**. [s.l.]: Antofágica, 2021, p. 11

⁴³ DUVIVIER, 2021, p. 11

⁴⁴ Um aparelho de telecomunicação que transmite imagens e som de forma bidirecional, usada para informar e também espionar a população.

do livro *1984* de George Orwell que não se restrinja à análise da relação que o livro possui com seu criador e com o momento histórico vivido por ele, mas que seja uma análise em que possamos explorar também as leituras que o público de diferentes épocas e de um país como o Brasil, um país longe do qual Orwell viveu, fizeram do livro, para assim compreendermos como cada época dialogou com o livro de George Orwell de uma forma diferente. Para tanto, além de ter o texto de *1984* como fonte histórica, utilizaremos suas diferentes edições publicadas no Brasil entre 1954 e 2019, as notícias e críticas literárias publicadas sobre o livro nos jornais e revistas de maior circulação no país, cujos acervos estão disponibilizados para acesso on-line: Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e Manchete, e também a produção acadêmica que abarca a obra como tema de estudo.

A proposta, portanto, é analisar a obra *1984* de George Orwell sob três aspectos, sendo eles: o que une e o que separa as narrativas históricas das narrativas literárias e como essas narrativas se encontram dentro do livro *1984*, como a percepção sobre o livro foi se alterando com o passar do tempo e, por fim, as diferentes recepções do livro no Brasil ao longo das décadas. A intenção é discutir quais as reflexões podem ser extraídas de uma obra literária tão célebre quanto *1984* e tentar desvendar o porquê de ainda hoje esta obra continuar despertando interesse e diálogo com o público.

Diante do exposto, reitera-se a necessidade de discussões entre outras áreas do conhecimento dentro das Ciências Humanas e Sociais, entendendo que esta discussão pode ser alcançada pelo exercício reflexivo. Tendo isso em mente, desenvolvemos o trabalho que se segue, tentando olhar para a obra escolhida para estudo sob vários ângulos possíveis. No primeiro capítulo, tentaremos estabelecer os limites discursivos da História e da literatura, apresentando a visão de Orwell sobre ambos os temas e como eles estão representados em sua obra *1984* e, ao mesmo tempo, como a historiografia pode tornar essa barreira limítrofe entre elas mais tênue para enriquecer o estudo.

O segundo capítulo é dedicado ao percurso realizado pela obra de Orwell, da sua chegada traduzida ao Brasil, a sua entrada em domínio público, as opiniões gerais dadas sobre o livro pelos leitores, representados aqui pelos críticos literários, por jornalistas e leitores comuns aos quais tivemos acesso, sendo guiados principalmente pela questão da atualidade da história criada por Orwell percebida por esse público. Atualidade essa que, em muitos casos, fazem com que *1984* seja descrito como sendo uma previsão do futuro feita por George Orwell, uma vez que muitas de suas “profecias” se “cumpriram” em um futuro próximo ou mais distante da sua publicação.

Por fim, mostraremos como os temas presentes em *1984* (por meio de três temas

guias: privacidade, Grande Irmão e sexualidade) foram sendo resignificados, reinterpretados e inseridos na realidade histórica dos leitores ao longo das setenta décadas de leitura do livro no Brasil e como muitos desses temas abordados no livro continuam relevantes hoje e foram incorporados ao cotidiano das pessoas.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA E LITERATURA: AFASTAMENTOS, APROXIMAÇÕES E PROBLEMAS DE PESQUISA

“Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado”
(ORWELL, 2009, p. 69)

Um dos gêneros literários mais comumente associado à História é a distopia. Isso ocorre tanto pela curiosidade em compreender a análise de conjuntura e o estado de coisas que motivaram o autor a conceber uma narrativa de desolação, quanto pela vontade de analisar como a humanidade poderia ter sido conduzida a esse futuro distópico. Além disso, a distopia desperta interesse em negar ou confirmar as “previsões” feitas pelo autor.

Muitos intelectuais compactuam com esse pensamento, como o já citado italiano Umberto Eco disse, que só um quarto de 1984 é ficção; os outros três quartos são história. Corroborado por Jablonka, para quem o “romance ajuda a esclarecer a realidade não porque ele é verossímil ou documentado”; mas, sim, por causada “qualidade de sua abordagem. Isso explica porque será mais útil ler Proust do que um mau sociólogo; *Le zéro et l’infini* e 1984 mais do que um trabalho entediante sobre o stalinismo”.⁴⁵

Essas duas afirmações podem assustar um pouco tanto historiadores quanto literatos, uma vez que costuma se pensar ambas as áreas de conhecimento com uma fronteira muito bem delimitada entre elas, mas que talvez não assuste tanto assim aos leitores. Dessa forma, iniciemos então com a pergunta: como podemos entender o que é História e o que é literatura?

Segundo Pesavento,⁴⁶ devemos entendê-las, História e literatura, como “formas de conhecimento ou discursos sobre o mundo”, isso nos ajuda a diluir as fronteiras e relativizar a “dualidade verdade/ficção, ou a suposta oposição real/não-real, ciência ou arte” levantadas por esta pergunta. Elas podem, assim, ser consideradas “duas formas de apreensão do mundo

⁴⁵ JABLONKA, Ivan. O terceiro continente. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 19, n. 35, jul.-dez. 2017, p. 16. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/41248/21809>>. Acesso em: 13 de jul de 2021.

⁴⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da & MACHADO, Maria Clara Tomaz. *História e literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006, p. 03.

que se coloca em jogo, face a face, em relações de aproximação e distanciamento.” Vale ressaltar que ambas “são narrativas que têm o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo”. A depender do prisma pelo qual se olha poderemos distanciar as duas, ou, ao contrário, aproximá-las, em virtude das características que compartilham, por vezes opostas, por vezes similares, como mostraremos à frente.

No primeiro momento, iremos direcionar o olhar para a obra escrita por George Orwell para entender como História e literatura se relacionam em *1984*, tanto interna quanto externamente ao livro. Para tal é importante falarmos um pouco mais profundamente sobre o gênero literário utopia/distopia e sua ligação com a história. Em seguida, a arguição passa para as preocupações historiográficas que Orwell possuía e como isso se reflete na obra aqui estudada e quais artifícios literários ele usou para dar vazão às suas ideias.

1.1 – Distopia

podemos entender literatura como o conjunto de obras, que por versarem sobre o mesmo assunto, podem ser agrupados sob uma denominação comum, como ocorre, por exemplo, com o que conhecemos como literatura utópica. Livros com características semelhantes em suas narrativas que imaginam um lugar ou um tempo diferentes daquele em que se vive e são agrupadas sob esse gênero literário.

Para Orwell,⁴⁷ “as Utopias (a propósito, a palavra ‘utopia’ não significa ‘um lugar bom’, apenas ‘um lugar não existente’) têm sido comuns na literatura dos trezentos ou quatrocentos anos recentes”; porém, segundo ele, as utopias que são “favoráveis”, isto é, aquelas que mostram uma sociedade feliz, “são invariavelmente insossas, e comumente também carentes de vitalidade” e “todos os esforços para descrever uma felicidade permanente têm fracassado, desde a história mais primeva”. Orwell vai um pouco mais longe e de forma irônica dá sua opinião sobre quem escreve utopias:

Quase todos os criadores de utopia se parecem com o homem que está com dor de dente e, por isso, pensa que a felicidade consiste em não ter dor de dente. Eles querem produzir uma sociedade perfeita mediante uma interminável continuação de algo que só foi valioso porque era temporário. Mais sábio seria dizer que há certas linhas ao longo das quais a humanidade tem de se movimentar, que a grande estratégia está mapeada, mas que profecia em detalhes não faz parte de nosso negócio. Quem quer que tente imaginar perfeição simplesmente revela seu próprio vazio.⁴⁸

⁴⁷ ORWELL, George. *O que é o fascismo?: e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 64.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 71.

Na Idade Moderna, as utopias retratavam povos e sociedades melhores que as existentes no continente europeu. Normalmente eram relatos de descobertas feitas por viajantes que desembarcavam em alguma terra estrangeira e ali descobriam uma sociedade perfeitamente bem-ordenada, como exemplo temos: *Utopia* (1516), de Thomas More; *As Viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift; *Nova Atlântida* (1626), de Francis Bacon. Dessa forma, o espaço de experiência das utopias existentes era primariamente espacial, “e assim era também seu modo de representação”.⁴⁹ Essa concepção mudou ao final do século XVIII, os europeus já haviam explorado os mares e visto o quanto poderia se ver das costas marítimas por todo o globo e então as utopias ficaram sem lugar para acontecer no tempo presente. Houve, assim, uma alteração na maneira de contar as histórias utópicas, ao invés de ocorrer deslocamento espacial começou a ocorrer o deslocamento temporal. As utopias passaram a acontecer no futuro.

Se a utopia já não podia mais ser estabelecida nem na nossa Terra presente nem além, era preciso recuar para o futuro. Finalmente havia encontrado o espaço de desafogo para o qual a imaginação, infinitamente reproduzível como o tempo, podia fluir livremente.⁵⁰

Enquanto utopias espaciais se nutriam da possibilidade de “verificabilidade daquilo que havia sido encontrado e observado no espaço”, o mesmo não se dava com a utopia futurista, uma vez que o futuro não se dá a ser observado nem verificado, ou seja, o futuro “não pode ser alcançado pela experiência”. “O que o futuro oferece é, em poucas palavras, a compensação da miséria atual, seja ela de natureza social, política, moral, literária ou qualquer outra que o coração sensível ou a razão esclarecida possam desejar”.⁵¹ É por isso que Koselleck⁵² considera que a “utopia futurística é, dentro do repertório de criação ficcional, um feito genuíno e puro da consciência do autor”. Dessa forma, ocorreu uma mudança no paradigma de um autor de ficção utópica, uma vez que ele “já não descobre mais aquilo que acha, encontra ou finge encontrar. Agora, o autor de uma visão futurística se transforma, em sentido autêntico, no próprio produtor de sua utopia”.

Segundo Orwell,⁵³ “a concepção de um céu ou uma utopia varia de acordo com a

⁴⁹ KOSELLECK, Reinhart, **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014, p. 123.

⁵⁰ Ibidem, p. 124.

⁵¹ Ibidem, p. 128.

⁵² Ibidem, p. 124.

⁵³ ORWELL, 2017, p. 69.

época”, ideia corroborada por Liebel,⁵⁴ para quem a criação e escrita de uma obra utópica/distópica “é sincrônica, ou seja, está estreitamente vinculada a seu contexto histórico”. Bem, talvez por isso, Orwell quis retratar o inferno em *1984*, já que ele considerava que viveu em “uma época política”, em que “a guerra, o fascismo, os campos de concentração, os cassetetes de borracha, as bombas atômicas etc. são no que pensamos todos os dias, e, portanto, são, em grande parte, sobre o que escrevemos, mesmo quando não os mencionamos abertamente”.⁵⁵

A essa visão contrária à utopia damos o nome de distopia, um gênero literário caracterizado por uma narrativa em que a humanidade está sendo conduzida não ao progresso positivo, mas, sim, ao progresso negativo, isto é, um futuro que mesmo havendo progressos tecnológicos, por exemplo, é um futuro de decadência e de miséria da humanidade, que se encontra mergulhada em um pesadelo social, dominada, sobrepujada por ditaduras totalitárias. “Se você quer formar uma imagem do futuro, imagine uma bota pisoteando um rosto humano — para sempre”, diz Orwell em *1984*.⁵⁶

Como gênero literário, a distopia se desenvolveu mais plenamente a partir do século XIX, época em que foi responsável por fornecer muitas das imagens que representam o estilo,⁵⁷ decorrentes dos efeitos da revolução industrial e do avanço do capitalismo. Quando a burguesia impôs sua violência política e econômica, barulho da crescente industrialização se fazia ouvir mais alto nos grandes aglomerados urbanos.

O ápice de produção e popularidade do gênero se deu no século XX, com obras hoje já clássicas como: *Nós* (1924), de Ievguêni Zamiátin; *Admirável Mundo Novo* (1932), de Audous Huxley; *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury; *O Homem do Castelo Alto* (1962), de Philip K. Dick; *O Conto da Aia* (1985), Margaret Atwood. O gênero continuou forte no século XXI, tendo sido renovado por uma onda de distopias juvenis de muito sucesso, como as séries literárias: *Feios* (2005), de Scott Westerfeld; *Jogos Vorazes* (2008), de Suzanne Collins; *Maze Runner* (2009), James Dashner e *Divergente* (2011), de Veronica Roth. Quase todas tendo alcançado sucesso em suas adaptações cinematográficas.

⁵⁴ LIEBEL, Silvia. **Das utopias modernas às distopias contemporâneas: conceito, prática e representação.** Ebook - Belo Horizonte: Fino Traço, 2021, p. 199.

⁵⁵ ORWELL, George. **Escritores e Leviatã**, 2011. Disponível em: < <https://scriv.com.br/george-orwell/b/dentro-da-baleia-e-outros-ensaios/a-politica-da-literatura-cap-i-escritores-e-leviat%C3%A3>>. Acesso em: 06 set de 2023.

⁵⁶ Idem, 2009, p. 312.

⁵⁷ LIEBEL, Vinícius. *Distopias – um gênero na história.* op. cit.

Dentre essas obras citadas, *Fahrenheit 451*,⁵⁸ se destaca pelas semelhanças temáticas que possui com *1984*, embora os livros abordem essas temáticas de maneiras diferentes. Tanto em *1984* quanto em *Fahrenheit 451*, a manipulação e o controle da informação são elementos-chave da repressão estatal. Em *1984*, o Partido controla a verdade e a História por meio da reescrita constante de registros históricos; já em *Fahrenheit 451*, os livros são proibidos e queimados para manter a sociedade ignorante e submissa. Outro fator em comum é a utilização das mídias de massa para manter a sociedade sob controle que no livro de Orwell são usadas para monitorar e vigiar os cidadãos e no livro de Bradbury é utilizada para idiotizar a todos, mantendo a população alienada e sem conexão real com outras pessoas.

O totalitarismo para os autores partem de momentos históricos diferentes, enquanto Orwell estava muito afetado pelos regimes totalitários, nazismo e fascismo, e pelo desmoronamento social do período entre guerras na Europa que soterrou o sentimento de otimismo vindo desde a *Belle Époque*, um período caracterizado pela prosperidade e estabilidade econômica, pelas inovações tecnológicas e um tempo de paz na Europa. Bradbury já estava percebendo uma nova forma de domínio agora exercido pela indústria cultural e o esfacelamento ético causado pela sociedade de consumo tendo como força motriz a expansão do capitalismo, vertiginoso aumento da produção industrial e a exportação do *american way of life* para o restante do mundo.

George Orwell⁵⁹ diz que os assuntos que um escritor irá abordar em seu texto será “determinado pelo tempo em que ele vive – pelo menos isto é verdade em tempos tumultuosos e revolucionários como são aqueles atuais”. Nesse texto intitulado *Por que Escrevo*, Orwell destaca “quatro grandes motivos” que um autor teria para escrever prosa, que seriam: “puro egoísmo”, “entusiasmo estético”, “impulso histórico” e o “propósito político”. Para ele, “em cada escritor eles [os quatro motivos] existem em diferentes graus e as proporções variam com o tempo, de acordo com a atmosfera em que vive”. Em outro texto, intitulado *Dentro da Baleia*,⁶⁰ ele reforça esse ponto de vista, mas pondera que o romancista “não é obrigado a escrever diretamente sobre história contemporânea”, porém alerta que aquele que desconsidera da sua escrita “os eventos públicos de maior alcance no momento é, geralmente, ou um louco ou um rematado idiota”.

⁵⁸ BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. São Paulo: Globo, 2007.

⁵⁹ ORWELL, George. **Por que escrevo e outros ensaios**. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021, p. 12-13.

⁶⁰ Idem. **Dentro da baleia e outros ensaios**. São Paulo: Princípios, 2021, p. 11.

Dois dos quatro motivos de Orwell possuem maior relação com *1984*: “impulso histórico” e o “propósito político”. Por impulso histórico, Orwell⁶¹ considera que o autor deve cultivar o “desejo de ver as coisas como são, de descobrir os fatos tal como ocorreram e preservá-los para a posteridade”. O Propósito político seria então “o desejo de impelir o mundo em certa direção, de alterar a concepção dos outros quanto ao tipo de sociedade que deveriam almejar.” Segundo ele, “nenhum livro é genuinamente isento de viés político. A opinião de que a arte não deveria ter nada a ver com política é, em si mesma, uma atitude política”.

1.2 - História

O Partido dizia que a Oceânia jamais fora aliada da Eurásia. Ele, Winston Smith, sabia que a Oceânia fora aliada da Eurásia não mais de quatro anos antes. Mas em que local existia esse conhecimento? Apenas em sua própria consciência que, de todo modo, em breve seria aniquilada. E se todos os outros aceitassem a mentira imposta pelo Partido — se todos os registros contassem a mesma história —, a mentira tornava-se história e virava verdade. “Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado”, rezava o lema do Partido. E com tudo isso o passado, mesmo com sua natureza alterável, jamais fora alterado. Tudo o que fosse verdade agora fora verdade desde sempre, a vida toda. Muito simples.⁶²

Muito simples! Era assim que Orwell expressava seu medo da perspectiva de que a escrita da História pudesse ser falseada e controlada por um Estado Totalitário. Essa preocupação com a escrita da História, e as possíveis “interdições” que ela poderia sofrer, foi um tema muito presente e recorrente em seus escritos, sejam ficcionais, ensaísticos ou jornalísticos. Tema tão importante que é um dos fios condutores de sua obra mais famosa: *1984*. Uma vez que Orwell coloca o protagonista da obra trabalhando diretamente com os falseamentos históricos ordenados pelo Partido.

Winston Smith trabalha no Departamento de Documentação, um departamento pertencente ao Ministério da Verdade, um dos quatro ministérios que compõe a burocracia do Partido. Apesar do nome, o Ministério da Verdade, em um jogo semântico da Novilíngua, faz o seu exato oposto de seu nome, é o ministério responsável por falsificar todos os documentos de maneira que eles sempre reforcem e condigam com a verdade atual do Partido, sejam eles documentos escritos, em vídeo ou áudio que possam servir no futuro como registros e referências do passado, tal atitude se justifica, pois o Partido e, principalmente, o Grande

⁶¹ ORWELL, op. cit., p. 12-13.

⁶² ORWELL, 2009, p. 47.

Irmão devem parecer infalíveis em suas ações. Eles nunca erraram, nunca perderam e nunca irão.

No capítulo 4 da parte I do livro, conhecemos um dia de trabalho de Winston, que consiste em realizar alterações nas notícias publicadas em jornais antigos, para “retificar” informações que já não ajudava o governo, como por exemplo, informações das frentes de batalhas que não haviam se confirmado segundo as previsões do Grande Irmão. Essas informações precisavam então ser revistas, pois não se poderia deixar registrado que o Grande Irmão errou em alguma previsão.

[...] a leitura do Times de 17 de março dava a impressão de que, num discurso proferido na véspera, o Grande Irmão previra que as coisas permaneceriam calmas no fronte do sul da Índia, mas que o norte da África em breve assistiria a uma ofensiva das forças eurásianas. Na verdade, porém, o alto-comando da Eurásia lançara uma ofensiva sobre o sul da Índia, deixando o norte da África em paz. Assim, era necessário reescrever um parágrafo do discurso do Grande Irmão, de forma a garantir que a previsão que ele havia feito estivesse de acordo com aquilo que realmente acontecera.⁶³

Podemos ver no trecho supracitado um desdobramento da preocupação de George Orwell com a escrita da história sendo feita pelo vencedor, no caso para preservar a imagem do grande líder do regime que comanda a Oceânia, uma vez que “a principal qualificação de um líder de massas é a sua infinita infalibilidade; jamais pode admitir que errou”, pois essa imagem infalível é construída não sobre a inteligência superior do líder, ou do Grande Irmão; mas, sim, na “correta interpretação de forças históricas” que ele é capaz de realizar. “Uma vez no poder, os líderes da massa cuidam de algo que está acima de quaisquer considerações utilitárias: fazem com que as suas predições se tornem verdadeiras”,⁶⁴ mantendo assim o tom divinatório dos líderes totalitários.

George Orwell foi um dos intelectuais mais ativos na crítica e no combate aos governos fascistas e totalitários surgidos na Europa do século XX, tendo inclusive lutado ao lado de guerrilhas na Espanha no combate ao franquismo. Por isso, ele questionava como a História seria escrita se tais governos totalitários se tornassem hegemônicos no futuro, porque Orwell⁶⁵ sabia que “a história é escrita pelos vencedores”. Nesses termos, os livros de História

⁶³ ORWELL, 2009, p. 53.

⁶⁴ ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 482.

⁶⁵ ORWELL, 2017, p. 77.

viriam repletos de mentiras, baseado em fatos falseados por tais regimes e que, com o tempo, seriam tomados como verdadeiros.

Em um texto de 1943, chamado *Looking back on the spanish war*, Orwell⁶⁶ demonstra um episódio narrado na imprensa “católica e reacionária” espanhola em que uma notícia mentirosa é contada com finalidades políticas para controlar uma situação. A notícia dizia que havia na Espanha a presença de um exército russo pronto para influenciar e tomar o poder do país. Esse suposto exército era utilizado com cunho propagandístico por Franco para não deixar o combate ao comunismo dos seus devotos adeptos arrefecer. “Ora, não havia nenhum exército russo na Espanha”, Orwell conta, “talvez um punhado de aviadores e outros técnicos, algumas centenas no máximo, mas certamente não um exército”, conclui. Neste mesmo texto ele diz:

Afinal, as possibilidades são de que tais mentiras, ou então mentiras similares, vão acabar incorporadas à história. Como será escrita a história da Guerra Civil Espanhola? Se Franco permanecer no poder, os seus prepostos vão escrever os livros de história, e (para me ater ao caso mencionado) esse exército russo que nunca existiu vai se tornar um fato histórico, então a partir daí gerações de crianças vão aprender isso na escola. Porém, suponha que o fascismo seja afinal derrotado e que algum tipo de governo democrático seja restaurado na Espanha num futuro razoavelmente próximo; ainda assim, como será contada a história da guerra? Que tipo de registro será deixado para trás por Franco? Vamos supor até que os registros mantidos pelo governo sejam recuperáveis — mesmo assim, como será possível escrever uma história verídica da guerra? Pois, como disse, o governo também recorreu bastante às mentiras. A partir de uma perspectiva antifascista, daria para escrever uma história razoavelmente verídica do conflito, mas seria uma história tendenciosa, pouco confiável em todos os detalhes. Todavia, afinal, algum tipo de história vai ser escrito, e depois que aqueles que se recordam da guerra estiverem mortos, é isso o que vai ser universalmente aceito. Portanto, para todas as finalidades práticas, a mentira terá se transformado em verdade.⁶⁷

Outra mudança que Winston deveria realizar nesse dia de trabalho que estamos acompanhando, correspondia ao número da produção de bens de consumo e a promessa de que a ração de chocolate não sofreria cortes, fato esse que não se realizou, pois a ração foi reduzida de trinta para vinte gramas.

Em fevereiro último, o Ministério da Pujança fizera publicamente a promessa (no linguajar oficial: “assumira o compromisso categórico”) de não promover nenhum corte na ração de chocolate no decorrer de 1984. Na verdade, como Winston já sabia, no fim daquela semana a ração de chocolate

⁶⁶ ORWELL, George. **Sobre a verdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 99.

⁶⁷ ORWELL, 2020, p. 99-100.

seria reduzida de trinta para vinte gramas. Bastava substituir a promessa original pela advertência de que a ração de chocolate provavelmente sofreria uma redução em abril.⁶⁸

Após as modificações serem feitas, novas edições dos jornais eram impressas e as antigas eram incineradas. Dessa forma, o passado era constantemente reatualizado, sem que houvesse vestígios de quais fatos, estatísticas e até mesmo pessoas haviam sido alteradas e apagadas. “Depois de efetuadas todas as correções a que determinada edição do Times precisava ser submetida e uma vez procedida a inclusão de todas as emendas, a edição era reimpressa, o original era destruído e a cópia corrigida era arquivada no lugar da outra”.⁶⁹

A terceira tarefa que Winston deveria cumprir nesse dia de trabalho era reescrever um discurso do Grande Irmão em que ele homenageava uma instituição responsável pelo fornecimento de cigarros aos tripulantes das Fortalezas Flutuantes; porém, por algum motivo, essas pessoas caíram em desgraça e foram apagadas da História. Em seu lugar, para preencher essa lacuna, deixada pelo apagamento histórico, Winston cria um camarada de nome Ogilvy e cria também toda uma biografia para inserir no lugar do discurso anterior.

Esse processo de alteração contínua valia não apenas para jornais como também para livros, periódicos, panfletos, cartazes, folhetos, filmes, trilhas sonoras, desenhos animados, fotos — enfim, para todo tipo de literatura ou documentação que pudesse vir a ter algum significado político ou ideológico. Dia a dia e quase minuto a minuto o passado era atualizado. Desse modo era possível comprovar com evidências documentais que todas as previsões feitas pelo Partido haviam sido acertadas; sendo que, simultaneamente, todo vestígio de notícia ou manifestação de opinião conflitante com as necessidades do momento eram eliminados. A história não passava de um palimpsesto, raspado e reescrito tantas vezes quantas fosse necessário. Uma vez executado o serviço, era absolutamente impossível provar a ocorrência de qualquer tipo de falsificação. A maior seção do Departamento de Documentação, muito mais ampla do que aquela em que Winston trabalhava, era composta de pessoas cuja única obrigação era localizar e recolher todos os exemplares de livros, jornais e outros documentos que tivessem sido substituídos e precisavam ser eliminados. Alguns números do Times que — devido a mudanças no alinhamento político ou em virtude de profecias equivocadas do Grande Irmão — podiam ter sido reescritos uma dúzia de vezes continuavam arquivados com sua data original de publicação, sem que houvesse outro exemplar para contradizê-lo. Os livros também eram recolhidos e reescritos vezes sem conta, e nas reedições jamais se admitia a introdução de modificações. Tampouco nas instruções que Winston recebia por escrito e das quais tratava de se livrar tão logo se desincumbia delas, reconhecia-se ou dava-se a entender que a tarefa solicitada implicava um ato de falsificação; a referência era sempre a

⁶⁸ ORWELL, 2009, p. 53.

⁶⁹ ORWELL, 2009, p. 55.

deslizes, equívocos, erros de impressão ou citações improcedentes, os quais era necessário, em benefício da exatidão, corrigir.⁷⁰

Ao falar que Winston devia se livrar das instruções de modificação que recebia, Orwell⁷¹ nos apresenta o conceito de buraco da memória, um importante sistema criado pelo regime da Oceânia para que não haja rastro das ações executadas pelo Partido que possa contradizê-lo historicamente, para que, assim, só existam os registros oficiais. Esses buracos da memória “se espalhavam aos milhares, ou dezenas de milhares, por todo o edifício, fazendo-se presentes não apenas em cada sala, mas também, a pequenos intervalos, em todos os corredores” dos prédios ligados a administração do partido, assim os funcionários poderiam se livrar a qualquer momento de documentos comprometedores, bastava levantar “a tampa do buraco da memória mais próximo e o jogava ali dentro, e então o papel ia torvelinhando numa corrente de ar quente até cair numa das fornalhas descomunais que permaneciam ocultas nos recessos do edifício.”

Esses buracos da memória são uma representação simbólica da manipulação e da censura praticadas pelo Partido, que procura apagar qualquer vestígio da verdade que possa ameaçar seu controle sobre a sociedade. Ao descartar as evidências incriminadoras dessa maneira, o Partido garante a continuidade do seu domínio sobre a narrativa histórica, perpetuando sua versão dos eventos e assegurando a submissão da população ao seu poder autoritário.

Orwell ainda nos oferece outro exemplo sobre esse tema no texto *História e Mentira*⁷² (1944). Ele conta que, entre os anos de 1941 e 1942, uma rádio alemã propagava para sua audiência “histórias de devastadores ataques aéreos a Londres”, ataques que, como sabemos hoje, na verdade nunca ocorreram. Esse acontecimento fez o autor levantar certos questionamentos: “que uso teria esse nosso conhecimento se os alemães houvessem conquistado a Grã-Bretanha? Para os fins de um futuro historiador, esses bombardeios aconteceram ou não?” A resposta segundo ele é: “se Hitler sobreviver, eles aconteceram; se ele cair, eles não aconteceram”.

São questões como essas que levaram Orwell⁷³ a concluir que a escrita da história não é algo “decidido por métodos baseados em evidências”, já que “uma versão nazista e uma versão não nazista da guerra atual não teriam semelhança uma com a outra”, o que estaria

⁷⁰ ORWELL, 2009, p. 54-55.

⁷¹ Ibidem, p. 51-52.

⁷² ORWELL, 2017, p. 77.

⁷³ Ibidem, p. 76-78.

então nos futuros livros de história seria decidido “no campo de batalha”. Por isso ele diz não invejar “a tarefa do futuro historiador”. Com esses textos, podemos perceber que Orwell se preocupava com a direção que o discurso histórico iria tomar forma após a guerra contra o fascismo, uma vez que o fascismo, assim como outros regimes totalitários, possuía instrumentos muito eficientes de controle sobre os discursos históricos da década de 1940.

Assim como nos exemplos da presença do exército russo na Espanha e dos bombardeios de Londres divulgados pelos nazistas, a escrita histórica das guerras aparecem nas páginas de *1984*: “a Oceânia estava em guerra com a Eurásia: em consequência, a Oceânia sempre estivera em guerra com a Eurásia”, nessa, que talvez seja uma das passagens mais conhecida do livro nas redes sociais hoje, principalmente pelo destaque que as *fakenews* ganharam no debate público. Na ficção, como na realidade de hoje, “o Partido”, assim como nossos políticos, é “capaz de meter a mão no passado e afirmar que esta ou aquela ocorrência jamais acontecera” o que para o personagem Winston é “sem dúvida [...] mais aterrorizante do que a mera tortura ou a morte”.⁷⁴

Um controle que não se resume apenas a documentos escritos, mas se estende por tudo aquilo que Pierre Nora (1993) chama de “lugar de memória”: edifícios, praças e ruas, estátuas etc. Orwell⁷⁵ mostra que esses lugares também sofrem apagamentos: “conhecer a história pela arquitetura era tão inviável quanto conhecê-la pelos livros. Estátuas, inscrições, lápides comemorativas, nomes de ruas — tudo o que poderia lançar alguma luz sobre o passado fora sistematicamente alterado”, o Partido fazia isso atribuindo a si a construção de “tudo que fosse grande e portentoso” e “tivesse uma aparência razoavelmente nova” e todo o restante, ou seja, “todas as coisas que evidentemente datavam de épocas anteriores eram atribuídas a um período indistinto denominado Idade Média”, uma vez que durante o período do capitalismo nada de valor havia sido criado. Nem mesmo o calendário era confiável “naquele momento, por exemplo, em 1984 (se é que estavam em 1984)”⁷⁶ desconfia o personagem Winston.

Hannah Arendt⁷⁷ dá o exemplo de “quando Stalin decidiu reescrever a história da Revolução Russa”: ele teve que garantir que as versões passadas dessa história não pudessem ser encontradas. Para isso, além de investir na propaganda para espalhar essa nova História, deveriam ser destruídos tanto os livros e documentos quanto “os seus autores e leitores: a publicação, em 1938, da nova história oficial do Partido Comunista assinalou o fim do

⁷⁴ ORWELL, 2009, p. 47.

⁷⁵ Ibidem, p. 120.

⁷⁶ Ibidem, p. 46.

⁷⁷ ARENDT, 2020, p. 474.

superexpurgo que havia dizimado toda uma geração de intelectuais soviéticos”. Na sociedade fictícia de 1984, também aconteceram expurgos para eliminar uma geração de pessoas, servindo como apagamento da memória do que existia antes da revolução que levou o Grande Irmão e o Partido ao poder. “A geração mais velha fora quase totalmente eliminada pelos grandes expurgos dos anos 1950 e 60, e o terror imposto aos que continuaram vivos os reduzira havia muito a um estado de completa rendição intelectual”.⁷⁸

Dessa forma, o passado verdadeiro não poderia ser recuperado. Voltamos mais uma vez à frase “Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado”,⁷⁹ como ocorria na URSS sob os poderes de Stalin, onde “desde que subiu ao poder, Stalin não apenas eliminou os vivos, mas também apagou a sua memória na história e nos livros”.⁸⁰

Essa conexão com o trabalho de Winston no Ministério da Verdade com o método adotado por Stalin e pela política da URSS é tão visível que elas começaram a aparecer indissociáveis nas notícias a partir década de 1950. Em 1954, por exemplo, os editores da Grande Enciclopédia Soviética pediam a seus assinantes que substituíssem as páginas do volume 5 da enciclopédia, apagando a existência de Beria e substituindo por outras coisas de menor importância, assim como ocorre no livro de Orwell

No seu aviso aos assinantes, os editores da Enciclopédia recomendavam que as páginas indesejáveis "deveriam ser removidas a corte de tesoura ou por meio de uma navalha, conservando-se uma margem a fim de se poder afixar as novas páginas". Dessa maneira, uma vez efetuada a substituição, tudo ficaria como se as páginas originais jamais houvessem existido. Como Trotsky e outros Beria teria simplesmente deixado de existir na história russa. Os seus retratos já foram todos retirados [...] As obras literárias de Beria estão sendo removidas das bibliotecas em toda parte. Este é o processo que naquela sinistra fantasia de George Orwell, "1984" [...] se chama "despersonalização". Um "despersonalizado" é uma pessoa que caiu no desagrado do Partido, está morto e, de acordo com a atual política do partido, nunca deveria ter existido. Todo vestígio de sua existência, por conseguinte, deve ser apagado.⁸¹

Uma década mais tarde, as constantes modificações na História e na Enciclopédia Soviética ainda são notícias com as reimpressões e retiradas de páginas as quais ela ainda é submetida. A matéria até faz uma sugestão de que no futuro, para baratear a produção, os

⁷⁸ ORWELL, 2009, p. 107-108.

⁷⁹ ORWELL, 2009, p. 47.

⁸⁰ NOVA “verdade” na Rússia. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 24, jun, 1967, Suplemento Literário, p. 02.

⁸¹ MANNING, Maurice. Antes de 1984... Beria foi "despersonalizado" na Rússia como previu Orwell. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12, jul, 1954, Geral.

livros sejam impressos em folhas avulsas, “pois desta maneira seria muito mais fácil e simples reescrever periodicamente a história, sempre de acordo com os interesses da dialética e dos detentores do poder sem a necessidade de retirar todos os livros das bibliotecas públicas e particulares” sem ter de destruí-los ou reeditá-los no seu todo. Continua dizendo que “George Orwell já se ocupou com este problema, mas o que ele previa para 1984 já existia, na URSS, em 1924 e em todos os anos que desde então passaram, até hoje”.⁸²

Em determinado momento da história, Winston parte à procura de alguém que consiga lhe contar como era a vida anterior a revolução, especialmente em relação à vida dos capitalistas, pois ele sabe que o que se lê nos livros de História foi tantas vezes alterado, tantas vezes reescrito, que são dignos de pouquíssima ou nenhuma confiança em seus relatos. Ao ver em um bar um “proleta”,⁸³ que ele julga ter por volta de oitenta anos, deixando-o um pouco surpreso, uma vez que era raro encontrar pessoas mais velhas, devido aos já citados expurgos, Winston então se aproxima do velho:

“O senhor é bem mais velho que eu”, disse Winston. “Provavelmente quando eu nasci já era um homem feito. Deve se lembrar de como eram as coisas nos velhos tempos, antes da Revolução. A bem da verdade, as pessoas da minha idade não sabem nada sobre essa época. Só temos os livros para nos contar, e os livros talvez não digam a verdade. Gostaria de saber o que o senhor pensa a respeito. Os livros de história dizem que a vida antes da Revolução era completamente diferente de como é hoje. Imperava a mais terrível opressão, injustiça, miséria — uma coisa inimaginável de tão ruim. Aqui em Londres, parece que a maioria das pessoas nascia e morria sem ter como se alimentar direito. Metade não tinha nem botinas para calçar. Trabalhavam doze horas por dia, paravam de estudar aos nove anos e dormiam dez em um quarto. Também dizem que havia um número extremamente pequeno de indivíduos, um número que não ultrapassava a casa dos milhares — chamavam-se capitalistas —, que eram ricos e poderosos. Possuíam tudo o que podia ser possuído. Moravam em casarões suntuosos, tinham trinta empregados, circulavam pelas ruas em automóveis e carruagens puxadas por duas parselhas de cavalos, bebiam champanhe, usavam cartola [...]”⁸⁴

Por meio da tentativa de Winston de recuperar a memória histórica e de conseguir saber o que realmente se passou, em razão da falta de confiança da História disponível, Orwell nos ajuda a entrar na discussão iniciada no século XIX, no período de cientificação da

⁸² MANNING, Maurice. Antes de 1984... Beria foi "despersonalizado" na Rússia como previu Orwell. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12, jul, 1954, Geral.

⁸³ Os proletas se configuram como a classe mais inferior da sociedade dominada pelo Grande Irmão, são os proletários, cuja única função segundo o Partido é trabalhar e procriar, vivem alienados e em condições precárias para que não se revoltam contra o governo e nem tenham força política.

⁸⁴ ORWELL, 2009, p. 110-111.

História, posteriormente reforçada por Foucault e Certeau, de como salvaguardar os discursos historiográficos, preservando suas características fundamentais que o distinguem de outras produções científicas e artísticas, como da literatura e assim não espantar tanto a academia com frases como aquelas da introdução deste capítulo.

Com base nas preocupações de Orwell quanto ao futuro da escrita da História, devemos pensar nela como um discurso pelas teorias foucaultianas.⁸⁵ Sendo assim, ela seria definida por “um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos”. Tais regras, técnicas e instrumentos são fundamentais para dar o escopo de ciência para a pesquisa histórica.

A História sendo um discurso está submetida, ainda segundo Foucault,⁸⁶ em seu *A Ordem do Discurso*, a “vontade de verdade”, que é um instrumento de controle externo, uma vez em que ela “apoia-se sobre um suporte institucional” que “é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas”. Esse suporte e distribuição institucional “tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção”, isto é, submeter as práticas historiográficas a certas regras e epistemologias a depender de onde é produzido, processo esse que Certeau deu o nome de “operação historiográfica”

Na obra *A Escrita da História*, Michel de Certeau⁸⁷ nos mostra qual o papel que a escrita, principalmente a escrita da História, ocupa no ocidente. E que essa escrita, por estar vinculada a um lugar socioeconômico-institucional, como por exemplo, uma universidade ou uma corrente de pensamento, pode se tornar um discurso colonizador, já que ao revestir alguém com autoridade de falar sobre algo ou sobre alguém também se está silenciando um aspecto daquela narrativa. Nisso podemos ver esse aspecto coercitivo foucaultiano vinculado ao discurso.

Escrever a História significa então se submeter a certas regras, que Certeau define como sendo “operação historiográfica”, que são os conjuntos de práticas éticas e epistemológicas que o historiador, “que em última instância também é um escritor”, deve se submeter e se vincular para que o resultado de seu trabalho, isto é, o discurso narrativo escrito, possa ser classificado e caracterizado por seus pares como sendo um trabalho

⁸⁵ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 28-29.

⁸⁶ Ibidem, p. 16.

⁸⁷ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

historiográfico. Certeau diz que a História é ao mesmo tempo uma disciplina, uma prática e uma escrita. Por isso, ele frisa a necessidade da utilização de uma teoria, que estão ligadas ao lugar social ocupado pelo historiador para as produções historiográficas, evitando assim a construção de dogmas.

Para Certeau,⁸⁸ “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural”, normalmente representada por uma academia ou uma vertente de pensamento a qual o historiador se liga. Dessa forma, a pesquisa fica “submetida a imposições”. Tais imposições, ou controles como diria Foucault, são ligadas a privilégios e estão enraizados nas particularidades dos indivíduos e das instituições. “É em função deste lugar que se instaura os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam”. Portanto, o historiador, ao escrever a História, deve obedecer às regras estabelecidas pela academia e pelos seus pares. Certeau⁸⁹ conclui que a História “é o produto de um lugar”.

Para completar essa “operação” que transforma um discurso em História, tendo em vista o peso que a instituição e o lugar social que os indivíduos ocupam e que influenciam na construção deste discurso historiográfico, chegamos ao ponto de entender qual o papel do historiador enquanto narrador de uma História e sobre o que ele narra.

1.3 – Literatura

Após explorarmos as perspectivas de George Orwell sobre a interseção entre a escrita e o contexto temporal no qual um autor está imerso, assim como suas profundas inquietações em relação à escrita histórica, passaremos a análise crítica das maneiras como esses aspectos se conjugaram nas escolhas narrativas feitas por ele e como elas se manifestaram nas decisões narrativas que ele tomou ao construir a trama de *1984*.

Partimos do pressuposto de que História e literatura são distintas formas de discurso. Enquanto a História se dedica a relatar eventos racionalmente verificáveis do passado, a literatura baseia-se na imaginação do autor para criar narrativas de possibilidades. Embora essas possibilidades não sejam eventos reais, elas possuem uma verdade dentro da voz narrativa. Essa voz narrativa é atribuída pelo emissor do discurso, sendo o historiador na História e o narrador na literatura. Se por um lado diz-se que o historiador realiza pesquisas e, por meio de um estudo crítico, expressa suas descobertas em forma de texto (como este que você está lendo), que está sujeito a procedimentos de controle foucaultianos e às práticas

⁸⁸ CERTEAU, 2002, p. 66.

⁸⁹ CERTEAU, 2002, p. 73.

historiográficas de Certeau; por outro lado, na literatura, encontramos uma abordagem diferente. A literatura utiliza uma variedade de vozes que são escolhidas de acordo com os objetivos criativos e estéticos do autor. Apesar de o discurso literário ainda ser feito por um autor, ele se dá por meio de um narrador, uma voz própria criada pelo autor para contar aquela história que ele imaginou. “Quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou”.⁹⁰

Na construção da história de *1984*, Orwell lança mão de uma polifonia de vozes narrativas para conseguir transmitir aos leitores tudo aquilo que ele deseja. Dessa forma, Orwell não apenas relata o que acontece com as personagens do seu livro e guia os leitores pela história que está contando, ele também leva os leitores a refletirem e a traçarem paralelos com suas próprias realidades. Constatamos isso ao verificar os narradores dessa história: primeiro, o narrador em terceira pessoa, que nos revela o que o personagem principal, Winston Smith, pensa e faz; o segundo, sendo o próprio Winston, que narra em primeira pessoa ao escrever em seu diário; o terceiro, um narrador externo que aparece por meio de um livro que Winston lê, e, por último, o autor do apêndice em formato de verbete que se encontra ao final da obra.

O narrador principal, aquele que narra os acontecimentos da vida de Winston, faz sua narração na terceira pessoa do singular por meio da onisciência seletiva e do discurso indireto livre. Isto é, o narrador limita sua visão a uma personagem, tendo ela como centro fixo da história, analisando as demais personagens e eventos por meio dos sentimentos, pensamentos e percepções desta personagem central. Em *1984*, Winston Smith é este personagem principal a partir de quem temos acesso às outras personagens e acontecimentos da história. O autor conta toda a ação de forma indireta, mesclando as falas e pensamentos do personagem com as falas e pensamentos do narrador, gerando um resultado ambíguo.

Mergulhou a caneta na tinta e vacilou por um segundo. Suas entranhas foram percorridas por um estremecimento. Marcar o papel era o ato decisivo. Em letras miúdas, desajeitadas, escreveu:

4 de abril de 1984.

Recostou-se na cadeira. Estava possuído por uma sensação de absoluto desamparo. Para começar, não sabia com certeza se estava mesmo em 1984. Devia ser por aí, visto que estava seguro de ter trinta e nove anos e acreditava ter nascido em 1944 ou 1945; mas nos tempos que corriam era impossível precisar uma data sem uma margem de erro de um ou dois anos.⁹¹

⁹⁰ LEITE, Lígia Chiappini Morais. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1985, p. 06.

⁹¹ ORWELL, 2009, p. 17.

No trecho acima, é possível observarmos como o narrador alternou entre o que ele observa e extrai do comportamento da personagem: “Mergulhou a caneta na tinta e vacilou por um segundo” e o que podemos entender como pensamentos internos de Winston, que ao escrever a data ele duvida que aquela seria a data correta: “Devia ser por aí”. Esta escolha de narrador ainda traz consigo um elemento extra para o livro. Winston vive em uma sociedade que controla não só cada passo dado pelos cidadãos, como também o que eles podem ou não falar e o que eles podem ou não pensar. Isto é, não seria possível usar o discurso direto livre, uma vez que as personagens não podem se expressar livremente, sob o risco de serem acusadas de crime. Portanto, o narrador indireto consegue passar para quem está lendo os pensamentos que as personagens não podem falar por si mesmas.

Segundo Tavares,⁹² Orwell, com a criação de um narrador com voz ambivalente, “amarra tanto desenvolvimentos da própria trama – a duplicidade do doublethink se manifesta em diversas esferas do romance, principalmente no narrador – quanto elementos externos a ela para dar voz a seu próprio projeto estético-político.” Tavares ainda argumenta que a junção desses dois tipos de discurso, onisciência seletiva e indireto livre, poderia ser uma forma que Orwell encontrou para “representar a dificuldade de comunicação que surgiu na Europa com a devastação social e econômica resultante da guerra”

Winston começa sua jornada de revolta dando início à escrita de um diário em um caderno que ele comprou clandestinamente no bairro dos proletas, nele Winston conta algumas de suas lembranças, fala sobre seus medos e começa a construir sua consciência política e expressar sua revolta. Na primeira parte de *1984*, Winston por várias vezes utiliza o diário para se expressar, mas a escrita dele nunca chega a se concluir. Posteriormente, o diário é utilizado como prova de seu desvio, quando é mandado para a tortura. Nas entradas que Winston realiza nesse diário, temos uma mudança de narrador no livro, o narrador passa então a ser o narrador-protagonista, ele “narra de um centro fixo, limitado quase exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos”.⁹³ A narração em discurso direto acontece em forma de fluxo de consciência, com a personagem transferindo para o diário em primeira pessoa tudo que se passa na sua mente no momento da escrita.

Foi há três anos. Numa noite escura, numa ruazinha estreita, perto de uma das grandes estações de trem. Ela estava parada perto de uma porta encravada no muro, debaixo da lâmpada de um poste que não iluminava

⁹² TAVARES, Débora Reis. **A revolta contra o totalitarismo em 1984 de George Orwell, a formação do herói degradado**. 2013. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 30-34.

⁹³ LEITE, 1985, p. 43.

nada. Tinha um rosto jovem, muito maquiado. Foi a maquiagem, aliás, o que mais me atraiu, a brancura que aquilo dava ao rosto dela, como se fosse uma máscara, e o vermelho vivo dos lábios. As mulheres do Partido nunca se pintam. Não tinha mais ninguém na rua e nenhuma teletela à vista. Ela disse que o preço era dois dólares. Eu...⁹⁴

É possível perceber a mudança de narrador pelo uso dos pronomes de primeira pessoa “eu” e “me” com que Winston narra sua própria experiência, é por meio dessa forma narrativa que Orwell escolheu introduzir na obra o tema da sexualidade no seu universo ficcional, uma vez que também ela, a sexualidade, é usada pelo Partido como forma de controle social. Dessa forma, Orwell nos mostra a culpa carregada por Winston e a visão que o próprio personagem tem sobre o tema.

Com essa alternância de narradores entre o discurso indireto livre em terceira pessoa e o discurso direto em primeira pessoa, Orwell representa e passa a discutir a tomada de consciência de classe que permeia toda a narrativa do livro iniciada pelo entendimento de Winston da posição em que ele se encontra no processo de dominação que o Partido exerce sobre o proletariado e quando ele entende que somente o proletariado pode realmente fazer a revolução, depositando neles a esperança de que o sistema seja derrotado.

*Se é que há esperança, escreveu Winston, a esperança está nos proletas. Se é que havia esperança, a esperança só podia estar nos proletas, porque só ali, naquelas massas desatendidas, naquele enxame de gente, oitenta e cinco por cento da população da Oceânia, havia possibilidade de que se gerasse a força capaz de destruir o Partido.*⁹⁵

Na segunda parte do livro, Orwell insere outro elemento narrativo: “O Livro”. É um livro fictício, entregue a Winston por O’Brien, supostamente escrito por Emanuel Goldstein, o opositor ideológico do Grande Irmão. “O Livro” tem a função de mostrar os pensamentos sobre o funcionamento da sociedade ao leitor – aqui entendido tanto como Winston quanto o leitor externo a *1984*, isto é, nós. Mas como descobrimos mais tarde, o tal “Livro” nada mais era que uma armadilha do partido para capturar “possíveis revolucionários” que tentassem insurgir contra o partido, demonstrando mais uma vez “o caráter de polifonia da obra, acrescentando mais uma voz narrativa própria e particular, que contrasta com o foco narrativo que se manifesta no diário e na voz do narrador”.⁹⁶

⁹⁴ ORWELL, 2009, p. 81.

⁹⁵ ORWELL, 2009, p. 88.

⁹⁶ TAVARES, 2013, p. 56.

[...] De repente, como às vezes fazemos com um livro que sabemos que vamos ler e reler palavra por palavra, abriu-o numa página diferente e constatou que estava no terceiro capítulo. Retomou a leitura:

Capítulo III

Guerra é Paz

A divisão do mundo em três grandes superestados foi um evento que já podia ser previsto — e o foi de fato — antes de meados do século XX. Com a absorção da Europa pela Rússia e do Império Britânico pelos Estados Unidos, formaram-se duas das três potências hoje existentes: a Eurásia e a Oceânia. A terceira delas, a Lestásia, só emergiu como unidade distinta depois de mais uma década de confusos conflitos armados. Em alguns lugares as fronteiras entre os três superestados são arbitrárias, em outros oscilam de acordo com os acasos da guerra, mas em geral acompanham características geográficas. A Eurásia compreende a totalidade da parte norte dos continentes europeu e asiático, de Portugal ao estreito de Bering. A Oceânia inclui as Américas, as ilhas atlânticas — inclusive as britânicas —, a Australásia e a parte sul da África. A Lestásia, menor que as outras e com uma fronteira ocidental menos definida, inclui a China e os países ao sul da China, as ilhas do Japão e uma parcela grande mas flutuante da Manchúria, da Mongólia e do Tibete.⁹⁷

Além de romancista, George Orwell também foi um grande jornalista e ensaísta, escrevendo sobre os mais variados temas. Nesta parte de *1984*, podemos perceber o objetivo dele de incluir na obra de uma forma mais direta suas opiniões e visões de questões que perpassam suas obras e que, portanto, são caras a ele.

Por fim, chegamos ao apêndice de *1984*. Nas edições brasileiras do livro, o apêndice só foi publicado pela primeira vez na edição de 2005, ou seja, os leitores de *1984* no Brasil ficaram cinquenta anos sem a parte final da obra idealizada por Orwell, que já era publicada aqui desde 1955. Esse apêndice ensaístico escrito em formato de verbete enciclopédico tem um conteúdo político e trata sobre como funciona a novafala. Para Tavares,⁹⁸ esse apêndice “é outra manifestação da pluralidade de vozes contidas no romance”.

Desde a primeira frase, o texto de "Os Princípios da Novilíngua" está no pretérito, como se para dar a entender que foi redigido em algum futuro pós-1984, em que a Novilíngua se tornou literalmente uma coisa do passado como se de algum modo o autor anônimo desse texto agora tivesse liberdade de discutir, de modo crítico e objetivo, o sistema político cuja essência, em seu tempo, fora a Novilíngua. Além disso, é no nosso idioma atual, pré-Novilíngua, que o ensaio é redigido. Segundo o romance, o de uso da Novilíngua se generalizaria por volta do ano 2050, e no entanto tudo indica que, longe de ter triunfado, ela nem sequer durou tanto tempo assim, e as antigas formas de pensar humanistas que são inerentes ao idioma padrão

⁹⁷ ORWELL, 2009, p. 220.

⁹⁸ TAVARES, 2013, p. 80.

persistiram, sobreviveram e terminaram vencendo, e talvez a ordem social e moral a ela associada tenha sido, de algum modo, restaurada.⁹⁹

1.4 – História + Literatura = 5

A visão marxista que entendia o livro e o romance apenas como documento de uma época fez com que, por muito tempo, a literatura fosse vista como “uma ponte de acesso ao real”, isto é, se pensava que o texto literário refletisse ou espelhasse “o contexto vivido por seu autor ou em que a história se desenvolve”.¹⁰⁰ Porém, agora o livro ganha novos contornos como um objeto histórico, uma vez que ele não fica parado no tempo e no espaço, novas edições são lançadas, traduções são feitas em diversos países, outros leitores que não aqueles contemporâneos ao autor vão tendo contato com a obra e tomando conhecimento da sua história. Dessa forma, faz-nos pensar o conceito de representação de uma forma mais dilatada, não circunscrita apenas ao momento de escrita e produção do livro, mas também nos seus diferentes tempos de leitura, para mostrar a capacidade da obra de ter seu caráter de representação apropriada por outras épocas que não apenas a sua época original.

“Entendemos que, atualmente, estas posturas foram ultrapassadas, não porque não tenham valor em si – no caso da contextualização histórica da narrativa literária – ou porque sejam consideradas erradas”,¹⁰¹ mas, sim, porque tornou-se fundamental inserir a obra literária no “movimento da sociedade”, verificar como ela se adentra nas “redes de interlocução social”¹⁰² dos seus leitores. Ao lidar com um livro como objeto de sua pesquisa, o historiador não pode retirar o leitor da obra da equação, já que é ele quem enriquece a obra. “Nesse sentido, a ação do leitor tem uma importância fundamental, pois, ao interagir com o texto, atualiza-o, conferindo-lhe um significado presente”.¹⁰³

Da mesma forma, “Dom Casmurro” não se limita somente às palavras escritas de Machado de Assis – “muitos coautores agora habitam aquelas páginas e nos importunam, ora com as insondáveis quinquilharias críticas a respeito da culpa ou inocência de Capitu no capítulo do adultério [...]”

⁹⁹ PYMCHON, Thomas. Rumo a 1984, Folha de São Paulo, 01, jun, 2003, p. 08. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=15728&keyword=%22george+orwell%22&anchor=5945580&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=4ca2ee882cd0d38541d3611156df01ef>>. Acesso em: jun de 2002.

¹⁰⁰ PINTO, Júlio Pimentel. **Do fingimento à imaginação moral: diálogos entre história e literatura** Tempo Niterói Vol. 26 n. 1 Jan./Abr. 2020, p. 31.

¹⁰¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e literatura: uma velha-nova história**. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>>. Acesso em: 12 jan de 2023. s.p.

¹⁰² BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações** Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010, p. 103.

¹⁰³ GRECCO, Gabriela de Lima. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. In: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais** Vol. 6 Nº 11, Julho de 2014, p. 50.

(RIBEIRO, 2000, p. 99), ora com diferentes interpretações advindas de diferentes leitores ao longo dos tempos. Isto significa que hoje, não lemos Machado de Assis inocentemente, visto que há uma extensa bibliografia secundária e inúmeras discussões acerca de seus livros e personagens, e somos influenciados por isto quando nos debruçamos sobre este autor, por exemplo.¹⁰⁴

Da mesma forma, isso acontece com o livro *1984*. Será que os leitores de hoje percebem o Big Brother da mesma maneira que os leitores contemporâneos de Orwell? Qual é o debate em torno do livro em diferentes décadas? São dúvidas como essas que nos levam a querer descobrir não apenas o que é real ou não na obra literária de Orwell, mas como elementos fictícios são transportados e se manifestam no mundo real por meio dos leitores, e assim se tornam passíveis de serem estudados historicamente. Não se trata apenas de investigar o que inspirou George Orwell a ter a ideia do livro, escrever determinada cena, caracterizar um personagem ou representar seu mundo e tempo histórico nas páginas de *1984*. É igualmente importante compreender como os leitores aplicaram o que leram na ficção ao seu próprio mundo real. Não se trata apenas da leitura que Orwell fez do seu mundo e do seu tempo histórico, transpondo-os para as páginas de *1984*, mas, sim, das leituras de mundo que emergiram a partir de sua obra.

A leitura de mundo dos leitores de *1984* não é mais a mesma que a dos leitores contemporâneos de Orwell. O livro é frequentemente considerado atual, como veremos nos próximos capítulos, porque o texto de Orwell ressoa com o momento histórico de seus leitores. Compreender essa dimensão é fundamental, e, para isso, é necessário recorrer a outras fontes além do texto em si. É preciso investigar os leitores, como afirma Ribeiro:¹⁰⁵ "Um livro do qual não se fala, que não se lê, não existe enquanto Literatura". Pode até existir como um objeto físico, como um item material que surgiu da criatividade de alguém, foi publicado por uma editora e hoje repousa em alguma estante, mas, nesse caso, ele não está inserido na dinâmica do mundo, ou como menciona Borges,¹⁰⁶ no movimento da sociedade que, dessa forma, inevitavelmente nega a ele existência histórica e social no contexto contemporâneo. Seria incompleto considerar apenas o autor e o texto ao pensarmos historicamente sobre a obra, como fizemos neste primeiro capítulo, sem levar em conta quem a lê. Isso ocorre porque o livro estabelece pontos de contato não apenas com o tempo histórico

¹⁰⁴ CANIELLI, Marlene Rosa; MARTINS, Giovana Maria Carvalho. **O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história.** 2015. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf>>. Acesso em: 04 mai 2022, p. 3895.

¹⁰⁵ RIBEIRO, Luis Filipe. **Geometrias do Imaginário.** Santiago de Compostela: Edicións Laidvento, 2000, p. 99.

¹⁰⁶ Borges, 2010, p. 103.

em que foi escrito, mas também com o tempo em que foi lido, ou seja, quando os leitores o reinterpretaram.

Portanto, é fundamental nesta equação entre os discursos da História e da literatura levarmos em conta o leitor. Pois, apesar das claras distinções entre elas que demonstramos nos tópicos anteriores, essa outra abordagem nos faz pensar que esses limites não sejam assim tão evidentes para os leitores e que essas bordas não delimitadas contaminam o leitor, que, por não ser historiador, não olha para o passado do autor de literatura para ler sua obra, pode até fazê-lo, mas em regra ele lê tendo como referência seu próprio passado histórico, isto é, com seu espaço de experiência, estabelecendo relação com o seu presente e projetando o futuro a partir do seu ponto de vista, do seu horizonte de expectativa.

Pensando que as narrativas, sejam históricas ou literárias, ou outras, constroem uma representação acerca da realidade, procura-se compreender a produção e a recepção dos textos, entendendo que a escrita, a linguagem e a leitura são indivisíveis e estão contidas no texto, que é uma instância intermediária entre o produtor e o receptor, articuladora da comunicação e da veiculação das representações. Desta forma, há uma tríade a considerar na elaboração do conhecimento histórico, composta pela escrita, o texto e a leitura. No que se refere à instância da escrita ou da produção do texto, o historiador volta-se para saber sobre quem fala, de onde fala e que linguagem usa. Já ao focar o texto em si, o que se fala e como se fala são questões indispensáveis. No trato da recepção, visa abordar a leitura de um determinado receptor/leitor ou de um grupo de receptores/leitores, tratando das expectativas de quem recebe o texto, de sua contemplação, ou seu enfrentamento ou resistência a ele.¹⁰⁷

Seguindo essas diretrizes, nos próximos capítulos iremos destrinchar a obra de Orwell por meio da recepção do livro. Iniciando no momento em que o livro é publicado no Brasil, uma vez que ele tem sido comparado com a situação política em muitos países, com alguns argumentando que a realidade está se aproximando cada vez mais do que é descrito em *1984*, argumentos esses que se repetem ao longo dos anos em um futuro que parece não chegar nunca, mesmo o ano fatídico de 1984 em que a história se passa já ter sido superado em quase quarenta anos.

¹⁰⁷ BORGES, 2010, p. 95

CAPÍTULO II

1984 É AGORA

“A primeira coisa que esperamos de um escritor é que não diga mentiras, que diga o que de fato pensa, o que de fato sente. O pior que se pode dizer a cerca de uma obra de arte é que ela não é sincera.”

(ORWELL, 2020, p. 78)

A questão do tempo em que se desenrola a narrativa de *1984* de George Orwell é uma verdadeira encruzilhada interpretativa que suscita muitos debates. À primeira vista, o título *1984* pode parecer indicar de maneira óbvia o ano em que a trama se desenvolve, criando uma projeção futurista. Sendo assim, para alguns, é fácil responder: “A história se passa em 1984, oras!”. Para outros, a resposta poder ser diferente, pois há quem ache que Orwell, na verdade, estaria falando de seu próprio tempo, isto é, que o autor estaria reflexivamente falando de sua própria era, a década de 1940, permeada por eventos históricos cruciais, incluindo o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria. Para outros leitores, a resposta seria ainda mais diferente: “*1984* é agora!”. Para esses leitores, a experiência da leitura de *1984* vai além de uma análise retrospectiva ou futurista, e a obra adquire um tom alarmante de contemporaneidade.

O tempo no romance de George Orwell está marcado no próprio título, *1984*, que é uma inversão dos numerais do ano em que ele estava redigindo a obra, 1948. Embora, para alguns estudiosos, essa inversão não seja o motivo central da escolha do título.¹⁰⁸ Dessa forma, Orwell empurrou o cenário narrativo 36 anos adiante no futuro. Já, para o personagem principal, Winston Smith, o tempo dentro da narrativa não é tão claro. Ao iniciar a escrita de um diário, ele coloca a data na página, mas desconfia de que talvez a data não esteja correta, já que o Partido utiliza o controle do tempo, assim como do tempo histórico, como forma de controle social.

4 de abril de 1984. Recostou-se na cadeira. Estava possuído por uma sensação de absoluto desamparo. Para começar, não sabia com certeza se estava mesmo em 1984. Devia ser por aí, visto que estava seguro de ter trinta e nove anos e acreditava ter nascido em 1944 ou 1945; mas nos tempos que corriam era impossível precisar uma data sem uma margem de erro de um ou dois anos.¹⁰⁹

¹⁰⁸ LYNSKEY, 2021

¹⁰⁹ ORWELL, 2019, p. 17

Em outro trecho, em que Winston reflete sobre a guerra que a Oceânia travava e sobre qual dos outros superestados era o inimigo da vez, a mesma dúvida sobre a data permanece, e, com isso, a impossibilidade de ter um tempo histórico que fizesse sentido

Só que seria praticamente impossível reconstruir a história de todo aquele período, dizer quem lutava contra quem neste ou naquele dado momento, pois não havia registros escritos e os relatos orais jamais se referiam a algum quadro político diferente do vigente. Naquele momento, por exemplo, em 1984 (se é que estavam em 1984), a Oceânia estava em guerra com a Eurásia e era aliada da Lestásia. Nunca, em nenhuma declaração pública ou privada, era admitido que as três potências alguma vez tivessem se agrupado de modo diferente. Na verdade, como Winston sabia muito bem, há não mais de quatro.¹¹⁰

Assim, para esses leitores, *1984* não é simplesmente uma visão de um futuro distante ou um reflexo do passado, mas uma advertência atemporal sobre os perigos de um poder opressivo e sua influência na sociedade.

Os leitores, assim como o personagem de *1984*, parecem também não conseguir chegar a um consenso de quando a história realmente se passa, ou melhor, eles acreditam que essa história está sempre acontecendo, impressão essa corroborada pelas notícias as quais é associado e pelo marketing do livro. Como exemplo, podemos citar o *press release* de lançamento da 17ª edição em abril de 1984, que vinha com a seguinte introdução: “A COMPANHIA EDITORA NACIONAL está lançando a 17ª edição (comemorativa) da cada vez mais contemporânea obra de George Orwell: *1984*.” Dos vários adjetivos que se poderia dar a obra de Orwell, a editora escolheu classificá-la como “contemporânea”.

Em 1975, em uma matéria especial na revista *Manchete*, o jornalista Ruy Castro¹¹¹ fala sobre a perspectiva da chegada do fatídico ano e de como a história parece sempre ser atual para quem a lê: “Naturalmente, não será preciso emplacar 1984 para ver tudo isto. 1984 cai, em cada país, num ano diferente. Não chega a ser uma festa móvel, mas não é uma data fixa na folhinha”. Ele continua, a “história de *1984* é dessas que nunca se cansam de acontecer, desde que o século XX as tornou possíveis”. Assim, o jornalista sugere que, com o avanço do tempo, a história de Orwell continua a repetir-se de forma variada em diferentes países, em diferentes épocas.

¹¹⁰ ORWELL, 2019, p. 46.

¹¹¹ CASTRO, Ruy. As obras-primas que poucos leram: 1984. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, Edição 1193, p. 112-115, mar, 1975. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=George%20Orwell&pagfis=149881>>. Acesso em: mai de 2021.

Ao iniciar esta pesquisa, passei a procurar edições antigas do livro. Acabei comprando em um sebo on-line um exemplar da 2ª edição brasileira, lançado em 1957 pela editora Companhia Editora Nacional. Ao final do livro, encontrei um comentário do leitor Carlos, possivelmente dono da referida edição, escrito à mão com caneta esferográfica azul, em que ele brevemente dá sua opinião sobre o livro que acabara de ler. O recado que ele deixou diz o seguinte:

O tema tratado é tão hoje que a gente (eu) tem a impressão que é uma visão crítica de nossos dias de uma sociedade que se massifica tão junto de mim que me amedronta e me torna impotente. A minha esperança é que os meios de produção se transformem de tal maneira que seja necessário uma outra base social que altere o status atual.¹¹²

Chama a atenção o fato de o leitor brasileiro tratar como atual no final da década de 1950 essa história escrita em 1948 por um autor britânico, impressão essa corroborada pelo texto da orelha do livro desta mesma edição, que em um dos trechos diz:

O retrato que George Orwell nos fornece do que seria a vida no mundo, em particular na Inglaterra, no ano de 1984, é aterrorizante. E, entretanto, como são dolorosamente claros os pontos de contato com a vida que levamos hoje, neste ano da graça (ou da desgraça) de 1957.

Vamos fazer um salto temporal e chegar ao Brasil do ano de 2021 — apesar de nosso recorte temporal ser até 2019, achamos importante trazer esses exemplos —, quando as obras de George Orwell entraram em domínio público no país e várias editoras lançaram suas versões de *1984*. Para despertar a atenção do público nessa enxurrada de opções, chamaram personalidades da mídia para escreverem os prefácios e os posfácios de suas edições. Entre essas gostaria de destacar duas, uma da editora Antofágica e outra da editora Biblioteca Azul. No texto *O amanhã é o hoje que nos parece ontem*, Ignácio de Loyola Brandão, da Editora Antofágica, traça vários paralelos entre os eventos ficcionais de *1984* e da política brasileira pós-eleição de 2018.

Passamos a habitar o mundo descrito neste livro, esteja onde estejamos. Aí está a Semana do Ódio. A teletela que capta todo som produzido, mesmo um sussurro muito discreto. E toda a parafernália atual de internet, microfones, câmeras por toda a parte, hackers? A Polícia do Pensar. O Miniver ou Ministério da Verdade. O Ministério do Amor. A Liga Juvenil Antissexo (um estupendo prenúncio da futura existência de nossa Damares?). A novilíngua. E os slogans: GUERRA É PAZ IGNORÂNCIA É FORÇA LIBERDADE É

¹¹² Ver anexo da página 109.

ESCRavidÃO (Não saíram da cabeça dos criativos do Planalto?) A Polícia do Pensar (os blogueiros a serviço do presidente e dos partidos). Os sagrados princípios do Ingsoc, o duplipensar.¹¹³

No final do texto, Brandão¹¹⁴ ainda relaciona as contribuições obrigatórias que os membros do Partido eram obrigados a pagar para contribuir para as causas do Partido com as “rachadinhas” praticadas pelos filhos do então presidente do Brasil,¹¹⁵ “admirável autor que já sabia das futuras ‘rachadinhas’ do filho do presidente”.

Na apresentação feita por Rita Von Hunty (persona drag de Guilherme Terreri) para a editora Biblioteca Azul, ela diz que o leitor precisa estar atento à leitura para perceber no livro “os sinais de nossos tempos”.

[...] tempos de absurdo político e apatia generalizada, em tempos de *fakenews* e Ministérios da Verdade, em tempos em que, sob a égide da honestidade prolifera a corrupção, sob a égide da família prolifera-se o ódio e sob a égide da liberdade proliferam-se a violência, a morte e a destruição.¹¹⁶

Encontramos nesse texto, apesar de vago, uma correlação com as discussões políticas que dominavam a mídia em plena pandemia de covid-19, como o mau gerenciamento do Ministério da Saúde, as tentativas do governo de fazer a população acreditar em remédios que não tinham eficácia comprovada pela ciência, a defesa de grupos religiosos pela chamada “família tradicional”, isto é, famílias heteronormativas, etc.

Lendo todos esses textos aqui expostos, vem-nos à mente uma indagação: por que (ou como) uma obra escrita em 1948, publicada pela primeira vez no Brasil em 1954, consegue parecer ser atual para leitores separados 64 anos no tempo, como nos exemplos mostrados? Dessa forma, a investigação que se segue neste capítulo, abarcando os anos de 1954 a 2019, tem como objetivo entender se essa atualidade da obra foi percebida por leitores de diferentes décadas e com quais eventos históricos eles relacionavam o livro *1984* para entender o período em que eles estavam lendo-o.

¹¹³ BRANDÃO, Ignácio de Loyola. O amanhã é o hoje que nos parecem ontem. In: ORWELL, George. **1984**. [s.l.]: Antofágica, 2021, p. 413.

¹¹⁴ BRANDÃO, 2021, p. 415

¹¹⁵ O termo “rachadinha” se refere a uma prática ilegal em que servidores públicos devolvem parte do salário para o político que os contratou. No caso específico de Flávio Bolsonaro, filho do então presidente Jair Bolsonaro, o esquema de desvio de dinheiro público acontecia em seu antigo gabinete na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, onde supostamente ele teria utilizado assessores parlamentares para arrecadar salários e devolver parte do dinheiro para ele.

¹¹⁶ HUNTY, Rita Von. Apresentação. In.: ORWELL, George. **1984**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2021, p. 11.

Até o ano de 2006, a Companhia Editora Nacional, a primeira editora a ter os direitos de publicação de *1984* no Brasil, já havia publicado vinte e nove edições da obra. De acordo com dados disponíveis, até o ano de 2001, as tiragens do livro de Orwell chegaram a mais de 207 mil cópias, tendo tido seu auge entre os anos 1983 e 1984, período em que foram impressas 102.037 cópias.¹¹⁷ A partir do ano 2009, a obra mudou de editora, passando, então, a ser publicada pela Companhia das Letras. A mudança de editora acarretou uma série de mudanças nas edições, que, além de uma arte gráfica diferente, ganharam uma nova tradução. A tradução de Wilson Veloso deu lugar à tradução feita por Alexandre Hubner e Heloisa Jahn, tradução essa que adotamos como referência para esta pesquisa.

Para tanto, devemos levar em consideração algumas questões que nos guiarão nesta busca, a começar pelo tempo e espaço. Vale ressaltar que o tempo de escrita e leitura é diferente: enquanto o tempo da escrita do livro está fixado no passado, aprisionado no momento em que foi criado pelo autor, o tempo da leitura está em constante ocorrência, quando novos leitores iniciam a leitura do livro ou quando antigos leitores o pegam para uma nova leitura. O tempo de leitura é reatualizável. Outra particularidade da questão temporal é que o livro serve como meio de transporte, isto é, ele leva o leitor ao tempo passado, remetendo a quando foi escrito, ao mesmo tempo em que transporta o autor para o futuro, para o momento em que o leitor entra em contato com o texto e passa a ler com os olhos do agora, “o tempo da acumulação, o tempo da leitura concebido como um diálogo entre o autor e o leitor”, o que ajuda a explicar a percepção de atualidade de *1984*; afinal, a história passa a existir para o leitor no momento em que ele inicia a leitura, “o tempo da difusão de textos vindos de outro lugar e pertencentes a outras culturas”, como no caso de um livro inglês encontrar ressonância e apropriações entre leitores brasileiros, “modificando inclusive a relação com o espaço, o qual durante séculos teria sido conhecido apenas pelos viajantes e navegadores”, como no caso das utopias espaciais explicadas na introdução.¹¹⁸

De fato, os livros são capazes de engendrar aproximações do tempo, de escandi-lo, condensar milênios, séculos, nos limites de suas páginas, as quais podem ultrapassar [...] o limite de uma vida. Por isso mesmo, eles podem ser, para nós, uma porta [...] de entrada para uma outra dimensão da experiência do tempo pelos homens, ou melhor, pelos leitores.

¹¹⁷ SILVA, Matheus Cardoso da. **O último homem da Europa A luta pela memória no universo não ficcional da obra de George Orwell**, 1937-1949. São Paulo: Universidade de São Paulo, faculdade de filosofia, letras e ciências humanas departamento de história programa de pós-graduação em historia social. 2010, p. 250-259.

¹¹⁸ DUTRA, Eliana de Freitas. Performances no mundo do livro: entre a história, a memória e a ficção. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 45, p. 705-731, set./dez. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/topoi/a/qvXHXb7GPw93LrLdrjqCMkg/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 dez de 2022, p. 711.

[...] Esse tempo concentrado do livro é bem a expressão de como a narrativa ficcional, histórica [...] articula uma síntese para a diversidade temporal. Afinal, na narrativa, a figuração do tempo tecida nos textos coexiste com a refiguração do tempo que se dá também nos atos de leitura.¹¹⁹

Em consonância com Chartier¹²⁰ que diz, “devemos nos aproximar das diversas formas que regem a produção, a circulação e a apropriação dos textos, considerando como essenciais suas variações segundo os tempos e os lugares”. Isso remete às categorias meta-históricas de Koselleck,¹²¹ de espaço de experiência e horizonte de expectativa, ou seja, a maneira como percebemos o tempo e o espaço em relação às nossas próprias experiências e gerando expectativas do futuro.

O espaço de experiência é um conceito que descreve a dimensão subjetiva e individual da experiência histórica. Koselleck¹²² propôs esse conceito como uma forma de entender como os indivíduos vivenciam e interpretam a história. Essa experiência é moldada por fatores como cultura, linguagem, contexto político e econômico, entre outros. É um conceito útil para entender a relação entre a experiência individual e a dimensão histórica mais ampla.

O horizonte de expectativas é moldado pelos eventos históricos, expectativas políticas e sociais, e é influenciado pelas percepções da sociedade sobre o tempo e o seu desenvolvimento. É importante destacar que o horizonte de expectativas não é uma previsão exata do futuro, mas, sim, uma compreensão geral das expectativas e percepções da sociedade sobre o que pode acontecer. Para Koselleck,¹²³ o horizonte de expectativas é uma dimensão dinâmica e mutável que pode ser alterada por eventos históricos e mudanças na sociedade. O estudo do horizonte de expectativas é uma forma de compreender como a sociedade se relaciona com o tempo e como isso influencia as decisões e ações no presente e no futuro.

Pelo fato do tempo da narrativa de ficção ser um tempo que, ao contrário da História, não precisa ser racionalmente verificável, faz com que o leitor possa projetar a história para onde quiser, e essa projeção é influenciada por essa percepção de tempo distendida que ocorre no ato da leitura, pois, mesmo sendo um livro escrito na década de 1940, que se passa na década de 1980, não impediu que seus leitores escapassem de seus espaços de experiências, de suas vivências e bagagens históricas, que contaminam sua leitura

¹¹⁹ Ibidem, p. 711.

¹²⁰ CHARTIER, Roger. Debate Literatura e História. **Topoi**, Rio de Janeiro, n° 1, p. 205.

¹²¹ KOSELLECK, 2014.

¹²² Ibidem.

¹²³ Ibidem.

e os façam enxergar nas páginas escritas por Orwell o seu mundo próximo e atual, como veremos nos tópicos que se seguem e também no próximo capítulo.

O que faremos a seguir, então, é analisar essas questões por dois prismas: na primeira seção, iremos analisar as notícias que abordam *1984* como uma obra de previsão; na segunda seção, perscrutaremos as diferentes edições que chegavam às mãos dos leitores, para, assim, conseguirmos entender de onde vem a percepção de que a obra de Orwell sempre dialoga com o leitor atual.

Essa forma de encarar a conversa que os textos ficcionais travam com quem os lê se justifica, pois “o texto dialoga (e o leitor incorpora-se a esse diálogo e o desenvolve) com o passado [e com o presente] e o representa conforme suas convenções, enquanto o real continua apenas um retrato na parede”.¹²⁴ Charbel¹²⁵ afirma que o ato de leitura, isto é, “o encontro entre a obra e seu receptor” é também um acontecimento para a historiografia. “O foco, aqui, é tanto o modo de vinculação entre a obra acabada e a realidade em que ela se formou, como as variedades e condições estruturais para que, historicamente, os textos literários produzam sentido para audiências específicas.”

2.1 – As profecias de 1984

“História dramática, cuja ação se desenrola numa atmosfera impressionante, - ‘1984’ é, também, na sua simbologia, uma advertência aos homens do nosso tempo”.¹²⁶ Assim o Jornal Folha da Manhã anuncia o lançamento de *1984* no Brasil, em junho de 1954. O livro chegava traduzido para o português por Wilson Velloso por meio da Editora Companhia Nacional, após seis anos de sua publicação original na Inglaterra. Apesar da distância que separa a publicação nos dois países, o jornalista que escreveu a matéria citada classifica a obra como ainda sendo uma importante advertência e simbologia para o tempo dele. Seria ela importante para outros tempos também? Apesar de, em alguns momentos da História, encontramos opiniões contrárias a essa, dizendo que a previsão de Orwell, de uma sociedade alienada e oprimida por meio da comunicação de massa “em seu *1984*, não se confirmou”,¹²⁷ no geral a maioria dos leitores tendem a concordar com a primeira opinião.

¹²⁴ PINTO, 2020, p. 35

¹²⁵ CHARBEL, Felipe. O historiador face à ficção. **Teoria e Historiografia: Debates Contemporâneos**. s. l. 2013, p. 21

¹²⁶ J.C. 1984. **Correio da Manhã**, 1º Caderno, Escritores e livros, 08, jun, 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=George%20orwell&pagfis=37089>. Acesso em maio de 2021.

¹²⁷ CAROPRESO, Álvaro. Biólogo encontra vampiro que doa sangue. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 03, mar, 1990, Geral, p 09. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19900303-35290-nac-0009-999-9-not>>. Acesso em jun de 2022.

“O futuro da humanidade é negro”,¹²⁸ diz uma matéria de 1961. As mudanças tecnológicas e ideológicas da década de 1960 contribuíram para a sensação de urgência em relação ao futuro e à evolução da sociedade. Orwell, nesse período, é chamado, veja só, de “excessivamente otimista” por ter adiado em mais de “30 anos a plenitude do horror totalitário e antipersonalista que, desde já, ameaça com a sua noite de pesadelo o mundo a que nos habituamos a chamar de civilizado”. “Por que apenas em 1984?”, o jornalista se indaga, sendo que “várias de suas antecipações já se realizaram minuciosamente aos nossos olhos”.¹²⁹

Resta, entre outras coisas, a oficialização de três slogans impostos pela maquinaria estatal sob o controle supremo do big brother invisível e onipotente: War is Peace, freedom is Slavery, Ignorance is Etrength. ("A Guerra é Paz", "A Liberdade é Escravidão", "A Ignorância é Força").¹³⁰

O interesse em tratar George Orwell como um vidente, “uma espécie de Nostradamus anglo-saxônico”,¹³¹ ganhou considerável força no período que abrangeu o final dos anos 70 até a aproximação do ano 1984, título emblemático de sua obra. Nessa época, intensificaram-se os debates e análises sobre a precisão das previsões e se elas se concretizariam conforme delineado em sua narrativa distópica. Indagações acerca do acerto ou equívoco dos prognósticos do autor tornaram-se proeminentes, permeando as discussões sobre o avanço tecnológico, a vigilância estatal e a manipulação ideológica que caracterizam a trama orwelliana. Esse período foi marcado por um olhar crítico sobre o rumo da sociedade, impulsionado pelas rápidas transformações tecnológicas e políticas que ocorriam naquele contexto, alimentando a incerteza quanto ao futuro, cada vez mais próximo, e a possibilidade de realidade se assemelhar à ficção profética de Orwell.

No momento em que nos preparamos para entrar na década de 80, começam a esboçar-se como realidade algumas previsões que o célebre romance de George Orwell, "1984", trazia há 30 anos. Juntamente com suas previsões políticas, as previsões no campo da tecnologia, sobretudo da decorrência do avanço eletrônico constituem um quadro sombrio do qual o homem praticamente desaparece como individualidade. Uma delas, em especial, passou a ser uma das preocupações dos cientistas que não se detêm apenas

¹²⁸ XAVIER, Livio. A antiutopia moderna. **Estado de S. Paulo**. São Paulo, 25, mar, 1961, Suplemento literário, p. 46. Acesso em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19610325-26354-nac-0046-lit-6-not>>. Acesso em: jun 2022.

¹²⁹ LEWIN, Willy. Do paraíso terrestre. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, 10, jun, 1961, Suplemento literário, p. 39 Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19610610-26419-nac-0039-lit-1-not>>. Acesso em jul de 2022.

¹³⁰ Ibidem.

¹³¹ 1982. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 07, out, 1979, 1º caderno, opinião, p. 2. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=7091&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4267069&origem=busca&originURL=&pd=d2dd900c95cfa1bb570548a3e9532ec5>>. Acesso em jun de 2022.

no estudo do desenvolvimento das ciências mas procuram também estudar-lhe as consequências. Esta diz respeito à invasão da privacidade do homem, por parte do Estado, mediante aparelhos eletrônicos que, tal como está descrito nos romances de Orwell, exercem uma forma de controle absoluto sobre a vida do indivíduo mesmo quando se encontra no interior de seu lar. Tida como uma manifestação de "science-fiction" quando o romance foi publicado, a previsão de Orwell constitui, no entanto, uma ameaça iminente, antes mesmo de se abrir a década a que se reporta a famosa obra.¹³²

A contagem regressiva para o momento muito antecipado vinha cheia de expectativas tanto para afirmar que Orwell havia se enganado e o futuro próximo não era nada parecido com o que ele “previu”, quanto para afirmar que na verdade ele acertou em vários aspectos. A revista Manchete, por exemplo, alerta aos seus leitores que “não olhem agora, mas 1984 está pertinho, ali na esquina”, e, quando o momento chegar, não será preciso de astrólogos para realizar premonições, “porque o horóscopo daquele ano terrível já está pronto há muito tempo – desde 1948, quando George Orwell acabou de escrever o seu livro”.¹³³ No entanto, em outra matéria, o que temos é o exato oposto da opinião anterior: “As dramáticas previsões de George Orwell, no livro 1984, falharam inteiramente: faltam apenas seis anos para essa data e não há nenhum sinal do estado totalitário que ele imaginou e descreveu nessa obra”.¹³⁴

Em 1º de janeiro de 1984, o jornal O Estado de São Paulo, trouxe o caderno de Cultura todo dedicado ao livro, intitulado “1984 o futuro chegou”, em 15 páginas, eles abordam a obra de Orwell sob os mais variados aspectos, em que uma série de escritores e jornalistas dão sua opinião sobre a obra. Iniciando o caderno especial dedicado à obra de George Orwell, Irving Howe destaca a complexidade de nossa relação com a obra *1984* de George Orwell partindo de uma perspectiva pessoal dele ao reler o livro após um longo tempo. Howe argumenta que a narrativa angustiante e perturbadora retratada no livro nos confronta com questões profundas sobre a natureza do poder, a manipulação da informação e a fragilidade da liberdade individual, sentimentos muito familiares para a geração que conviveu com o pós-guerra de perto.

¹³² EDITORIAL. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22, jun, 1979, Suplemento cultural, p. 174. Disponível: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19790722-32010-nac-0174-cul-2-not>>. Acesso em: jun de 2022.

¹³³ CASTRO, Ruy. As obras-primas que poucos leram: 1984. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, Edição 1193, p. 112-115, mar, 1975. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=George%20Orwell&pagfis=149881>>. Acesso em: mai de 2021.

¹³⁴ GIORGI, Franco de. 1985 o pesadelo particular de Anthony Burgess. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, Edição 1389, 2, dez, 1978. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=George%20Orwell&pagfis=181337>>. Acesso em: mai de 2021

Após reler 1984, estou convencido, mais do que nunca, de que se trata dum clássico de nosso tempo.

Se é também um clássico de todos os tempos, aí já é outra história. Não posso saber o que as pessoas do futuro pensarão do livro de Orwell. Tampouco podemos dizer o que ele poderia significar para aqueles a quem a lembrança duma era de totalitarismo parecerá tão vaga e tão remota que se lhes fará necessário um glossário do editor, se lhes acontecer toparem com um exemplar.¹³⁵

No texto, Howe também destaca as leituras que se fazem de *1984*, tratando-o como sendo um livro de previsões futuroológicas, como se Orwell estivesse vaticinando como seria o futuro dali 30 anos. Para aqueles que dizem que o ano de 1984 chegou e o mundo não se parece com o qual Orwell havia previsto e que por isso o acusam de “exagerado” ou “mórbido”,

[...] existe uma resposta bastante simples: é da própria natureza da ficção antiutópica que ela projete um certo exagero, já que, sem esse exagero, a obra reduzir-se-ia meramente a mais um retrato realístico da sociedade totalitária. [...]

Ninguém, dotado de alguma sensibilidade, poderia tomar 1984 como uma verdadeira predição. Neste grupo incluem-se até as pessoas que tenham lido o livro com um pé atrás, pois estas também sabiam que a obra devia ser vista como uma advertência, sem dúvida temível. O fato de, em sua concepção original, ele nos parecer agora tão familiar, tão plausível, tão comum, constitui-se, quando se pensa no assunto, num fato profundamente inquietante sobre a época em que vivemos. Mas é um fato. [...]

Muitas vezes, alguém terá dito: “Olhe, estamos nos aproximando do ano de 1984 e não estamos vivendo no tipo de sociedade que Orwell previu; isso não quer dizer que ele estava exagerando, ou talvez que fosse mórbido?”¹³⁶

Esse tema de profetização do futuro feito por Orwell é abordado por Peter Stansky na entrevista dada à Tereza Monteiro, que entre outros assuntos também trata da formação intelectual inglesa a qual Orwell pertencia, da importância de seus dois últimos livros: *A Fazenda dos Animais* e *1984*. Segundo Peter, se não tivesse escrito esses livros, Orwell “hoje não seria lembrado e suas obras anteriores não teriam sido reeditadas com tanto sucesso. Salvou-o seu agudo sentido do real, que torna esses dois últimos livros tão verossímeis e poderosos”.¹³⁷

¹³⁵ HOWE, Irving. 1984 o futuro chegou. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1º, jan, 1984, Cultura, p. 66. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19840101-33383-nac-0066-cul-2-not/busca/exagero>>. Acesso em jul de 2022.

¹³⁶ Ibidem.

¹³⁷ STANSKY, Peter. Entrevista. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1º, jan, 1984, Cultura, p. 69. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19840101-33383-nac-0069-cul-5-not>>. Acesso em jul de 2022.

A maioria das manifestações previstas para comemorar 1984, o ano em razão do livro, se é que há algo para comemorar, centrará, certamente, a discussão em torno do que chama de “as previsões de Orwell”. Mas acho que este não é o aspecto mais interessante do último livro de Orwell. Para mim, 1984 não é uma profecia mas uma advertência. Não é um livro sobre o futuro mas uma evocação de valores antigos, fundamentados na tradição do radicalismo inglês, uma exaltação do passado, particularmente do golden country do Oeste da Inglaterra. [...] O sentido do passado de Orwell, torna-o capaz de apreender o presente com um agudo sentido do real e, desse modo, imaginar com perspicácia incomum o futuro. Pergunto-me, em que medida, na década de 40, as pessoas comuns tinham capacidade para antecipar as consequências do desenvolvimento tecnológico, por exemplo.¹³⁸

No texto intitulado *1984: o futuro é hoje*, Arthur Schlesinger Jr. oferece uma perspectiva intrigante ao destacar que, embora muitos dos aspectos distópicos retratados no livro não tenham se concretizado, reduzir a obra de Orwell a essa análise seria ignorar seu verdadeiro propósito, tratá-lo por essa ótica seria, portanto superficial e frívolo. Schlesinger Jr. ressalta que o objetivo de Orwell vai além de prever com precisão o futuro: o autor buscava incitar uma profunda reflexão sobre o poder, o controle total da humanidade e da memória das pessoas. Ao interpretar *1984* exclusivamente através de sua acurácia preditiva, corre-se o risco de negligenciar a essência intelectual e socialmente relevante da obra.

[...] A visão brutal que Orwell apresentou do mundo “do futuro” reduzia a pó antigas utopias e registrava a decadência da fé ocidental em face da fatalidade do progresso. *1984* definiu, para uma geração, a possibilidade do futuro como pesadelo. Agora, que estamos em 1984, está claro que as coisas não aconteceram exatamente da maneira como ele as previu há quase 40 anos. Mas será que o intuito de Orwell era realmente o de uma previsão? Na verdade, como disse certa vez Arthur Koestler, a grande novela de Orwell pertence não a literatura de profecia, mas à literatura da advertência. O que ele queria dizer-nos, em 1949, era que o futuro podia converter-se em um pesadelo... se não soubéssemos reconhecer o perigo e não agíssemos no sentido de evitá-lo. O fato, porém, de 1984 não cumprir *1984* é irrelevante para a força do livro.¹³⁹

Até mesmo a publicidade também se aproveitou da comemoração da data orwelliana para vender seus produtos fazendo relação com as “previsões” de Orwell. Na mesma edição de 1º de janeiro de 1984 do jornal O Estado de São Paulo, duas empresas

¹³⁸ STANSKY, Peter. Entrevista. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 1º, jan, 1984, Cultura, p. 69. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19840101-33383-nac-0069-cul-5-not>>. Acesso em jul de 2022.

¹³⁹ SCHLESINGER JR., Arthur. 1984: o futuro é hoje. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 1º, jan, 1984, Cultura, p. 80. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19840101-33383-nac-0080-cul-16-not>>. Acesso em jul de 2022.

publicaram anúncios tendo como conteúdo o livro *1984*. A primeira delas é um anúncio da loja de informática CompuShop, que estava com uma promoção que nas compras acima de 300 mil cruzeiros ganhava-se um exemplar de *1984*. A empresa dizia o seguinte: “Em ‘1984’, Orwell fez muitos acertos no atacado e alguns erros no varejo. Na parte que nos toca, por exemplo, a informática não se transformou em um instrumento de opressão ao homem conforme Orwell previa no seu livro ‘1984’”.¹⁴⁰ Outra publicidade presente na mesma página é da rádio Jovem Pan, que segue a mesma premissa do anúncio anterior, relacionando seu ramo de atividade com os eventos ficcionais imaginados por Orwell. A propaganda, ilustrada por uma capa de livro de *1984*, diz: “George Orwell, há trinta e seis anos, vislumbrava uma sociedade oprimida e alienada com o auxílio dos meios de comunicação em massa. Essa previsão de Orwell, em seu *1984*, não se confirmou”.¹⁴¹

A capacidade profética de Orwell continuou como tema das análises de sua obra mesmo já tendo avançado bastante da fatídica data. Nos anos 2000, ainda é possível encontrar tais questionamentos: “[...] Orwell foi um dos profetas da sociedade em que o Estado exerceria controle integral sobre a vida dos indivíduos. [...] muitos aspectos da sua distopia estão em plena vigência, de forma abrandada, na democracia capitalista que hoje se expande pelo globo”.¹⁴² A essa altura, nem todos concordavam com a opinião de que Orwell havia acertado em suas previsões. Para Oricchio, os dois livros mais influente de Orwell, *A Revolução dos Bichos* e *1984* são datados em suas “previsões”: “Em 1984, o tipo de controle social descrito parece hoje tosco, primário, talvez ineficiente. Como se sabe, atingiu-se um grau de disciplinarização da sociedade (para empregar uma expressão de Foucault) com a qual Orwell não sonhava”.¹⁴³ Apesar de terem essa leitura, em alguns aspectos

As restrições às liberdades civis em nome do combate ao terrorismo; a informatização do planeta, que possibilita mapear a vida financeira de qualquer pessoa, bem como seus hábitos de consumo e lazer; a própria separação crescente entre sexo e afeto: tudo isso tem um amargo sabor orwelliano. O escritor não faz exatamente uma previsão, mas se valeu da caricatura para dramatizar seu alerta. [...]

A profecia geopolítica de Orwell concretizou-se de modo sinuoso. Na distopia, o mundo aparecia dividido entre três grandes impérios (Oceania, Eurásia e Lestásia), [...] esses impérios correspondem nos dias de hoje,

¹⁴⁰ COMPUSHOP. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1º, jan, 1984, Cultura, p. 08. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19840101-33383-nac-0008-999-8-not>>. Acesso em: jul de 2022.

¹⁴¹ Rádio Jovem Pan. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1º, jan, 1984, Cultura, p. 08. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19840101-33383-nac-0008-999-8-not>>. Acesso em: jul de 2022.

¹⁴² Ibidem

¹⁴³ ORICCHIO, Luiz Zanin. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22, jun, 2003, Caderno 2, p. 120. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20030622-40059-nac-120-cd2-d5-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: jul de 2022.

grosso modo, à “anglosfera” dirigida pelos Estados Unidos, a um bloco embrionário formado pela Rússia e pela Europa e, por fim, à China.¹⁴⁴

Mas, afinal, Orwell realmente era um vidente que conseguia prever o futuro? Como explicar a grande capacidade do livro de se fazer atual? São essas perguntas que ficam ao realizar a pesquisa sobre a recepção de *1984*. Para tentar encontrar respostas para tais, precisamos entender que mundo é esse que o autor e o leitor parecem compartilhar e que dialoga tão intimamente com o livro independente da época que se tem contato com ele.

2.1 – A decadência da idéia de progresso pela recepção de *1984*

Sevcenko¹⁴⁵ diz que quem imagina que a história seja “movida pelas forças do progresso e que o futuro será sempre mais promissor que o passado” acaba, cedo ou tarde, tendo dolorosas lições. Pois, apesar da humanidade ter vivenciado grandes transformações tecnológicas desde a metade final do século XIX e por todo o século XX, transformações essas que tiveram poder decisivo nas mudanças ocorridas na História, os flagelos humanos ainda persistem em forma de exploração do trabalho, destruição ambiental, opressão social, pobreza, aumento da violência, guerras e ameaças constantes a democracia. Principalmente em países do sul global, como o Brasil.

Utilizando a metáfora da montanha russa proposta por Sevcenko, podemos perceber que a sociedade oscila constantemente entre estados de euforia e descontentamento em resposta aos avanços tecnológicos e à promessa de progresso ligada às ideias iluministas. No entanto, essa montanha-russa da evolução social atinge seu ápice apenas para, em seguida, mergulhar vertiginosamente em direção a um abismo que muitas vezes instala a descrença na capacidade da humanidade de alcançar um estado mais elevado. Esse movimento se repete desde a passagem do século XIX para o século XX e continua se repetindo mesmo com a chegada do século XXI.

As mazelas humanas surgidas decorrentes da Revolução Industrial do século XVIII trouxeram consigo duas formas de olhar para o progresso futuro: a forma dos positivistas, que carregavam consigo muito dos ideais iluministas, tendo a razão e a ciência

¹⁴⁴ FRIAS FILHO, Otavio. Orwell, 100. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29, mai, 2003. p. A2 Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=15725&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=5945311&origem=busca&originURL=&pd=ede2666382c010531d5e61631e63839a>>. Acesso em: jun de 2022.

¹⁴⁵ SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 52.

como mola propulsora para a evolução da sociedade, dando fim as desigualdades, tornando esses pensamentos intrinsecamente ligados as utopias uma vez que “o senso da limitação, da insuficiência, da inaceitabilidade do presente aparece frequentemente ligado à esperança num futuro melhor ou simplesmente na certeza de que, mais cedo ou mais tarde, isso possa realizar-se”,¹⁴⁶ e a forma negativista de encarar o progresso, para quem o futuro era motivo de desânimo com a perspectiva de onde a humanidade iria parar, como salientado por Paolo Rossi, “dos diagnósticos negativos sobre a própria época nascem razões de desconforto e decorre em muitos casos uma invencível sensação de desânimo”.¹⁴⁷ Esse último olhar é o que nos interessa neste momento. A descrença causada pelo progresso é uma das causas do surgimento das distopias. Ainda segundo o autor:

Todas as coisas, reviradas e confusas, ou estão por terra ou em ruínas... Em lugar de amor e candor recíprocos, ódios recíprocos, inimizades, guerras, mortandades. Em lugar de justiça, iniquidades, injúrias, opressões, furtos, rapinas. Em lugar da castidade, impureza e obscenidade... Em lugar da simplicidade e da verdade, mentiras, fraudes, enganos. Em lugar da humildade, soberba e ódio recíproco.¹⁴⁸

Na passagem do século XIX para o século XX, “o otimismo, a expansão das conquistas europeias e a confiança no progresso pareciam ter atingido o seu ponto mais alto”, a euforia causada pelos avanços tecnológicos da chamada Revolução Científico-Tecnológica era quase palpável. Porém, tudo mudou inesperadamente, “o espasmo caótico e destrutivo, o horror engolfou a história: a irrupção da Grande Guerra descortinou um cenário que ninguém jamais previra”. Os avanços alcançados pela ciência e pela indústria conseguiram criar o efeito de destruição em massa, “nunca tantos morreram tão rápido e tão atrozmente em tão pouco tempo”. Se o cenário era ruim no período pós-Primeira Guerra, conseguiu ficar pior com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, atingindo seu clímax na devastação causada pelas bombas atômicas.¹⁴⁹

Após a guerra houve uma retomada do desenvolvimento científico e tecnológico, mas já era patente para todos que ele transcorria à sombra da Guerra Fria, da corrida armamentista, dos conflitos localizados nas periferias do mundo desenvolvido, dos golpes e das ditaduras militares no chamado Terceiro Mundo. Quaisquer que fossem os avanços, o que prevalecia era a sensação de um apocalipse iminente.¹⁵⁰

¹⁴⁶ SEVCENKO, 2001, p. 52.

¹⁴⁷ Ibidem, p. 54.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 53-54.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 16.

¹⁵⁰ Ibidem, p. 16.

Orwell, assim, “por meio de seu texto, se insere numa corrente de reflexões políticas e sociais suscitadas pelos acontecimentos da Segunda Grande Guerra”, principalmente dos regimes ditatoriais sob a sombra do nazifascismo e do stalinismo. “Em sua representação da sociedade distópica, Orwell potencializa os mecanismos totalitaristas, contrapondo-os à realidade do pós-guerra e oferecendo um alerta contra a disseminação dos princípios stalinistas e nazistas”.¹⁵¹ Traça também reflexões sobre a degradação do homem e da sua liberdade, “uma representação aterrorizante de um futuro possível fundamentado sobre aspectos concretos do panorama sociopolítico do final da década de 40”.¹⁵² “É um livro aterrador, e acentua a necessidade de fortalecer a democracia e as garantias às liberdades humanas”,¹⁵³ dizia a Folha da Manhã em fevereiro de 1950, ao noticiar que *1984* era um dos livros mais lidos nos EUA e na Inglaterra no ano que terminara.

E com os rumos que, para ele, assinalava o futuro sob a guerra fria e pela bomba atômica em que os Estados seriam ao mesmo tempo invencíveis e viveriam em permanente estado de “guerra fria” com os inimigos, uma vez que se absteriam de usar as armas de grande poder destruidor, antecipando a doutrina da destruição mútua.¹⁵⁴ Na orelha da segunda edição publicada no Brasil em 1957, lemos o seguinte texto:

Este é um livro impressionante. Ao terminar sua leitura, fica em cada um de nós, latente, uma sensação estranha. É como se despertássemos de um pesadelo... e o pesadelo continuasse, em pleno dia.

O retrato que George Orwell nos fornece do que seria a vida no mundo, em particular na Inglaterra, no ano de 1984, é aterrorizante. E, entretanto, como são dolorosamente claros os pontos de contato com a vida que levamos hoje, neste ano da graça (ou da desgraça) de 1957. Em 1984 o mundo não conhece mais o que seja democracia: governos totalitários o controlam, de uma forma total, e ultra eficiente. Sistemas inteiros foram criados para controlar não somente as atividades, mas os próprios pensamentos dos seres humanos. Não há mais liberdade, a não ser aquele tipo de liberdade imposto pelo Estado. Não há mais cultura, a não ser aquela desejada e imposta pelo Estado. Não se conhece mais o amor: entre um homem e uma mulher somente se processam relações determinadas e controladas pelo Estado. É o Estado total, de uma forma total.

Em meio a esta atmosfera sinistra, fantástica mas possível, a pena magistral de George Orwell nos particulariza as angústias de um homem – Winston – no qual ainda restam vestígios de uma tendência ou, melhor dito, de uma aspiração democrática. E é através desse homem, de sua consciência, de suas

¹⁵¹ PAVLOSKI, Evanir. **1984**: a distopia do indivíduo sob controle. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/2996/A%20Distopia%20do%20Indiv%3fduo%20Sob%20Controle.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 20 de dez de 2021, p. 45-6.

¹⁵² Ibidem, p. 46.

¹⁵³ FOLHA DA MANHÃ, São Paulo, Suplemento dominical, 26, fev, 1950.

¹⁵⁴ LYNSKEY, 2021, p. 220

reações emotivas que todos nós recebemos a descrição minuciosa de um quadro político realmente possível se não tomarmos, em tempo, as providências necessárias à revitalização da democracia.

“1984” é um romance. Um romance que se dirige aos leitores que têm olhos para ler e para entender.¹⁵⁵

Como podemos observar, o texto ressalta aos leitores da edição como a obra é atual, citando inclusive o ano em que está sendo publicado, e como há pontos de contato com a vida que levavam naquele momento e do quadro político factível, utilizando inclusive a palavra “desgraça” para reforçar a atmosfera aterrorizante.

O clima de desânimo se estende pelas décadas de 1960 e 1970. O Brasil estava sob o comando da ditadura militar, que havia dado um golpe e assumido o poder em 1964. Durante essas décadas, o Brasil viveu um período de repressão política, violações dos direitos humanos e censura da imprensa, garantidos pelo decreto do Ato Institucional nº5, emitido em dezembro de 1968, que representou o auge da repressão política e da violência institucional no Brasil, a que Elio Gaspari¹⁵⁶ denominou de ditadura escancarada. O governo militar reprimiu a oposição política, perseguindo e prendendo ativistas, estudantes, jornalistas e intelectuais que se opunham ao regime. A tortura e o assassinato de opositores políticos eram comuns, e a liberdade de expressão foi amplamente limitada pela censura da imprensa e pela proibição de manifestações públicas.

O contista João Antônio, comentando as declarações de Nunes [diretor de Censura do Governo Militar], disse: "Parece que estamos vivendo a época de *1984*, narrada por George Orwell, em que os escritores, artistas e comunicadores, desde que discordem do sistema são levados ao sanatório como doentes mentais. A doença referida por Rogério Nunes é a doença da discórdia".¹⁵⁷

É verdadeiramente surpreendente que, mesmo levando em consideração todo o contexto, as vendas do livro *1984* tenham sido permitidas no Brasil. Os leitores poderiam prontamente identificar inúmeros paralelos entre as páginas do livro e os acontecimentos cotidianos. No entanto, os jornais abordaram de maneira limitada as conexões entre a ficção de Orwell e a realidade brasileira. Por exemplo, durante os anos de repressão da ditadura, uma época sombria em que civis eram presos, torturados e mortos em nome da manutenção de um

¹⁵⁵ 1984 por George Orwell, In. ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957, n.p.

¹⁵⁶ GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

¹⁵⁷ AMÂNCIO, Moacir. Um 76 otimista apenas para os censores, **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 1º, jan, 1977. Ilustrada, p. 17. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=6082&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4219932&origem=busca&originURL=&pd=ae2297bfb7762f2f76abb1fa1d1d35d2>>. Acesso em: jun de 2022.

Estado ditatorial, as semelhanças com o retrato da opressão em 1984 eram notáveis, mas foram subestimadas pela mídia da época.

O Assunto fere e comove. Isso é bom, porque, afinal, a ideia de que o ser humano tenha direito é coisa recente.

É um dos subprodutos da Revolução Francesa de 1789. Antes disso, o cristianismo reconhecera os direitos da nossa alma individual, mas, na Terra, aceitava plenamente que fôssemos tiranizados, dando a César o que é de César, notou George Orwell, invariavelmente se realiza enfiando a botina na nossa cara. O cristianismo, em suma, nos prometia direitos do além. Robespierre e companheiros insistiram em que a franquia fosse estendida à Terra. Os conservadores chamados, reacionários seria a palavra não eufemística, nunca perdoaram.¹⁵⁸

O cenário começaria a mudar com o enfraquecimento da ditadura. Na década de 1980, permitiu-se que os paralelos entre a sociedade do Grande Irmão e a ditadura militar brasileira fossem mais explícitos nos jornais que nas décadas anteriores. Com o sugestivo título “Nosso 1984 foi em 1964”, o jornalista diz que “uma vez na vida podemos dizer que batemos o resto do mundo: o “nosso” foi em 1964. O golpe de 1º de abril mudou a cara do Brasil como nenhum evento da minha experiência na História”; para ele, os excessos cometidos pela ditadura entre os anos de “1968 e 1975 foi intolerável”, gerando traumas e problemas comparados as nações que estiveram em guerras.¹⁵⁹

Nós vamos pagar e futuras gerações, sem estarmos ou termos estado em guerra com ninguém. O absurdo me parece mais potente. E fomos levados a isso por doutores de autoridade incontestável (que nos baixavam o pau se protestássemos), que não escolhemos, que se impuseram à força. É ainda mais contra a natureza humana, é mais horrível que as fantasias, algumas bem baratas, de “1984” [...].¹⁶⁰

Os anos 1980 marcaram uma virada significativa na conjuntura histórica global, onde a Guerra Fria chegou ao seu término e o mundo não mais se dividia de forma tão nítida em dois superblocos. O emblemático Muro de Berlim, que representava tanto uma barreira física quanto simbólica, ruína. A face do totalitarismo que dominara, até então, no Ocidente

¹⁵⁸ FRANCIS, Paulo. Direitos Humanos 1977. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27, mar, 1977. 2º caderno, exterior, p. 20. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=6167&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4278176&origem=busca&originURL=&pd=83011ced30eae169e53676025e30c79>>. Acesso em jun de 2022.

¹⁵⁹ FRANCIS, Paulo. Nosso 1984 foi em 1964. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 05, jan, 1984. Ilustrada, p. 36. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8642&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4307995&origem=busca&originURL=&pd=757fe74516972aae88863faba38f1390>>. Acesso em: jun de 2022

¹⁶⁰ Ibidem.

chegava ao fim; porém, dava lugar a outra forma de dominação, agora como uma consequência colateral do neoliberalismo e das crises que esse novo modelo suscitava na sociedade. Esse novo paradigma deslocou o controle social do Estado para as corporações privadas, sendo a tecnologia microeletrônica digital sua ferramenta central.

Nesse novo contexto global, Sevcenko destaca o papel de Thatcher como uma figura emblemática. Foi ela quem proclamou a fórmula básica do emergente credo neoliberal: “Não há e nunca houve algo chamado sociedade; o que existe e sempre existirá são indivíduos”. Essa afirmação sintetiza a mudança de paradigma, enfatizando a primazia do indivíduo sobre o coletivo, uma concepção que moldou a política e a sociedade na era pós-Guerra Fria.

Um dos motivos para que essa mudança ocorra é dada por Sennett, que demonstrou que o novo capitalismo corrói o caráter pessoal do trabalhador quando o deixa sem condições de se programar a longo prazo, deixando, assim, o trabalhador à “deriva”, pois a necessidade constante de adaptação às mudanças impostas ao avanço da tecnologia deixa o trabalhador perdido, uma vez que a cada momento o padrão se altera. O neoliberalismo retira do ser humano as qualidades de caráter que liga um ser humano a outro e que dão as pessoas o senso de identidade sustentável e não efêmero como o que acontece agora, quando as pessoas se ligam a bens materiais, aos quais atribuem características e qualidades humanas para criarem um vínculo de valor, a fetichização da mercadoria. A corrosão do caráter é “um regime que não oferece aos seres humanos motivos para ligarem uns para os outros não pode preservar a sua legitimidade por muito tempo”.¹⁶¹

Em George Orwell a aventura desfigura-se na desventura da agonia do pensamento (1984). Ninguém mais que Scavone se aproximou da tese nuclear da narrativa de Orwell em *1984*: não só a perda do pensamento e da liberdade, mas a possibilidade de o homem perder para sempre sua própria humanidade, sua *humanitas*, que não constitui um dom da natureza e sim lenta e gradativa conquista histórica e cultural, condição precária que, assim como foi obtida, pode no futuro perder-se em definitivo. Este é o tema fundamental de *1984*: o homem pode perder sua humanidade, pode deixar de ser homem, literalmente.¹⁶²

¹⁶¹ SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2023, p. 176.

¹⁶² KUJAWSKI, Gilberto de Mullo. Autores transformados em personagens. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 27, jan, 1985, p. 141. Disponível: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19850127-33713-nac-0141-fem-25-not>>. Acesso em: jul de 2022.

Esse entendimento instaura um movimento de mudança de perspectiva na recepção da obra, que antes se concentrava na violação dos direitos da coletividade da sociedade e, posteriormente, passa a preocupar-se com as violações individuais, invasões de privacidade, a valorização do indivíduo sobre o coletivo e a exaltação das mercadorias. É uma era em que, apesar do medo da exposição da vida pessoal, paradoxalmente, as pessoas se tornam cada vez mais dependentes das novas tecnologias de comunicação. Essas não apenas têm acesso às suas informações, mas também as utilizam para criar uma dependência crescente e uma falta de criticidade na sociedade. Esse é o dilema contemporâneo, uma luta constante entre a privacidade e a tecnologia que molda nossa percepção de liberdade e humanidade.

Assim, podemos compreender por que Orwell quase intitulou *1984* como “O Último Homem da Europa”, um título que simboliza o último indivíduo com alguma capacidade crítica, ousando, mesmo que em seu íntimo, rebelar-se contra o sistema imposto pelo Grande Irmão. É uma representação do indivíduo lutando contra a padronização opressiva, a manipulação do pensamento e a perda da própria humanidade. O Grande Irmão, personificação do Estado totalitário e vigilante, busca anular qualquer vestígio de resistência e autonomia, consolidando o controle absoluto sobre a vida das pessoas, tanto em nível coletivo quanto individual.

Essa inquietação, presente no cerne da narrativa de Orwell, continua ressoando intensamente na sociedade contemporânea. Vemos uma persistente luta entre o desejo de preservar a liberdade individual e a crescente intrusão tecnológica que ameaça essa mesma liberdade. O alerta de Orwell permanece uma lembrança urgente de que a vigilância excessiva e a erosão dos direitos fundamentais podem levar à subjugação do ser humano, evidenciando que a batalha pela autonomia e pelos direitos ainda está longe de ser vencida. É um chamado à reflexão sobre os rumos da sociedade e a necessidade de manter viva a chama da crítica e da resistência.

O ritmo acelerado da vida moderna muitas vezes leva as pessoas a deixarem de refletir sobre assuntos importantes, utilizando frequentemente a desculpa da falta de tempo como justificativa para a falta de ponderação. Apesar das pressões e da tentativa de sequestrar nossa subjetividade, pensar não é de fato um crime e, portanto, é crucial não cessar esse exercício.

Quando o inglês George Orwell, no final dos anos 40 do século passado, publicou a obra "1984" - uma assustadora utopia negativa quanto ao futuro das sociedades, nas quais não haveria liberdade, individualidade e

privacidade -, despontou no ocidente um disfarçado e ansiado consenso (apoiado em uma simulada expectativa): tudo aquilo que ele colocara no livro jamais poderia acontecer nem se relacionava com o porvir do mundo capitalista. No entanto a macabra história sobre uma sociedade totalitária vai além de fatos abstratos e atinge hoje, em cheio, o terreno da "mercadolatria". Orwell disse que, numa sociedade como a que prenunciou, "o crime de pensar não implica a morte, o crime de pensar é a própria morte".¹⁶³

Demais desdobramentos da recepção da obra serão expostas no próximo capítulo em que faremos análise de três temas relacionados a 1984, sendo eles a violação da intimidade, o Grande Irmão e a sexualidade.

¹⁶³ CORTELLA, Mário Sérgio. Se você parar para pensar. **Folha de S. Paulo**, 24, mai, 2001. Folha Equilíbrio. p.15.

CAPÍTULO III

HISTORICIZAÇÃO DA LEITURA DE *1984* E OS RASTROS DA FICÇÃO NA REALIDADE

“Podiam arrancar de você até o último detalhe de tudo que você já tivesse feito, dito ou pensado; mas aquilo que estava no fundo de seu coração, misterioso até para você, isso permaneceria inexpugnável.”

ORWELL, 2009, p. 12

Em um texto chamado *Por que ler os clássicos*, o autor Ítalo Calvino¹⁶⁴ elabora uma série de definições para tentar explicar quais livros podem ser encaixados na categoria de clássicos. Na definição de número sete, ele diz: “Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)”. Guiados por essa assertiva e pelas discussões do capítulo anterior, podemos entender *1984* como um livro clássico, para isso basta seguirmos os rastros deixados pela obra, pelos seus leitores e as demais marcas que ele deixou no tempo.

Teletela, Grande Irmão, Polícia das Ideias, Quarto 101, Dois Minutos de Ódio, Novafala, duplipensamento, despessoa, buraco da memória, $2 + 2 = 5$, Ministério da Verdade, Ministério da Paz, Ministério do Amor, “são todas locuções que entraram para o vernáculo e a consciência de nossa época, como figuras vividas”¹⁶⁵ e “incorporaram-se imediatamente à consciência moderna”¹⁶⁶ e, mesmo quem nunca tenha pegado o livro de Orwell para ler, já se deparou com elas por aí, em jornais, revistas, na televisão, no cinema ou em memes pela internet.

Os jornalistas adoram usar termos novos, sobretudo aqueles que simplificam fenômenos complexos. Como escreveu Nigel Kneale na revista Radio Times, “algumas das palavras por ele [Orwell] cunhadas – ‘pensamento-crime’, ‘duplipensamento’, ‘despessoas’, ‘rostocrime’, ‘Novafala’, entre outras – acabaram se incorporando como alerta na linguagem da década de 1950”.¹⁶⁷

¹⁶⁴ CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 11.

¹⁶⁵ Irving Howe, p. 67 <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19840101-33383-nac-0067-cul-3-not>

¹⁶⁶ Arthur Schlesinger, 80 <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19840101-33383-nac-0080-cul-16-not>

¹⁶⁷ LYNSKEY, 2021, p. 287.

Segundo Lynskey,¹⁶⁸ “1984 é mais conhecido do que lido [...]. O significado de uma obra de arte nunca se restringe às intenções do seu criador”, isso quer dizer que, por muitas vezes, os propósitos que Orwell havia para sua obra podem ter sido “distorcidos ou ignorados”, como no uso dos termos criados por ele, Big Brother, sendo um exemplo que veremos adiante. Talvez esse retorno a *1984* e seus usos nos mais diversos contextos se explique, ainda segundo Calvino¹⁶⁹ por um livro clássico, como este aqui estudado, “ser um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Novos leitores sempre encontram e estabelecem novas relações e juízos sobre ele, até mesmo aqueles que fazem uma releitura acabam encontrando novos significados.

Fato é que nunca conseguiremos saber quantas pessoas realmente leram o *1984* e quantos conhecem o livro “de ouvir falar”. Pelos dados dos mercados editoriais, conseguimos saber quantas cópias foram produzidas, quantas foram comercializadas e quais foram os livros mais vendidos; porém a estatística de leitura nos escapa. Afinal, quantas pessoas leram um único exemplar da obra disponível em uma biblioteca pública, ou, ainda, quantas pessoas da mesma família leram a cópia da estante de casa? Alguns dados de tiragens e vendagens ao longo dos anos foram divulgados pelos jornais, como pode ser visto abaixo.

A edição com capa dura da Secker&Warburg vendeu 50 mil exemplares nos dois primeiros anos, e a edição em brochura da Penguin logo superou em muito esse número. Nos Estados Unidos, onde permaneceu na lista dos mais vendidos do New York Times durante vinte semanas, foram comercializados 170 mil exemplares de capa dura, 190 mil através do Book-of-the-Month Club, 596 mil na edição abreviada da Reader'sDigest e nada menos do que 1,21 milhão na edição em brochura da New American Library.¹⁷⁰

No Brasil, publicado quase uma década após o lançamento na Inglaterra, o livro também possui números expressivos de tiragem, tendo sido publicado por duas editoras diferentes até 2019, editora Companhia Editora Nacional de 1954 a 2008, com tradução de Wilson Velloso e editora Companhia das Letras de 2009 até a atualidade, com tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. A primeira tiragem em 1954 foi de 4.007 cópias.

Nas tiragens posteriores, ao longo das décadas de 1960, 1970 e início da década de 1980, o livro tinha uma média de 4.000 cópias, atingindo a faixa das 15.000 cópias, nos anos de 1978, 1979 e 1980. O ápice editorial do livro, no entanto, atinge números exorbitantes nos anos seguintes. Este ápice

¹⁶⁸ LYNSKEY, 202, p. 13.

¹⁶⁹ CALVINO, 1993, p. 11.

¹⁷⁰ LYNSKEY, 2021, p. 287.

começa com as tiragens de 15 de abril de 1983, com um total de 20.730 cópias. Em 11 de novembro do mesmo ano de 1983, atinge seu máximo com 40.460 cópias. Esse ápice editorial alcançado pela editora, vai até 26 de abril de 1984, quando o livro tem uma tiragem de 20.434 cópias.¹⁵⁹ O total de cópias produzidas do livro 1984 de Orwell neste período, de pouco mais de um ano, atingi os números impressionantes de 102.037.¹⁷¹

O que nos propomos neste capítulo, portanto, é dar continuidade às leituras que foram feitas do mundo a partir da obra de Orwell, uma vez que muitos estudos sobre *1984* tentam ler a obra de acordo com o tempo histórico em que foi escrito. Aqui, fazemos o inverso, tentaremos descobrir como o livro foi apropriado, citado e usado nos diferentes tempos históricos em que foi lido. Para além de ver o Grande Irmão como sendo inspirado em Stalin, como novas conjunturas e avanços tecnológicos fizeram os leitores estabelecerem outras leituras e outras apropriações de *1984*, por exemplo.

“A leitura, enfim, é prática criadora – tão importante quanto o gesto da escritura do livro”,¹⁷² é no ato da leitura, isto é, “no tempo presente da leitura” que o leitor atualiza, realoca e ressitua o texto, é “uma leitura ativa e (re)criadora, possivelmente anacrônica”,¹⁷³ porque o leitor relaciona o que está lendo com outros textos e notícias que leu, filmes e seriados a que assistiu, tecnologias as quais teve acesso, assim por diante, e das quais George Orwell, pode não ter previsto ou sequer conhecido.

a partir da leitura e difusão do conteúdo do livro, poderão ser geradas inúmeras representações novas sobre os temas que o atravessam, que em alguns casos poderão passar a fazer parte das representações coletivas. A produção de um bem cultural, como um livro ou qualquer outro, está necessariamente inscrita em um universo regido por estes dois pólos que são as práticas e as representações.¹⁷⁴

Neste capítulo, portanto, confrontaremos o que Orwell escreveu em sua obra com o que os leitores (aos quais tivemos acesso por meio de jornalistas e colunistas dos jornais) disseram sobre o mesmo tema a partir de suas interpretações sobre o que leram em *1984*, já que “o texto não se constitui como algo fechado, e sim como algo aberto e possível de ser

¹⁷¹ SILVA, 2010, p. 250.

¹⁷² BARROS José D’Assunção. A História cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**. DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005, p. 128.

¹⁷³ PINTO, Júlio Pimentel. **Do fingimento à imaginação moral: diálogos entre história e literatura**, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tem/a/Wjx9bsNBkk6gz3fCXKdKpqc/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 21 de jan de 2022, p. 28-29.

¹⁷⁴ BARROS, op. cit., p. 134.

experimentado pelas impressões do leitor, pela subjetividade e por outras leituras”.¹⁷⁵ Impressões essas que advêm dos “espaços vazios” de Iser¹⁷⁶ ou “lacunas” segundo Jauss¹⁷⁷ e aos “espaços de experiência” de Koselleck.¹⁷⁸

Os “espaços vazios” ou “lacunas” são as brechas deixadas no texto pelo autor, intencionalmente ou não, que o leitor as preenche de acordo com seu “espaço de experiência”, isto é, preenche com a bagagem carregada por ele até aquele momento, a partir da qual interpreta e relaciona elementos do texto de acordo com seus conhecimentos prévios, com suas vivências e com o que ele conhece do mundo. Portanto, a interpretação de uma obra literária clássica não é estanque, ela é viva, ela se altera com o tempo. Leitores da década de 1960 não leram *1984* da mesma forma que alguém na década de 2010.

Muitas vezes, o leitor é condicionado pelos fatores econômicos, morais e culturais de sua realidade com a da obra, sendo que este analisa os aspectos sociais encontrados nela mediante seu período de surgimento, porém, em alguns casos, relacionados com os de sua vida, construindo juízos sobre ela.¹⁷⁹

O leitor passa, então, a ser um atualizador do sentido da leitura, processo que Jauss¹⁸⁰ nomeia como “juízo dos séculos”, que consiste no acúmulo dos juízos emitidos a respeito de uma obra literária por “outros leitores, críticos, espectadores e até mesmo professores”, esse juízo é, portanto, um “desdobramento de um potencial de sentido virtualmente presente na obra, historicamente atualizado em sua recepção e concretizado na história do efeito”, realizando, assim, a “fusão dos horizontes” historicamente diferentes “de forma controlada”. Esse horizonte é um “horizonte histórico”, e “é sempre abarcado por aquele de nosso presente”, ou seja, “a tradição da arte pressupõe uma relação dialógica do presente com o passado, relação essa em decorrência da qual a obra do passado somente nos pode responder e ‘dizer alguma coisa’ se aquele que hoje a contempla houver colocado a pergunta que a traz de volta de seu isolamento”.¹⁸¹

¹⁷⁵ LIMA, C. S.; LIMA, L. S. Estética da recepção: o conhecimento de mundo do leitor para a significação do texto literário. *Littera Online*. n. XVIII. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Maranhão: 2019. Disponível em: <<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/13196/7313>>. Acesso em 03 de fev 2022, p. 175.

¹⁷⁶ ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*: vol. 1 e 2. São Paulo: Ed. 34, 1996.

¹⁷⁷ JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

¹⁷⁸ KOSELLECK, 2004.

¹⁷⁹ LIMA; LIMA, 2019, p. 177.

¹⁸⁰ JAUSS, op. cit., p. 38.

¹⁸¹ *Ibidem*, p. 37-40.

Os subtópicos que se seguem são uma tentativa de perceber como a leitura de *1984* foi se alterando e atualizando durante as décadas no período que vai do final da década de 1950, período em que foi publicada a primeira edição brasileira da obra, até o ano de 2019, ano que antecede a comemoração do centenário de George Orwell e, por conseguinte, a entrada de suas obras em domínio público no Brasil. Para melhor organização e melhor leitura, decidimos dividir por temas e, assim, mostrar como esses temas foram lidos, percebidos, comentados e representados durante todos esses anos.

Os temas foram escolhidos pela frequência com que apareceram na pesquisa realizada nos acervos dos maiores jornais do país (Folha de São Paulo e Estado de São Paulo) e também pela relevância desses assuntos na história e no universo ficcional criados por Orwell que encontram ressonância no mundo real, pois continuam mobilizando discussões relacionadas ao livro, sendo eles: privacidade, o Grande Irmão e sexualidade.

3.1 - Invasão de privacidade

O conceito moderno de privacidade é historicamente recente, firmando-se com o advento da consolidação dos ideais burgueses de liberdade e de propriedade privada evocados nas revoluções burguesas iniciadas na Inglaterra do século XVII e culminadas na Revolução Francesa do século XVIII. A “privacidade ganhou seus contornos a partir da defesa da propriedade, dentre as quais o domicílio foi elevado a elemento principal, na compreensão de que seria o espaço onde o sujeito estaria protegido não somente de terceiros, mas também do próprio Estado”,¹⁸² e é justamente neste ponto que Orwell trabalha: quando a privacidade passa também a estar sobre o controle do Estado. Essa possibilidade de interferência do Estado dentro e fora de casa foi algo que assustou algumas gerações de leitores de Orwell.

A privacidade é algo que não existe para os membros mais baixos do Partido da Pista de Pouso Número Um. Eles são vigiados o tempo todo pelo Estado: na figura do Grande Irmão, pelas teletelas, pela Polícia do Pensamento, por seus vizinhos, colegas de trabalhos, pelos outros membros do Partido, e, até mesmo, os filhos são treinados e doutrinados a espionarem seus pais e, se preciso for, denunciá-los à polícia em caso de traição da ideologia do Partido. Grandes cartazes do Grande Irmão estampam em letras garrafais a frase “GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ”,¹⁸³ que não deixam a população esquecer

¹⁸² GARCIA, R. D. Os direitos à privacidade e à intimidade: origem, distinção e dimensões. **Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas**, [S. l.], v. 34, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://revista.fdsu.edu.br/index.php/revistafdsu/article/view/257>>. Acesso em: 12 de set de 2022, p. 2.

¹⁸³ ORWELL, 2009, p. 12

que está sendo vigiada a todo momento, até mesmo os olhos do Grande Irmão nas fotografias parecem estar vigiando a todos que por ele passa.

“A privacidade, disse, era uma coisa muito valiosa”, reflete Winston em determinado momento, “todo mundo queria ter um lugar em que pudesse estar a sós de vez em quando”.¹⁸⁴ A ideia de privacidade é algo muito distante daquela realidade de 1984 e, assim como outros sentimentos, pertencia há tempos a muito perdidos. “Ele se dava conta de que a tragédia pertencia aos tempos de antigamente, aos tempos em que ainda havia privacidade, amor e amizade, e em que os membros de uma família se amparavam uns aos outros sem precisar saber por quê”.¹⁸⁵

A vigilância constante é uma das armas do Partido para o subjugamento das pessoas. Hanna Arendt¹⁸⁶ fala que “[...] as quatro paredes da propriedade privada de uma pessoa oferecem o único refúgio seguro contra o mundo público comum – não só contra tudo o que nele ocorre, mas também contra a sua própria publicidade, contra o fato de ser visto e ouvido”, e que essa possibilidade de ocultar certas atitudes, falas e até mesmo pensamentos é o que dá um sentido mais profundo a existência, já que “uma existência vivida inteiramente em público, na presença de outros, torna-se, como se diz, superficial”. Além do subjugamento dos indivíduos, o Estado totalitário de 1984 busca também o esvaziamento de sentido da vida dessas pessoas, pois assim, elas não teriam pelo que lutar e se rebelar. O principal instrumento utilizado para tal vigilância eram as “teletelas”.

“Teletela” é uma “placa oblonga de metal semelhante a um espelho fosco” que fica “integrada à superfície da parede”, “a teletela recebia e transmitia simultaneamente” sons e imagens, isto é, “todo som produzido [...] que ultrapassasse o nível de um sussurro muito discreto seria captado por ela” e, mais ainda, enquanto alguém “permanecesse no campo de visão enquadrado pela placa de metal, além de ouvido também poderia ser visto”. As teletelas estavam espalhadas por toda parte: nas casas das pessoas, nos trabalhos, nos corredores, nas lojas, nas ruas e até mesmo nas praças. Dessa forma, “não havia como saber se você estava sendo observado num momento específico”.¹⁸⁷

Tentar adivinhar o sistema utilizado pela Polícia das Ideias para conectar-se a cada aparelho individual ou a frequência com que o fazia não passava de especulação. Era possível inclusive que ela controlasse todo mundo o tempo todo. Fosse como fosse, uma coisa era certa: tinha meios de conectar-se a seu aparelho sempre que quisesse. Você era obrigado a viver — e vivia, em

¹⁸⁴ ORWELL, 2009, p. 16.

¹⁸⁵ Ibidem, p. 42.

¹⁸⁶ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 81.

¹⁸⁷ ORWELL, op. cit. p. 12-13.

decorrência do hábito transformado em instinto — acreditando que todo som que fizesse seria ouvido e, se a escuridão não fosse completa, todo movimento examinado meticulosamente.¹⁸⁸

O estado de vigilância constante provocado pelas teletelas criava o clima ideal para evitar que revoluções ou insurreições contra o regime e contra o Grande Irmão acontecessem, uma vez que “era terrivelmente perigoso deixar os pensamentos à solta num lugar público qualquer ou na esfera de visão de uma teletela”, pois, assim como Freud¹⁸⁹ dizia, “quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir fica convencido de que os mortais não conseguem guardar nenhum segredo. Aqueles cujos lábios calam denunciam-se com as pontas dos dedos; a denúncia lhes sai por todos os poros”, a teletela era capaz de identificar o menor deslize, “qualquer coisinha podia ser sua perdição. Um tique nervoso, um olhar inconsciente de ansiedade, o hábito de falar sozinho — tudo que pudesse produzir uma impressão de anormalidade, de que tinha alguma coisa a esconder”, mesmo que a pessoa conseguisse controlar um impulso como “uma expressão inadequada no rosto (parecer incrédulo no momento em que uma vitória era anunciada, por exemplo)”, ainda assim, a teletela era capaz de captar outros sinais que “você não conseguia controlar: o batimento do coração”, por exemplo, “a teletela era suficientemente sensível para captá-lo”.¹⁹⁰

O medo gerado pela perspectiva de perder sua privacidade e de ser espionado pelo governo é algo com o qual várias gerações puderam estabelecer um vínculo com *1984* e aparecem nas pesquisas realizadas nas matérias de jornais. “A ciência dispõe hoje em dia de um arsenal infinito de dispositivos para espionar e controlar o próximo e parece que estamos vendo surgir os primeiros sinais do inquietante mundo anunciado por George Orwell”, disse o Estado de São Paulo¹⁹¹ quando relatava a seus leitores o surgimento, nos Estados Unidos, dos primeiros bairros residenciais projetados com a preocupação da segurança, com utilização de “dispositivos primários e grosseiros de proteção: cercas de arame farpado [...], controle de pessoas estranhas que penetram no recinto”, mas ressalta que é uma questão de tempo para que a utilização de “recursos mais sofisticados da tecnologia moderna: câmeras de televisão em circuito fechado [...], microfones ultra-sensíveis nos pontos-chaves para o controle de veículos e pessoas suspeitas” passassem a ser comum em vários lugares.

¹⁸⁸ Ibidem, p.13.

¹⁸⁹ FREUD, S. **Fragmentos da análise de um caso de histeria**. Em J. Salomão (org.) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 78.

¹⁹⁰ ORWELL, 2009, p. 79, 99.

¹⁹¹ CESAR, Roberto Cerqueira. Uma nova Idade Média?. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, 13, abr, 1969. Geral, p. 160. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19690413-28837-nac-0160-999-160-not>>. Acesso em: jul de 2022.

O avanço da tecnologia causava cada vez mais medo no público de ter seus lares espionados, e, claro, um dos alvos desse temor são os aparelhos de televisão, que, naquele momento, era o mais próximo das teletelas que as pessoas conheciam. Elas vislumbravam a possibilidade de que, em um futuro não muito distante, um aparelho de televisão pudesse tanto receber o sinal de TV quanto transmitir imagens, sons e informações das pessoas que a assistiam, em sentido contrário, isto é, das casas que possuíam o sistema de TV via cabo para uma central de observação.

Num futuro não muito remoto, "espíões" munidos de dispositivos eletrônicos pode (sic) observar grande parte das atividades dos lares que tiverem um telereceptor do sistema de televisão por fio.

Sem conhecimento do dono da casa, estes espíões poderiam gravar os programas sintonizados, as transações com grandes lojas e bancos, e, até mesmo, conversas familiares.

A base seria um sistema de televisão por fio, com transmissão em ambos os sentidos, que já está sendo instalado experimentalmente em algumas comunidades [...].¹⁹²

Mas não são apenas as televisões que seriam usadas como arma de espionagem, surgiu também o temor de que um sistema de tecnologia avançada seria capaz de transformar qualquer alto falante em microfone com apenas um apertar de botão. A exemplo do livro de Orwell, em que microfones eram utilizados para espionagem onde as “teletelas” não conseguiam ser instaladas. “Não havia teletelas, claro, mas sempre se corria o risco de que o lugar fosse vigiado por microfones escondidos, que haveriam de captar e identificar a voz de quem aparecesse por ali”.¹⁹³

Tomem nota dessa palavra, pois designa um novo tipo de 'espionagem tele-eletrônico' que, sem dúvida, deve estar fazendo George Orwell - o autor de "1984" - dar mil voltas no túmulo! [...] O mundo de ficção científica de "1984", quando o "Grande Irmão" proibia que se desligasse os televisores, porque assim, escutava até [...] os suspiros noturnos, está pertinho de nós, se é que já não se antecipou de sete anos à "previsão" de Orwell.¹⁹⁴

¹⁹² A PROFECIA de George Orwell. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 02, fev, 1972. Folha ilustrada, p. 27. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=4287&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4331862&origem=busca&originURL=&pd=f5d25736afe4fe5fb5571fcc61a2b89e>>. Acesso em: jun de 2022.

¹⁹³ ORWELL, 2009, p. 143.

¹⁹⁴ MONTEIRO, T. Invigilation. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03, mai, 1977. Ilustrada, Panaroma. p. 36. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=6204&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4239519&origem=busca&originURL=&pd=379ec1101902434579ae37be58757c11>>. Acesso em: jun de 2022.

O medo da espionagem foi potencializado quando o escândalo de Watergate ganhou a mídia do mundo todo, inclusive no Brasil, onde os jornais também cobriram o caso. Watergate foi um escândalo político e jornalístico iniciado quando a polícia de Washington DC prendeu cinco homens em junho de 1972, enquanto eles tentavam instalar escutas no comitê nacional do partido democrata norte-americano que ficava localizado no edifício Watergate, nome pelo qual o caso ficou conhecido. A história chamou a atenção de dois repórteres, Bob Woodward e Carl Bernstein, do jornal *Washington Post*. Eles iniciaram uma investigação, e o que parecia ser um caso de espionagem isolada, mostrou-se ser mais que isso. Os jornalistas conseguiram estabelecer vínculo do evento do prédio Watergate e dos homens que lá foram presos com altos funcionários da Casa Branca e, por fim, com o próprio presidente Richard Nixon, que, dois anos depois, veio a renunciar ao mandato presidencial.

O caso causou aflição na população por dois motivos: primeiro pelo envolvimento da alta cúpula do governo e segundo por mostrar que ninguém estaria a salvo de ter sua vida espionada, uma vez que nem mesmo entidades políticas estavam seguras. Fato esse que remetia diretamente aos eventos narrados em *1984* cuja relação foi estabelecida tanto pelos jornais como por políticos da época: “tenho medo de que se instale em nosso país um governo estilo Big Brother”, disse Moorhead lembrando a sátira de George Orwell (“1984”) do estado totalitário”.¹⁹⁵

Não é a primeira vez que o senador Sam Ervin, presidente do inquérito parlamentar sobre Watergate, adverte contra os riscos de desaparecimento, nos Estados Unidos, de um dos direitos fundamentais do indivíduo: o de privacidade. Diante da denúncia de que a CIA atua internamente, tendo fichado pelo menos mil norte-americanos, feito interceptações de conversas telefônicas e violado cartas, ele acusa o ex-ministro da justiça de Nixon, Jhon Mitchell, de haver montado um “Estado policial”. [...] Em outubro de 1972, pouco antes da reeleição de Nixon, tornou-se público nos Estados Unidos um estudo confidencial prevendo a entrada em cadeia, a qualquer momento e sob comando direto da Casa Branca, de todas as rádios e televisões norte-americanas. “É 1984”, disse um deputado democrata, William Moorhead.¹⁹⁶

¹⁹⁵ CARLOS, Newton. Nova ameaça paira sobre a humanidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19, ago, 1973. 1º Caderno, Exterior, p. 05. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=4851&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4401973&origem=busca&originURL=&pd=833a7f4a33d83ca383ed770d7b91a9c>>. Acesso em: jun de 2022.

¹⁹⁶ CARLOS, Newton. O cidadão cada dia mais vigiado. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27, dez, 1974, 1º Caderno, Exterior, p. 06. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=5346&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4389757&origem=busca&originURL=&pd=f97aa9ec4794d6d89e4bf2a74e17bc82>>. Acesso em: jun de 2022.

Uma década depois do ocorrido, o caso Watergate ainda repercutia nos jornais. “Nunca foi tão precisa a imagem que atribui olhos e ouvidos às paredes. Watergate pode ser um símbolo de uma epidemia muito mais grotesca do que a simples escuta dos adversários políticos”, uma vez que os avanços tecnológicos permitiram o surgimento de “instrumentos cada vez mais sofisticados de captação, processamento e transmissão da informação podem criar algo muito mais tétrico do que 1984, de George Orwell.¹⁹⁷

A recordação desse episódio é provocada pela ameaça de completa eliminação do direito a privacidade - aqui sem ironia - que o avanço da micro-eletrônica vem proporcionando, em especial aos governantes totalitários ou apenas autoritários, com destaque para seus serviços ditos de inteligência.

Em sua assustadora novela "1984", George Orwell já antecipava o advento de uma sociedade assim, em que todos estaríamos sob a vigilância constante do "Big Brother", graças ao aperfeiçoamento dos métodos políticos de controle, servidos pelos meios eletrônicos de comunicação.¹⁹⁸

Anos mais tarde, outro escândalo de espionagem americana viria à tona por meio do ex-técnico da CIA Edward Snowden, que vazou informações sigilosas de segurança dos Estados Unidos, revelando que o país espionava não só sua própria população como também de outros países europeus e da América Latina, chegando, inclusive, a monitorar conversas da ex-presidenta Dilma Rousseff e seus principais assessores. “Li recentemente ‘1984’ e fiquei pasmo com a semelhança entre o mundo fantástico do livro e a realidade atual, com a espionagem norte-americana revelado por Edward Snowden. Em breve, os Estados Unidos poderão transformar nossos computadores em verdadeiras ‘teletelas’. Deus nos proteja!”¹⁹⁹ O caso foi apelidado de “Obamagate” em referência clara ao Watergate. O ex-presidente Obama ainda causou alvoroço ao dizer que “ninguém pode viver com segurança e privacidade com 0% de inconveniência”.²⁰⁰

O mundo é um grande Big Brother, George Orwell acertou em cheio. A diferença é que nosso mundo não é uma ditadura pré-histórica como na do livro "1984", mas uma sociedade democrática que preserva direitos gays ao mesmo tempo que quer saber se eu e você estamos envolvidos em um ataque

¹⁹⁷ **O ESTADO de S. Paulo**, São Paulo, 11, out, 1981. Cultura, p. 152. Disponível: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19811011-32695-nac-0152-cul-16-not>>. Acesso em: jul de 2022

¹⁹⁸ PERELVA, Osvaldo. Direito à privacidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17, mar, 1983. 1º caderno, opinião, p. 02.

¹⁹⁹ IGLESIAS, Lessandro Geraldo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21, ago, 2013. Opinião, painel do leitor, A3 Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19593&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=5889644&origem=busca&originURL=&pd=995d274f50828b2b834524884d3686b7>> Acesso em: ago de 2022.

²⁰⁰Ibidem.

a alguma embaixada no Mali ou que tipo de tênis e comida étnica curtimos.²⁰¹

No Brasil, houve um certo receio da tecnologia, visto que, após os bancos e comércios, seria a vez de conectar-se aos lares das famílias brasileiras e “[...] a infra-estrutura para esta interligação total já existe em milhões de lares brasileiros”, mais de 6 milhões de casas já possuíam essa linha de comunicação “sob o nome de ‘telefone’. George Orwell, em ‘1984’, denominou-as ‘teletelas’ - e, para que o telefone se transforme em uma delas, basta acoplá-lo a um microcomputador através de um aparelho chamado “modem”. que é exatamente o que acontece atualmente. Essa possibilidade assustava, já que, com uma base de dados únicas, ficaria mais fácil de um “grupo político instalar um computador centralizando boa parte do fluxo de informações dos cidadãos e adotar identificador universal [...] para facilitar ainda mais o controle da população”.²⁰²

Quando George Orwell escreveu sua famosa obra 1984, que mostrava a possibilidade de implantação do mais perfeito Estado totalitário, empenhado em devassar a implacavelmente a vida dos cidadãos, não imaginava que, mediante cartões eletrônicos, se poderia exercer um dia controle absoluto dos gastos das pessoas. O "Grande Irmão" de Orwell fez escola: o governo brasileiro pretende aperfeiçoar a fiscalização dos contribuintes ao exigir que as administradoras de cartões de crédito forneçam informações sobre os gastos dos seus usuários, a fim de verificar se as despesas dos contribuintes são compatíveis com suas rendas declaradas. Assim, o que parecia uma fantasia ameaça se transformar no Brasil em realidade: o Estado poderá saber, em pormenor, quantas vezes uma pessoa foi ao restaurante ou ao motel [...].²⁰³

Se anteriormente a privacidade estava ligada ao âmbito da propriedade privada, “[...] o avanço das tecnologias, associado à possibilidade de exposição do sujeito a níveis antes inconcebíveis, foi fazendo surgir a necessidade de uma melhor compreensão do que seria efetivamente o direito a uma vida privada”. A privacidade foi, então, “[...] inserindo-se de vez como um direito à personalidade”.²⁰⁴ Projetos de leis e leis foram sendo criados para

²⁰¹ PONDÉ, Luiz Felipe. Invasão de privacidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22, jul, 2013. Ilustrada, p. E 10. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=1956_3&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=5884744&origem=busca&originURL=&pd=603ed3861f50aceb8487e52746836a15> Acesso em: ago de 2022.

²⁰² A CADA dia, a ficção de 1984 é mais real. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 05, jan, 1986. Informática, p. 39. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19860105-34003-nac-0039-999-39-not>>. Acesso em: jul de 2022.

²⁰³ DE VOLTA a "1984". **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 21, fev, 1992. Geral, p. 03. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19920221-35919-nac-0003-9993-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: jul de 2022

²⁰⁴ GARCIA, 2018, p. 2.

tentar resguardar as pessoas e seus direitos, tendo, mais uma vez, como exemplo a obra de Orwell. Em 1975, deputado Francisco Amaral apresentou um projeto de lei no congresso brasileiro, visando proteger os dados armazenados e resultados obtidos por computadores, como “notadamente quanto ao número de identificação pessoal, data do nascimento, nome completo, estado civil, profissão, nacionalidade, residência e data de morte”.²⁰⁵

Quando George Orwell escreveu "1984", ninguém imaginava elaborar uma legislação prevenindo a invasão da privacidade. É bem verdade que o "Big Brother" ainda não entrou em cena, mas pouco falta para que ele assuma seu poder absoluto sobre as vidas humanas. E 1984 não está longe, pois a invasão da vida privada - especialmente pela informática - está se tornando uma realidade cada dia mais palpável.²⁰⁶

O que Orwell não pôde prever era que, no futuro não muito distante dele, a privacidade sofreria um revés, que, do medo da espionagem, passaríamos a expor nós mesmos nossa intimidade em plataformas on-line chamadas redes sociais. Tornando, assim, a fronteira entre privado e público muito mais tênue e mais questionável. “Cada vez mais vaporosas e indistintas, as fronteiras da vida particular parecem encolher-se mais a cada dia com a invasão dos computadores, dos telefones portáteis, das câmeras de vigilância, dos cartões eletrônicos, que registram cada um de nossos gestos e deslocamentos”.²⁰⁷

Hoje, uma distopia como "1984" de George Orwell seria incompreensível. Não é preciso nenhum aparato totalitário para saber quem somos, o que somos, o que fazemos, onde estamos, do que gostamos, do que não gostamos, com quem vivemos, onde nascemos, onde estudamos, o que estudamos, o que fazemos.

Nós próprios fornecemos essa longa lista de privacidades que fariam as delícias das antigas polícias secretas dos regimes totalitários. Alegrementemente. Publicamente. Voluntariamente. E cedemos por quê? [...] "Vaidade: definitivamente, o meu pecado favorito" [do filme advogado do diabo].²⁰⁸

²⁰⁵ DEFESA da privacidade tem projeto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30, out, 1975. 1º Caderno, nacional, p. 07. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=5653&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4635140&origem=busca&originURL=&pd=43718e4ee5deedb4e9d568e724be14dd>>. Acesso em: jun 2022.

²⁰⁶ DEFESA da privacidade tem projeto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30, out, 1975. 1º Caderno, nacional, p. 7.

²⁰⁷ STEHLL, Jean-Sébastien. Ameaças à nossa vida privada. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 18, mar, 2001. p. 110. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20010318-39233-spo-110-cd2-d10-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: jul de 2022.

²⁰⁸ COUTINHO, João Pereira. Vitrines holandesas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03, set, 2013. Ilustrada, p. E10. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19606&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=5891644&origem=busca&originURL=&pd=c77d433af4bfdff9015ab560ce90d717>>. Acesso em jun de 2022

Em um artigo de 2019, a jornalista Luiza Pastor resumiu bem o percurso realizado pela questão da privacidade na sociedade moderna, da valorização dos segredos à valorização da extrema exposição em que o conceito de privacidade sofreu um abalo conceitual.

Nos três séculos seguintes, a sociedade ocidental conviveria com uma verdadeira obsessão pela privacidade, tida como sinônimo de intimidade. Segredos de alcova, segredos profissionais, segredos culinários – a todos havia a possibilidade de uma área reservada para defender seus interesses. A informação era um ativo valioso, reservado a poucos. Ativo valioso, ainda é. Reservado a poucos, não mais.

[...] as redes sociais se multiplicaram e acabaram por se transformar nos principais pólos de disseminação de informação do planeta.

A maior rede disponível hoje, o facebook [...] reúne mais de 2,2 bilhões de usuários, entre pessoas reais, perfis falsos e robôs.

A partir dessa capilarização – à qual se somam Twitter, Instagram, LinkedIn e WhatsApp -, foi destruindo o conceito de privacidade vigente nos moldes que prega o artigo 12 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)

[...]

Os muitos escândalos revelados nos últimos anos confirmam que as redes, os mecanismos de busca, os aplicativos celulares – tudo aquilo que tanto facilita a vida moderna – se transformaram em uma alegre concessão que fazemos, a cada dia, à invasão total e inevitável de informações a nosso respeito.

Por meio dessas redes, a indústria e o comércio sabem o que mais consumimos, presidentes são eleitos e derrubados e os pecados que gostaríamos de ver escondidos são tornados públicos.

Nada do que você fizer ou deixar de fazer passará ao largo do olhar afixado do Big Brother do século 21. Big Brother que não é mais aquele descrito por George Orwell no romance “1984”, publicado em 1949, no qual a vigilância se dava através de um aparelho de televisor que via tudo o que o cidadão fazia entre quatro paredes.

O onipresente olho moderno vai muito além: nos acompanha a cada passo que damos, tem o histórico dos nossos movimentos e nos reconhece por rosto e postura corporal até mesmo quando circulamos pretensamente anônimos, em meio às multidões dos blocos carnavalescos do rio de Janeiro.

Resumo: ascensão de redes sociais destruiu o conceito de privacidade disseminado nos últimos três séculos²⁰⁹.

Ficou perceptível durante todo este tópico que a temática da privacidade caminha com a figura do Grande Irmão, pois ele se torna o símbolo dessa vigilância e do controle total exercido sobre as personagens do livro e que acaba projetando sua sombra também no mundo real sobre o medo das pessoas de perderem sua liberdade e sua privacidade. Dessa forma, discutiremos, na próxima seção, quem é o Big Brother dentro da obra de Orwell e como ele foi reconstruído pelos leitores com o passar do tempo

²⁰⁹ PASTOR, Luiza. O fim da era da privacidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30, jun, 2019, p. 79. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48795&keyword=Big%2CBrother%2CBig%2CBrother%2CGeorge&anchor=6122949&origem=busca&originURL=&pd=7b44ec065fb5ab30a64994b1802e4764>>. Acesso em mar de 2023.

3.2 - Afinal, quem é o Grande Irmão?

Uma das principais criações de George Orwell é o personagem Big Brother, ou o conceito do Grande Irmão, se podemos tratá-lo assim, uma vez que ele se expande em uma direção muito maior que a de um simples personagem, ele abarca uma miríade de conceitos que, com o passar do tempo, foi se atualizando à medida que a sociedade foi se transformando e à medida que a tecnologia foi evoluindo.

O Grande Irmão é o líder político e ideológico da Oceânia, foi um dos líderes que comandaram a Revolução e que, após a vitória, assume o comando da Pista de Pouso Número Um, lugar antes conhecido como Londres. Winston tenta recordar de quando teria ouvido a primeira menção ao Grande Irmão. Apesar de não ter certeza, ele acha que “devia ter sido em algum momento dos anos 1960”. Nas histórias que se lê atualmente na Oceânia, o Grande Irmão aparece “como o líder e o guardião da Revolução desde seus primeiríssimos dias”, apesar de nem sempre ter sido assim, “seus feitos haviam sido recuados gradualmente no tempo até atingir o mundo fabuloso dos anos 1940 e 50”,²¹⁰ isso quer dizer que os feitos, as datas e o que mais se refere ao Big Brother podem ser apenas invenção do Partido.

Por isso, no livro, o Grande Irmão é uma figura enigmática, uma vez que não se tem a certeza de que ele realmente exista como pessoal real, fica a dúvida se sua existência seja real ou inventada e alimentada pelo Partido apenas para mantê-lo como papel simbólico de mobilização e controle, uma entidade que paira sobre os outros, uma existência virtual e não real. Só o vemos em fotografias e vídeos divulgados como propaganda pelo Partido. É em uma conversa entre O’Brian e Winston, quando este é preso e torturado, que temos uma explicação sobre a existência e o papel que o Grande Irmão desempenha dentro da estrutura criada para garantir o poder do Partido e controlar a população que vive sob seu domínio.

No topo da pirâmide está o Grande Irmão. O Grande Irmão é infalível e todo-poderoso. Todos os sucessos, todas as realizações, todas as vitórias, todas as experiências científicas, todo o conhecimento, toda a sabedoria, toda a felicidade, toda a virtude seriam um produto direto de sua liderança e inspiração. Ninguém jamais viu o Grande Irmão. Ele é um rosto nos cartazes, uma voz na teletela. Podemos alimentar razoável certeza de que jamais morrerá, e já existe considerável discussão quanto ao ano em que nasceu. O Grande Irmão é o disfarce escolhido pelo Partido para mostrar-se ao mundo. Sua função é atuar como um ponto focal de amor, medo e reverência, emoções mais facilmente sentidas por um indivíduo do que por uma organização.²¹¹

²¹⁰ ORWELL, 2009, p. 49.

²¹¹ ORWELL, 2009, p. 245.

Confirmamos, assim, o papel simbólico exercido em torno do Big Brother e como chegará o momento em que sua existência real não será mais necessária, ele será eterno, seu nascimento e morte serão indiferentes para a continuidade do papel que ele desempenha, por meio do “[...] culto à personalidade, manter o poder por meio de uma combinação de medo e lealdade”.²¹² Em outra conversa entre O’Brien, Winston insiste em questionar a existência real do Grande Irmão.

“O Grande Irmão existe?”

“Claro que existe. O Partido existe. O Grande Irmão é a personificação do Partido.”

“Mas existe da mesma maneira que eu existo?”

“Você não existe”, disse O’Brien

[...]

“Eu acho que existo”, disse penosamente. “Tenho consciência de minha própria identidade. Nasci e vou morrer. Tenho braços e pernas. Ocupo um ponto particular no espaço. Nenhum outro objeto sólido pode ocupar simultaneamente esse mesmo ponto. É nesse sentido que o Grande Irmão existe?”

“É irrelevante. Ele existe.”

“O Grande Irmão vai morrer um dia?”

“Claro que não. Como ele poderia morrer? [...]”.²¹³

Ao escrever o livro em 1948, Orwell havia vivenciado um período com ascensão e queda de grandes ditadores, que, assim como o Grande Irmão, controlavam governos totalitários responsáveis por aterrorizar a população da Europa. Naquela década de 40 do século XX, Hitler, Stalin, Mussoline e Franco faziam parte do imaginário não só do autor, como também de seus leitores, assim como hoje. “Quando escreveu *A revolução dos bichos* e 1984”, Bradford²¹⁴ escreve, “Orwell havia testemunhado espetáculos aterradores na Espanha, previra os horrores do fascismo na Alemanha e passara a desprezar a esquerda britânica, que julgava que o regime comunista de Stálin não passava de uma utopia ligeiramente defeituosa.”

O que sempre chamava a atenção de Winston eram os olhos do Grande Irmão, sempre transmitindo a impressão de estar seguindo e observando o espectador. Afinal, além de ser o líder da nação, sua função era vigiar as pessoas, por isso, durante o livro, Winston, por várias vezes, faz observações sobre os olhos do Grande Irmão, ao ver os cartazes do líder ele pensa: “era uma dessas pinturas realizadas de modo a que os olhos o acompanhem sempre que

²¹² BRADFORD, 2020, p. 29.

²¹³ ORWELL, 2009, p. 303-304.

²¹⁴ BRADFORD, 2020, p. 45.

você se move. O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ, dizia o letreiro, embaixo”, em outro momento a observação se repete, “na fachada da casa logo do outro lado da rua, via-se um deles. O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ, dizia o letreiro, enquanto os olhos escuros pareciam perfurar os de Winston”, até mesmo nas moedas a impressão de ser observado era mantida.²¹⁵

Tirou do bolso uma moeda de vinte e cinco centavos. Ali também, em letras minúsculas e precisas, estavam inscritos os mesmos slogans, e do outro lado da moeda via-se a cabeça do Grande Irmão. Até na moeda os olhos perseguiam a pessoa. Nas moedas, nos selos, nas capas dos livros, em bandeiras, em cartazes e nas embalagens dos maços de cigarro — em toda parte. Sempre aqueles olhos observando a pessoa e a voz a envolvê-la.²¹⁶

Ficam bem claro os objetivos internos e externos da figura do Grande Irmão na obra de Orwell. Primeiro, os papéis internos: o de servir como a representação personificada do Partido a quem a população dirige seu amor, sua fé e esperança por meio do culto à personalidade e o de servir de controle, ao ter todos sob sua vigilância constante. Em segundo lugar, o seu papel externo à obra: o de representar a visão de Orwell sobre os ditadores e elaborar crítica sobre eles, dando ao Grande Irmão características físicas de um ditador amplamente conhecido na época em que escreveu.

Então, além da imagem ideológica desses ditadores, outra característica fundamental é a imagem física, ou seja, a aparência desses ditadores. No livro, Orwell descreve o “Grande Irmão” como “[...] um homem de uns quarenta e cinco anos, de bigodão preto e feições rudemente agradáveis”.²¹⁷ Sempre retratado em tamanho grande “[...] cheio de força e misteriosa calma, e tão imenso que quase enchia a tela inteira”.²¹⁸ Essas características da aparência do ditador somadas à crítica anterior de Orwell a Rússia Stalinista em *A Revolução dos Bichos* fez com que por muito tempo o “Grande Irmão” fosse associado a Stalin, inclusive na mídia brasileira como veremos adiante.

Desde o minuto em que o bigode do Grande Irmão surge no segundo parágrafo de 1984, muitos leitores, lembrando imediatamente de Stálin, mantiveram o hábito de tecer analogias ponto a ponto, como haviam feito na obra anterior. Embora o rosto do Grande Irmão certamente seja o de Stálin, do mesmo modo que o rosto de Emmanuel Goldstein, o desprezado herege

²¹⁵ ORWELL, op. cit., p. 12.

²¹⁶ Ibidem, p. 38.

²¹⁷ ORWELL, 2009, p. 11.

²¹⁸ Ibidem, p. 26.

do Partido, é o de Trótski, os dois não se alinham a seus modelos de maneira tão elegante quanto Napoleão e Bola de Neve em *A revolução dos bichos*²¹⁹

As comparações com Stalin não demoraram a ganhar as páginas dos jornais.

No aeroporto ergue-se uma estátua de Stalin, que sugere a ideia de um avião prestes a conquistar a estratosfera [...]; na entrada do hotel há um Stalin sentado numa poltrona coberta de fazenda branca [...] escrevendo uma mensagem [...]; no primeiro andar, Stalin sentado ao lado de Lenne, ao qual fala com ar de conselho infalível, sempre pronto a indicar a solução exata [...]. No Correio, nas estações, nas sedes dos serviços públicos, nos tribunais – era evidentemente mais difícil fazer Stalin assumir atitudes de carteiro, de ferroviário ou de funcionário público – foram colocados os costumeiros retratos ou bustos produzidos em série, todos iguais, todos parecidos com a caricatura do Grande Irmão.²²⁰

Mas Stalin não foi o único ditador a ser comparado ao Grande Irmão. Quando a invasão dos Estados Unidos ao Iraque se concretizou, uma das estratégias adotadas para desestabilizar as forças que ainda eram leais ao ditador era atacar os locais e objetos simbólicos de Saddam Hussein.

Derrubar estátuas e rasgar os pôsteres de Saddam Hussein pode parecer uma vingança boba uma perda de tempo dos soldados envolvidos na tarefa. Mas é na verdade, uma das táticas de guerra mais inteligentes, baratas e eficazes da coalizão anglo-americana no território iraquiano.

Assim como o ditador totalitário conhecido como “Grande Irmão”, do romance “1984”, do escrito inglês George Orwell, o imagem de Saddam Hussein está em toda parte. “O Grande Irmão está de olho em você” indicava que toda resistência seria esmagada, que não valeria a pena nem pensar em resistir.

A cada estátua que cai, aumenta a sensação da população local de que o ditador barbudo vai de fato deixar de governar o país.²²¹

Contudo, com a evolução tecnológica, a representação do “Grande Irmão” no mundo real vai se tornando cada vez mais despersonalizada e se tornando cada vez mais ligada às inovações tecnológicas, como fica claro neste trecho do jornal O Estado de São Paulo de 30 de outubro de 1988: “é a versão realista de olho do Big Brother, aquele personagem de 1984 que George Orwell criou e muita gente, antes do poder quase absoluto

²¹⁹ PYNCHON, Thomas. Rumo a 1984. In: ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 438.

²²⁰ **ESTADO de S. Paulo**, São Paulo, 07, out, 1956. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19561007-24980-nac-0001-999-1-not/busca/Stalin>>. Acesso em: jul de 2022.

²²¹ BONALUME NETO, Ricardo. Símbolo do regime é o alvo estratégico. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 08, abr, 2003. 1º Caderno, mundo, p. 13. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=15674&keyword=%22george+orwell%22&anchor=5859818&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=c7e8f6d7b37265bd933e2d71effa7eec>>. Acesso em jun de 2022.

da mídia eletrônica atual, confundiu com Stalin”.²²² Os avanços tecnológicos trouxeram consigo a perspectiva de cada vez mais a tecnologia ser incorporada na vida cotidiana das pessoas, principalmente pelo barateamento dos produtos que permitiam uma parcela maior da população adquirir. “A cada nova feira de informática, saímos de lá com a certeza de que o tempo vai corroborar a profecia ficcional de George Orwell, em 1984, de que um olho em breve estará vigiando todos os nossos passos”.²²³

A cada computador que é fabricado, a cada telefone que é instalado, a cada descoberta que torna a microeletrônica mais acessível ao povo, o cenário fica mais real. A cada dia que passa, o quadro imaginado pelo inglês George Orwell no best-seller "1984" vai concretizando nas sociedades da "era da informática" - O Estado-total, centralizador de todas as informações e controlador até do pensamento dos cidadãos. Orwell personificou o seu Estado na alegoria do "big-brother" (o grande-irmão), um computador-central que cruza os dados recolhidos pela "Polícia do Pensamento".²²⁴

Novamente, aborda-se como os computadores irão dominar o mundo, assim como o Big Brother dominava o mundo criado por George Orwell em 1984, só que não numa visão pessimista do uso do computador para controlar a vida, mas, sim, numa dimensão mais utilitária, ligada a ingressos, tíquetes, pagamentos, etc.

A participação dos computadores na vida das nações desenvolvidas, como os Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha ou Suécia, avança a um ritmo que alguns estudiosos já falam na corrida desenfreada em direção ao ano de 1984, antevisão do vilão mecânico descrito por George Orwell. Uma sociedade onde o "irmão Grande", o "Big Brother", isto é, o computador, acabará detendo todos os centros de decisão do poder, até se colocar, no século 21, como o verdadeiro governo do mundo.²²⁵

Um computador de “grande porte” da Receita Federal foi apelidado de Big Brother pela sua capacidade de análise e controle de informações, pois, por meio de inteligência artificial, ele é capaz de cruzar dados dos mais diversos bancos de informações do

²²² BARROS, Jefferson. Vinheta, a dose certa de vinho. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30, out, 1988. Caderno 2, p. 65. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19881030-34873-nac-0065-cd2-5-not>>. Acesso em: jul de 2022.

²²³ ALMEIDA, Miguel de. Com tanta tecnologia, a vida privada morreu. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15, ago, 1997. Cidades, p. 22. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19970815-37921-spo-0022-cid-c2-not>>. Acesso em jul de 2022.

²²⁴ A CADA dia, a ficção de 1984 é mais real. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 05, jan, 1986. Informática, p. 39. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19860105-34003-nac-0039-999-39-not>>. Acesso em: jul de 2022.

²²⁵ BERTING, Joelmir. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29, mar, 1972. Caderno de Economia, p. 21. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=4343&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4395961&origem=busca&originURL=&pd=7260ad2fc8aa5d2de80e72e3a992d1ef>>. Acesso em: jun de 2022.

Brasil, para “flagrar sonegadores”, como, por exemplo, cruzar os dados da declaração de imposto de renda com “movimentações imobiliárias, informações do Detran e compras com cartão de crédito”, para, assim, “verificar se a vida econômica de um contribuinte é compatível com a renda declarada”.

“Daí surgiu o apelido Big Brother, numa referência ao romance “1984”, de George Orwell. Em 1948, o escritor tentou imaginar como seria a vida no futuro e criou um mundo onde comportamento, pensamentos e até sentimentos eram controlados por uma entidade, o Big Brother. A Receita não chega a esse nível, mas não poupa esforços em tornar cada vez mais difícil a vida de quem esconde rendimentos para não pagar impostos.”²²⁶

Antes mesmo de 2003, já acusavam a Receita Federal de “bisbilhotice bancária”, podendo o governo saber tudo da vida das pessoas por causa do “decreto em má hora assinado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso” que transformou a Receita Federal “de fato, no *Big Brother*”. O decreto em questão é a Lei Complementar 105 que torna obrigatória a notificação à Receita Federal de movimentos bancários acima de R\$ 5 mil para pessoas físicas e de R\$ 10 mil para pessoas jurídicas.²²⁷

Outra polêmica que causou a acusação da Receita Federal de estar agindo como o Big Brother por meio de interpretações equivocadas da lei e de práticas e procedimentos incorretos que estão levando a autuações exageradas.

Na opinião de Gandra Martins, o grande problema é que, com a lei e o decreto que garantem à Receita Federal o acesso a movimentações bancárias, gastos com cartão de crédito acima de R\$ 5 mil e quebra de sigilo bancário sem o aval do judiciário, os fiscais ganharam poder total. “Na verdade, *é 1984*”, afirmou o tributarista, referindo-se ao livro de George Orwell no qual o Estado controla a vida dos cidadãos.²²⁸

Expansão da estrutura e da atividade da Radiobrás, estatal pertencente à Secretaria de Comunicação do governo federal com objetivo de atingir um público estimado em 100 milhões de pessoas com as notícias oficiais do governo. “A operação resulta num agitação do noticiário oficial, jamais atingido nem durante ditaduras como a de Getúlio Vargas, em que

²²⁶ OTTA, Lu Aiko. Big Brother a serviço da Receita Federal. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01, dez, 2003, p. 17. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20031201-40221-nac-17-eco-b3-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: mar de 2023.

²²⁷ UMA violação de direitos. **O Estado de S. Paulo**, 03, dez, 2002. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20021203-39858-nac-3-edi-a3-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: mar de 2023.

²²⁸ MEL, Flávio. Justiça vê sucessão de erros e derruba multas milionárias. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 19, out, 2003, p. 10. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20031019-40178-spo-10-pol-a10-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: mar de 2023.

tudo era controlado pelo célebre departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)”. A matéria continua: ““É o DIP do século 21’, escandaliza-se o ex-deputado Prisco Viana, político que testemunhou meio século de ditadura.”

“O governo procura pôr em prática o seu big brother”, continua Virgílio, numa referência ao controle total dos cidadãos pelo Estado, previsto pelo escritor George Orwell no romance *1984*. “O ministro José Dirceu (Casa Civil) vigia os cidadãos 24 horas por dia. Outro dia, ameaçou punir Maurício dias David, que é funcionário do BNDS, porque num programa de televisão exibido às 1h30 ele criticou o Orçamento. O Dirceu nem dorme mais”, ataca Virgílio.²²⁹

Se a preocupação dos cidadãos das décadas de 1970, 80 e 90 era com a invasão de privacidade em seus lares, como visto no tópico anterior, na década de 2000, foi ao contrário, o que vimos foi uma mudança de mentalidade e de paradigmas: espetacularização da privacidade. Com o advento das redes sociais, as pessoas passaram a expor cada vez mais sua antes vida privada na rede mundial de computadores. A exposição passou a ser valorizada e a ser lucrativa, por exemplo, por meio de *stories* no Instagram, *posts* no Facebook, opiniões no Twitter e sexo no Onlyfans. É a sociedade do espetáculo elevada à sua enésima potência.

A criação de Orwell foi transformada em um dos maiores *reality-shows* televisivos, que, por sinal, dá nome a ele: Big Brother. A exibição do programa em questão encontrou no Brasil seu maior reduto: o Big Brother Brasil, popularmente conhecido também como BBB. Trata-se de um *reality-show*, isto é, um gênero de programa televisivo não roteirizado, que se vende como um programa que mostra a realidade por meio de um microcosmo da sociedade em que é veiculado, ou seja, mostra a vida e as pessoas como elas são. No caso do Big Brother, ele funciona com um grupo de pessoas sendo confinadas dentro de uma casa, vigiadas 24h por dia, sem contato com o mundo exterior, submetidas a provas e votações internas que levam um determinado número de participantes a serem submetidos ao voto popular, para que um seja eliminado da casa naquela semana. Os telespectadores têm a possibilidade de acompanhar o cotidiano da casa por 24 horas por meio de um sistema de assinatura denominado *pay-per-view*.

Diariamente é veiculado na TV aberta um programa que mostra os acontecimentos da “casa mais vigiada”²³⁰ do Brasil editado de forma a criar uma espécie de

²²⁹ DOMINGOS, João. Planato cria supermáquina de informação oficial. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 14, set, 2003, p. 4. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20030914-40143-nac-4-pol-a4-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: mar de 2023.

²³⁰ "BIG Brother Brasil" virou "Malhação" para adultos. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 11, fev, 2007. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u68386.shtml>>. Acesso em: mar de 2023.

novela, com um enredo de fácil assimilação pelo público, evidenciando os romances, os mocinhos e os vilões do programa, dando uma cara de ficcionalidade a algo que se propõe a ser real. O programa tem duração de três a quatro meses em que vários enredos são contados e permeados pelas dinâmicas do programa. Muitas dessas dinâmicas receberam nomes que não ficam muito distantes de termos utilizados por regimes totalitários e teriam feito Orwell se espantar. O ato de colocar alguns confinados à submissão do voto da audiência para ser tirado do programa é chamado de “paredão”, referência a parede ou muro em que pessoas eram colocadas à frente para serem fuziladas em regimes ditatoriais. Para realizar essas votações internas, os participantes entram em um pequeno quarto chamado de “confessionário”, onde eles indicam aqueles que querem ver fora do programa. Quem perde a disputa do paredão é eliminado, outro termo bastante relacionado ao livro *1984*, em que pessoas eram eliminadas pelo sistema do Partido e passavam a não mais existir, eram as despessoas.

Se no livro de Orwell, o Big Brother vigiava a toda população, no programa de TV, a população é quem vigia uma única casa. “O conceito que deu origem à atração, aliás, foi decalcado do livro “1984”, do escritor George Orwell. Na obra, o Big Brother é o líder mundial que, em um futuro distópico, tudo vê. Déspota, ele vigia a população por meio de telas instaladas em suas casas²³¹. Porém, o que muitos jornalistas questionam é se quem assiste a essa “cretina gincana televisiva cujo título vampiriza um clássico da literatura inglesa do século passado que nada tem a ver com folguedos competitivos e patacoadas exibicionistas” (mesmo de baixo) e ironizam se perguntando como o nome do programa seria assimilado na cultura popular. “Como será interpretado o título nos bailes funks do Rio?”, já que a “Globo supõe que o telespectador brasileiro tenha lido o 1984 de Geroge Orwell e que faça uma relação com o Grande Irmão do romance que vigiava a vida íntima de todo cidadão”.²³² Bonalume Neto conta também uma história nesse sentido, ele conheceu um garoto “com segundo grau completo”, mas que “não sabia quem era o Grande Irmão do nome desse programa de TV, ‘Big Brother’. Foi necessário explicar a ele que se tratava de algo tirado do romance “1984”, de George Orwell.”²³³

²³¹ PEREIRA Jr, Alberto. Literatura ajuda participantes a superarem ócio no “Big Brother”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27, jan, 2013. Ilustrada , televisão, p. E7.

²³² **O ESTADO de S. Paulo**, São Paulo, 11, jan, 2002, p. 37. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20020111-39532-spo-37-cd2-d5-not/busca/Big+Brother+Orwell>>. Acesso em: mar de 2023.

²³³ BONALUME NETO, Ricardo. Eu não vi TV às 20h02 de 20/02 de 2002. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24, fev, 2002. Plural, p. 57. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=15266&keyword=%22big+brother+brasil%22&anchor=5662162&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=509990f1f34de275158d848957327b8b>>. Acesso em: jun de 2022.

Ao estrear, na terça-feira dessa semana, Big Brother Brasil atingiu 57 pontos de audiência. Quantos espectadores nesse universo de milhões saberão o que big brother quer dizer? E quantos, entre os que sabem que big brother significa grande irmão, conhecem a origem daquela expressão? Ainda que o romance de George Orwell tenha se transformado em um Best seller mundial e esteja sempre em catálogo, não me atrevo a estimar quantos deles teriam lido *1984*. Por tudo isso talvez seja útil lembrar que, em sua encarnação original, Big Brother representava o supra-sumo da tirania: um ditador invisível que a tudo e todos controlava, como se dotado de um imenso olho, tão oblíquo e oculto quanto o de Truman Show.

O mínimo que se pode dizer é que a picaretagem holandesa abraçadeira pela Rede Globo desfigura e banaliza uma das metáforas mais poderosas do mundo moderno. Mudarei meu nome para Winston Smith se daqui algum tempo Big Brother não ficar mais conhecido como sinônimo de reality show do que como paradigma do dispositivo onividente.

Big Brother Brasil? Poderia ter sido o apelido do SNI ou do DOPS durante a ditadura militar e olha lá.²³⁴

Ironicamente, a emissora que produz e transmite o Big Brother Brasil é a TV Globo, que também já foi comparada ao Grande Irmão pelo seu poder de mobilização, fazendo com que telespectadores não consigam se desvincular do poder de atração alienante exercido pela TV, pela sua penetração no território nacional “que alcança 99,5% da população nacional” e pelo seu tamanho, sendo “uma das maiores redes de televisão do mundo, com o maior centro de TV da América Latina, a Central Globo de Produção (CGP), o Projac (Projeto Jacarepaguá)”.²³⁵

[...] É a síntese do espírito autoritário e, sem ironia, globalizante da emissora [no caso a Rede Globo, com a vinheta do seu logotipo que faz plimlim]. Alerta, como a sineta escolar, para o início e o fim do recreio. Impõe-se diante da atenção do telespectador como um padrão de qualidade. Chama-o inconscientemente para aquilo que a Globo pretende seja cada um de seus programas: "Vem aí mais um campeão de audiência".

A vinheta eletrônica, pela sua rapidez e eficiência. Como o vinho, entorpece e predispõe, como disciplina autoritária à aceitação da mensagem que se segue. É a versão realista de olho do Big Brother, aquele personagem de 1984 que George Orwell criou e muita gente, antes do poder quase absoluto da mídia eletrônica atual, confundiu com Stalin.²³⁶

²³⁴ AUGUSTO, Sergio. No ar, mais uma gincana da era do cinismo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 02, fev, 2002, p. 51. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20020202-39554-nac-51-cd2-d4-not/busca/Big+Brother+Brasil+big+brother>>. Acesso em: mar de 2023.

²³⁵ *Guia ilustrado TV Globo*: novelas e minisséries. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010, p. 05.

²³⁶ BARROS, Jefferson. Vinheta, a dose certa de vinho. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30, out, 1988. Caderno 2, p. 65. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19881030-34873-nac-0065-cd2-5-not>>. Acesso em: jul de 2022.

O poder midiático da TV Globo é tal que dificilmente o nome Big Brother conseguirá ser desvinculado dela tão facilmente nos próximos anos, principalmente por ser um dos programas que mais geram receita para a emissora.

Ninguém mais lembra, mas Big Brother era o nome do governante totalitário, inspirado em Stálin, do livro "1984", de George Orwell. Num futuro que para nós já é passado, essa ditadura havia colocado câmeras vigiando cada aposento de cada domicílio

[...] O nome, no entanto, deveria ter sido considerado embaraçoso pela emissora que funciona como Big Brother (o de Orwell mesmo, não o de brincadeira) neste país em que a população não tem como se proteger da TV. A opção pelo nome indica que a emissora já se julga acima da crítica.²³⁷

Além de representar o poder total e ser a síntese do controle na sociedade de 1984, ainda era reservada outra função ao Grande Irmão, ele deveria ser o centro de atenção e adoração de toda a população. A falta de privacidade trazia consigo outro tipo de controle: o controle por meio da sexualidade, tema que iremos abordar no tópico que se segue.

3.3 - Sexualidade

“Winston amava o Grande Irmão”²³⁸, é assim que George Orwell encerra a história de Winston em 1984. O objetivo de O’Brien fora alcançado após horas, dias, meses, quem sabe quanto tempo de tortura física e psicológica a qual submeteu Winston para conseguir arrancar dele toda sua individualidade e deixar no lugar apenas esse sentimento de amor fanático dedicado ao Grande Irmão.

O partido único de Oceânia tem três slogans ou princípios: Guerra é Paz; Liberdade é Escravidão; Ignorância é Força. O quarto fatalmente seria Amor é Ódio. A recíproca revê-la se verdadeira quando Winston Smith, o mofino herói de “1984”, de George Orwell, admite estar finalmente amando aquele a quem mais odiava, O grande Irmão, consolidando uma relação cujas motivações psicológicas podem ser explicadas através do que Wilhelm Reich escreveu sobre a manipulação da psique coletiva dos alemães pelo nazismo. Como praticar o sexo livremente, em Oceânia, é quase impossível, a energia acumulada canaliza-se para a histórica adoração do chefe supremo.²³⁹

²³⁷ FRIAS FILHO, Otavio. BBB. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31, jan, 2002. 1º Caderno, opinião, p. 02. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=15242&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=89236&origem=busca&originURL=&pd=207a93cc1863fc4dce01d97e64b89894>>. Acesso em: jun de 2022.

²³⁸ ORWELL, 2009, p. 346.

²³⁹ AUGUSTO, Sérgio. A sexualidade na imaginação totalitária. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15, jan, 1984, Ilustrada, p. 76. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8652&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4312476&origem=busca&originURL=&pd=76caa6ad89ddb639a06bac2aa7d3cea0>>. Acesso em: jul de 2022.

Além dos controles abordados anteriormente, relacionados à privacidade e ao Grande Irmão, na Oceania também havia um controle sobre a sexualidade e a afetividade dos indivíduos. O Partido utilizava discursos e mecanismos para garantir que até mesmo esse aspecto íntimo não escapasse da ideologia dominante, transformando-o em uma ferramenta a serviço de seus objetivos. Para alcançar esse propósito, o Partido empregava diversas estratégias: promovia a castidade entre os jovens por meio da Liga Juvenil Antissexo, implodiu a instituição do casamento e criminalizava práticas sexuais consideradas fora do estabelecido. Tudo isso com o intuito de reprimir a energia sexual e direcioná-la para outras finalidades. E um dos primeiros atos de Winston no livro ao iniciar sua rebelião pessoal contra o partido é falar sobre sua sexualidade.

Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa por menos que seja, a liberdade futura.²⁴⁰

Essa revolta se manifesta por meio da escrita de um diário, onde ele registra seus pensamentos sobre o regime opressivo do Grande Irmão. Uma das entradas desse diário descreve um encontro com uma prostituta no bairro dos proletas, o que desencadeia reflexões sobre seu próprio casamento. Winston era casado com uma mulher chamada Katharine, embora ela não apareça na história, pois já estavam separados há onze anos, um período muito mais longo do que os breves quinze meses que passaram juntos como marido e mulher. Winston pensa e se refere a esposa de forma bem incisiva para mostrar o quão alienada ela vivia, “Katharine era dotada da mente mais estúpida, vulgar e vazia com que já deparara. A cabeça dela era incapaz de formular um só pensamento que não fosse um slogan, assim como não havia imbecilidade que ela não engolisse se o Partido assim o quisesse”. Apesar de todos esses defeitos que ele enxergava nela, ele justifica o pouco tempo de relacionamento que tiveram por outro motivo: “[...] contudo, teria tolerado viver com ela se não fosse aquele pequeno detalhe — o sexo”.²⁴¹

Assim que Winston a tocava, Katharine parecia estremeecer e retesar-se toda. Abraçá-la era como abraçar um boneco articulado de madeira. E o estranho era que, mesmo quando ela o estreitava contra si, Winston tinha a sensação

²⁴⁰ FOUCAULT, **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. 1 v. (História da Sexualidade) 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020, p.11.

²⁴¹ ORWELL, 2009, p. 85.

de que Katharine ao mesmo tempo o repelia com todas as suas forças. A impressão era transmitida pela rigidez dos músculos da mulher. Ela ficava estendida na cama de olhos fechados, sem resistir nem cooperar, apenas submetendo-se. Era extraordinariamente constrangedor e, passado algum tempo, horrível. E mesmo assim Winston teria tolerado viver com ela se os dois tivessem feito um acordo no sentido de manter-se celibatários. No entanto, curiosamente, fora a própria Katharine quem descartara essa possibilidade. Não havendo impedimento, era dever dos dois, afirmava ela, gerar uma criança. De modo que a coisa continuou sucedendo uma vez por semana, com grande regularidade, sempre que não fosse impossível. Katharine chegava mesmo a lembrá-lo pela manhã, como se aquilo fosse um compromisso que os dois tivessem mais tarde, algo de que não podiam se esquecer. Ela usava dois nomes para se referir à coisa. Um era “fazer nenê”; o outro, “nosso dever para com o Partido” (sim, ela usara mesmo essa frase). Não tardou para que Winston passasse a sentir verdadeiro pavor ao ver chegar o dia marcado. Felizmente, porém, não veio nenhuma criança, Katharine acabou concordando em desistir de tentar e pouco depois os dois se separaram.²⁴²

Tal comportamento de Katharine se explica pela doutrinação com a qual o Partido aplacava seus membros, mas, segundo Winston, nas mulheres, a castidade estava mais “profundamente entranhada [...]”. Graças a um condicionamento cuidadoso, iniciado desde muito cedo, com jogos e água fria, com as porcarias que lhes vociferavam na escola, nos Espiões e na Liga da Juventude, com as palestras, os desfiles, as canções, os slogans”. Tudo isso fez com que “todo sentimento natural” fosse “arrancado delas”.²⁴³ Controlar mais intensamente a sexualidade feminina era necessário, pois, controlando a mulher, estar-se-ia controlando também a família, garantindo que elas teriam filhos apenas com o propósito de aumentar as fileiras do Partido e que, desde pequenos, os filhos seriam criados dentro da ideologia de dominação.

Todos os casamentos entre membros do Partido tinham de ser aprovados por uma comissão especialmente nomeada para esse fim, e — conquanto o princípio jamais fosse exposto com clareza — a permissão era sempre recusada quando havia sinais de atração física entre o homem e a mulher em questão. O único propósito reconhecido do casamento era gerar filhos para servir ao Partido. A relação sexual devia ser encarada como uma operaçãozinha ligeiramente repulsiva, uma espécie de lavagem intestinal. Isso tampouco era dito com todas as letras, sendo antes inculcado sub-repticiamente na cabeça dos membros do Partido desde a mais tenra infância.²⁴⁴

²⁴² ORWELL, 2009, p. 85.

²⁴³ ORWELL, 2009, p. 86.

²⁴⁴ *Ibidem*, p. 84.

Homens e crianças não ficavam de fora dos olhos do Partido, visto que a paternidade também foi instrumentalizada, e as crianças eram ensinadas e treinadas desde cedo a espionarem e denunciarem os desvios cometidos pelos pais. “Com efeito, a família se transformara numa extensão da Polícia das Ideias. Era um instrumento graças ao qual todos podiam ficar noite e dia cercados por informantes que os conheciam intimamente”.²⁴⁵ Durante uma das sessões de tortura, O’Brien relata a Winston que o Partido cortou os existentes “entre pai e filho, entre homem e homem, e entre homem e mulher. Ninguém mais se atreve a confiar na mulher ou no filho ou no amigo”, e diz que no futuro “as crianças serão separadas das mães no momento do nascimento, assim como se tiram os ovos das galinhas”,²⁴⁶ concluindo assim o plano de eliminar completamente a instituição familiar.

A intenção do Partido não era apenas impedir que homens e mulheres desenvolvessem laços de lealdade que eventualmente pudessem escapar de seu controle. O objetivo verdadeiro e não declarado era eliminar todo prazer do ato sexual. O inimigo era menos o amor que o erotismo, tanto dentro como fora do matrimônio.²⁴⁷

Uma das formas encontrada pelo Partido para banir o prazer sexual foi tornar o ato sexual um crime passível de punição. No apêndice do livro Orwell²⁴⁸, trata dessa temática com mais detalhes. Segundo ele, a vida sexual dos membros do Partido “era regulada por duas palavras: sexocrime (imoralidade sexual) e benesexo (castidade)”. O primeiro delas, “sexocrime”, é a categoria que engloba “toda e qualquer forma de transgressão sexual, incluindo fornicação, adultério, homossexualidade e outras perversões — entre as quais se contavam também as relações sexuais normais que um casal tivesse apenas por prazer”. O “benesexo” seria, então, o sexo benéfico, ou seja, “relações sexuais normais entre um homem e sua esposa, tendo a procriação como único objetivo e sem que houvesse, da parte da mulher, nenhum prazer físico”. Tudo que fugisse a isso seria então “sexocrime”.

Na sociedade do Grande Irmão, o amor erótico perde completamente o seu status natural por meio de uma série de reguladores sociais e ideológicos que visam transformar os anseios emocionais de cada indivíduo em ferramentas de perpetuação de poder. Na narrativa orwelliana, o ato de amar é visto não somente como antinatural, mas também como um crime contra os rígidos princípios do Partido, enfatizando ainda mais os aspectos distópicos da obra.²⁴⁹

²⁴⁵ ORWELL, 2009, p. 160-161.

²⁴⁶ Ibidem, p. 312.

²⁴⁷ Ibidem, p. 83.

²⁴⁸ ORWELL, 2009, p. 354-355.

²⁴⁹ PAVLOSKI, 2005, p. 203.

Mas qual é realmente o interesse do Estado do Grande Irmão em realizar essa cruzada antissexo? A afetividade e a sexualidade são instrumentalizadas pelo governo distópico, eles canalizam os impulsos emotivos da população na direção de um ponto comum: a figura do Grande Irmão. Quem emerge é o ditador, como diria Benjamin. “O Partido tratava de aniquilar o impulso sexual e, não podendo aniquilá-lo, queria pelo menos distorcê-lo e aviltá-lo. Winston não sabia o motivo disso, mas parecia-lhe natural que assim fosse”.²⁵⁰

Não era apenas que o instinto sexual criasse um mundo próprio fora do controle do Partido — um instinto que, por isso, se possível, tinha de ser destruído. O mais importante era que a privação sexual levava à histeria, desejável porque podia ser transformada em fervor guerreiro e veneração ao líder. Eis como Julia descrevia a questão: “Quando você faz amor, está consumindo energia; depois se sente feliz e não dá a mínima para coisa nenhuma. E eles não toleram que você se sinta assim. Querem que você esteja estourando de energia o tempo todo. Toda essa história de marchar para cima e para baixo e ficar aclamando e agitando bandeiras não passa de sexo que azedou. Se você está feliz na própria pele, por que se excitar com esse negócio de Grande Irmão, Planos Trienais, Dois Minutos de Ódio e todo o resto da besteirada?” Tudo muito verdadeiro, ele pensou. Havia uma conexão íntima e direta entre castidade e ortodoxia política. Porque, de que maneira manter no diapasão certo o medo, o ódio e a credulidade imbecil que o Partido necessitava encontrar em seus membros se algum instinto poderoso não fosse represado e depois usado como força motriz? A pulsão sexual era perigosa para o Partido, e o Partido a utilizava em interesse próprio.²⁵¹

Nesse trecho, ficam bem claros o objetivo e os usos que essa repressão sexual desempenha no mundo de *1984*: a energia sexual reprimida é descarregada de forma catártica nas manifestações contra os inimigos do Estado, sejam em prisioneiros de guerra, seja contra Goldstein nos Dois Minutos de Ódio, ou na adoração fervorosa do Grande Irmão. O Ingsoc cria mecanismos para fazer a população transferir seus impulsos sexuais à imposição do amor fanático dedicado ao Grande Irmão

A primeira vez que temos contato com esse impulso reprimido de Winston é durante os Dois Minutos de Ódio, que consiste em uma atividade prática, a qual os membros do Partido são submetidos diariamente como um exercício de lealdade e como forma de alimentar o ódio aos inimigos da Oceânia e a adoração pelo Grande Irmão. “A programação de Dois Minutos de Ódio variava todos os dias, mas o principal personagem era sempre

²⁵⁰ ORWELL, op. cit., p. 84.

²⁵¹ ORWELL, 2009, p. 160, 161.

Goldstein. Ele era o traidor original, o primeiro conspirador da pureza do Partido” sobre quem recaia “todos os crimes subsequentes contra o Partido, todas as perfídias, sabotagens, heresias, todos os desvios eram resultado direto de sua pregação”, Goldstein “era um objeto de ódio ainda mais constante do que a Eurásia ou a Lestásia, já que sempre que a Oceânia entrava em guerra com uma dessas potências, costumava estar em paz com a outra”.²⁵²

Winston descreve o sentimento ao participar dos Dois Minutos de Ódio como sendo “um êxtase horrendo de medo e sentimento de vingança, um desejo de matar, de torturar, de afundar rostos com uma marreta, parecia circular pela plateia inteira como uma corrente elétrica, transformando as pessoas, mesmo contra sua vontade, em malucos a berrar”, e deixa claro mais uma vez que essa emoção sentida pelas pessoas que ali participavam era uma emoção manipulada e que poderia ser direcionada para os mais diversos alvos e objetivos: “mesmo assim, a raiva que as pessoas sentiam era uma emoção abstrata, sem direção, que podia ser transferida de um objeto para outro como a chama de um maçarico”.²⁵³

“Em algumas ocasiões chegava a ser possível alterar o objeto do próprio ódio por meio de um ato voluntário. De chofre, graças a um esforço violento como aquele a que recorremos para erguer a cabeça do travesseiro durante um pesadelo”, Winston então transfere toda a cólera que sentia naquele instante para Julia de quem ele já nutria ressentimentos.

Era uma garota de ar provocador, de uns vinte e sete anos, abundante cabelo preto, rosto sardento e movimentos bruscos, atléticos. Trazia uma faixa estreita, escarlate, símbolo da Liga Juvenil Antissexo, enrolada na cintura por cima do macacão, de modo a evidenciar sutilmente as formas harmoniosas de seus quadris. Winston sentira aversão por ela desde o primeiríssimo momento em que a vira. Sabia a razão. Era por causa da atmosfera de quadras de hóquei, banhos frios, caminhadas comunitárias e mente impoluta que, por alguma razão, a impregnava.²⁵⁴

Na verdade, Winston “sentia aversão por quase todas as mulheres, sobretudo as jovens e bonitas. Os adeptos mais fanáticos do Partido, os devoradores de slogans, os espões amadores e os farejadores de inortodoxia eram sempre mulheres, sobretudo as jovens”.²⁵⁵ Ao ver Julia, a repressão sexual, despertada naquele momento pelos estímulos dos Dois Minutos de Ódio, manifesta-se em forma de visões em que ele mistura dor e prazer, morte e êxtase.

²⁵² ORWELL, 2009, p. 22,24.

²⁵³ Ibidem, p. 25.

²⁵⁴ ORWELL, 2009, p. 25.

²⁵⁵ Ibidem, p. 20.

Alucinações vívidas, belas, passavam-lhe pela mente. Haveria de golpeá-la até a morte com um cassete de borracha. Haveria de amarrá-la nua a uma estaca e depois alvejá-la com flechas, como são Sebastião. Haveria de violentá-la e no momento do clímax cortaria sua garganta. De mais a mais, agora percebia mais claramente que antes por que a odiava. Odiava-a porque era jovem e bela e assexuada, porque queria ir para a cama com ela e nunca o faria, porque em torno de sua adorável cintura flexível que parecia lhe pedir que a envolvesse com o braço havia apenas a odiosa faixa escarlate, símbolo agressivo de castidade.²⁵⁶

Segundo Pavloski,²⁵⁷ é “durante o ritual diário dos Dois Minutos de Ódio” que “Winston reconhece a fonte de sua agressividade na abstinência sexual ao qual ele é forçado. Numa complexa confluência de emoções, a personagem mistura violência e desejo na liberação imaginativa dos instintos” que “precisam encontrar algum tipo de válvula de escape” por serem tão fortemente proibido e combatido pelo partido. Observação feita também pelo jornalista Sérgio Augusto, “as fantasias de estupro (e assassinato) de Winston vis-à-vis Julia [...] tem uma explicação reichiana, segundo a qual toda inibição da gratificação genital intensifica o impulso sádico. Quanto maior a repressão sexual, maior a exacerbação”.²⁵⁸

O tema da sexualidade em 1984 foi um assunto que perpassou o debate sobre o livro na década de 1980, como já mostrado nos trechos de autoria de Sérgio Augusto na Folha de São Paulo. Outro jornalista que falou sobre essa ligação entre a morte e o sadismo, dando vazão a pulsão sexual reprimida na Oceânia, foi Sérgio Perazzo, que diz o seguinte:

George Orwell, em “1984”, numa sociedade totalitária e fortemente repressora, retrata uma dona-de-casa que, cansada, queixa-se dos filhos pequenos para uma vizinha com a maior naturalidade: “Ficam tão barulhentos. Estão desapontados porque não puderam assistir ao enforcamento, é isso. Não tenho tempo para levá-los, e Tom não voltará do serviço a tempo”.

Portanto, o fenômeno de representação da morte ligada ao erotismo traduz não só a evidência do enfraquecimento das defesas diante do sexo e da morte num período em que a sociedade está mobilizada num esforço comum de transformação, um cochilo, como também com isto, significa uma aproximação da morte com as mesmas fantasias e perversões que foram dirigidas ao plano erótico e sexual. A morte torna-se mais próxima.²⁵⁹

²⁵⁶ ORWELL, 2009, p. 26.

²⁵⁷ PAVLOSKI, 2005, p. 206.

²⁵⁸ AUGUSTO, Sérgio. A sexualidade na imaginação totalitária. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15, jan, 1984, Ilustrada, p. 76.

²⁵⁹ O HOMEM e a morte: um esboço histórico. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22, ago, 1986, p. 30. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19860822-34196-nac-0030-999-30-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: jul de 2022.

Na terceira parte do livro, O'Brien diz a Winston que no futuro "o instinto sexual será erradicado. A procriação será uma formalidade anual, como a renovação do carnê de racionamento. Aboliremos o orgasmo".²⁶⁰ Portanto, não é de se surpreender que a rebelião de quem se insurgisse contra o partido passe pela questão sexual, uma vez que ela estava na agenda da construção do Estado totalitário em que "liberdade sexual e autoritarismo político são incompatíveis. A rebelião política de Winston está intimamente ligada à expressão de sua liberdade sexual",²⁶¹ como vimos principalmente na segunda parte do livro, que grande parte gira em torno do caso de Winston com Julia e de como eles fazem para se relacionar às escondidas do Partido e dos trabalhosos esforços que eles fazem para conseguirem se encontrar para transar. "Em Oceânia, o gozo é uma afirmação de individualidade a dois, uma revolta contra o instinto gregário, o panurgismo cabisbaixo e lobotomizado".²⁶²

Orwell insiste em que é o sexo e não o amor que contem a promessa da revolta. Por temperamento era demasiado anti-romântico para propor o amor como resposta. "Embora Orwell atribua um significado revolucionário ao ato sexual, o verdadeiro pensamento do escritor a respeito do assunto não é muito claro. Segundo Robinson²⁶³, a sexualidade revolucionária imaginada por Orwell é uma espécie de sexualidade "humanizada" que se opõe ao amor absoluto ao Grande Irmão que a sociedade totalitária exige de seus súditos. Há aqui uma necessidade de sublimação completa da sexualidade individual para preservar o regime. A imagem do Grande Irmão adquire então uma dimensão erótica. Não deixa de ser curioso, entretanto, que, Orwell, "um dos escritores menos sensuais, defenda com tanta veemência o potencial revolucionário da sexualidade". Para Robinson, as raízes da "dessexualização" descrita por Orwell "de uma maneira um tanto orwelliana" residem, aparentemente, não apenas no laço libidinoso entre a autoridade e o súdito (veja-se a relação que une, apesar de tudo, Winston a O'Brien, por exemplo), mas, de maneira mais profunda, nos laços misteriosamente ambivalentes que existem entre a mãe e seu filho, "que muito tem a ver com as ideias de Freud".²⁶⁴

Bem antes da década de 1980 esse tema aparece nos jornais mostrando como essa teoria orwelliana era encontrada no mundo real, especialmente na União Soviética nos tempos de Stalin, que podia ser conferida por meio das artes produzidas naquele momento.

²⁶⁰ ORWELL, 2009, p. 312.

²⁶¹ ORWELL, 2009, p. 75.

²⁶² AUGUSTO, Sérgio. A sexualidade na imaginação totalitária. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15, jan, 1984, Ilustrada, p. 76.

²⁶³ Paul A. Robinson, professor do Departamento de História de Stanford, escreveu o artigo "For the Love of Big Brother: The Sexual Politics in NineteenEighty-Four"

²⁶⁴ OTONDO, Teresa Montero. Ficção ou realidade? Fábula de nosso tempo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01, jan, 41984. Cultura, p. 75. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19840101-33383-nac-0075-cul-11-not>>. Acesso em: jul de 2022.

Ainda não foi suficientemente ouvida a advertência de George Orwell situando o erotismo como um dos maiores crimes no Estado totalitário e inumano de seu romance. Outro tema que se presta as fecundas meditações é a ausência do erotismo no cinema soviético. Foi esse fenômeno que mais contribuiu para a desumanização dos filmes produzidos nos tempos áureos da ditadura estalinista.²⁶⁵

Assim, fica evidente que a sexualidade é um tema pertinente quando se fala de governos totalitários dentro e fora da ficção de Orwell. Assim como Stalin e outros líderes ditatoriais, “o ‘duce’ de Oceânia apenas temia que do amor entre as pessoas surgisse uma força incontrolável, capaz depor em risco a sua onipotência”. Por isso, era tão fundamental controlar a vida sexual das pessoas e tornar “o ato sexual, quando executado com êxito” algo “subversivo. Amar, pois, é o maior crime cometido por Winston e Julia.²⁶⁶

Porém, com o advento das novas tecnologias e mídias sociais, percebemos uma inversão desse tópico, assim como nos interiores aqui já mostrados, a criação de Orwell se inverte e passamos a valorizar exatamente o que ele condena.

O “Big Brother” de Orwell não queria ver ninguém se amando, pois o sexo era proibido, e seu controle de cada movimento das pessoas era o principal terror do “paraíso” que previa para a humanidade, um olho implacável da moral dominante do qual era inútil tentar escapar. Corta para 2002. No Brasil, este outro falso paraíso, tem gente brigando para se expor diante do olho implacável e o que o “Big Brother” daqui, o grande público, mais quer ver é cenas de sexo. Irmão grande.²⁶⁷

CONCLUSÃO

²⁶⁵ GOMES, P. E. Sales. Erotismo e humanismo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 23, ago, 1958. Suplemento literário, p. 45. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19580823-25555-nac-0045-lit-5-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: jul de 2022.

²⁶⁶ VERISSIMO. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 06, fev, 2002. Política, p. 04 Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20020206-39558-nac-4-pol-a4-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: mar de 2023.

²⁶⁷ Ibidem.

As contribuições que a literatura pode dar a História são inúmeras e a cada vez se ampliam mais quando os historiadores passam a compreender a produção simbólica que cerca uma obra literária, tanto em sua produção quanto nas produções que surgem a partir dela, como pontua Ferreira²⁶⁸ quando fala que essas produções simbólicas “possibilitam múltiplas leituras devido à sua riqueza de significados para a compreensão do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas dos agentes no tempo”, isto é, do autor e dos leitores.

Analisar a ficção literária como objeto de estudo histórico implica examinar as conexões entre uma obra e os diversos contextos em que é produzida e recebida. Isso não apenas envolve a exploração da imaginação e sua relação com a comunidade ou sociedade, mas também a compreensão da historicidade no encontro entre a obra e o seu leitor. O foco se estende tanto para a criação como para a interpretação, ampliando a compreensão das dinâmicas sociais e culturais por meio da literatura, resume Charbel.²⁶⁹

Assim pudemos traçar uma historicidade de *1984* que não ficasse restrita ao momento de sua criação por Orwell, mas que atravessasse o século que Orwell não pode ver e em como seu livro foi sendo lido enquanto a História transcorria. Percebemos que a história ocidental pode ser contata pela recepção de *1984*, os mais variados e diversos assuntos se ligaram a criação do autor inglês com o passar dos anos, a impressão de atualidade de sua ficção levou, e ainda leva, os leitores a verem-no como um adivinho, um vidente que foi capaz de prever como seriam os anos vindouros, ou até mesmo um bruxo que rogou uma praga e pautou muito dos assuntos políticos, culturais e sociais das últimas oito décadas.

1984 reverbera ainda hoje em meio a polêmicas e discussões, apropriações e esvaziamentos, perpassando pelo talento de Orwell e da sua capacidade premonitória. Ao ser capaz de sintetizar o *zeitgeist* que iria vigorar na segunda metade do século XX fez com que a percepção de atualidade de sua ficção transcendesse as décadas podendo ser interpretada de diversas maneiras. Alguns vêem o autor como um visionário, capaz de prever e alertar sobre os rumos sombrios que a sociedade poderia tomar. Outros o encaram como um profeta, cujas palavras ecoam nas esferas políticas, culturais e sociais, influenciando e moldando debates e reflexões ao longo das últimas oito décadas.

²⁶⁸ FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bossanezi; LUCA, Tania Regina de (org). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2009, p. 61.

²⁶⁹ CHARBEL, Felipe. O historiador face à ficção. **Teoria e Historiografia: Debates Contemporâneos**. s. l. 2013.

Através dos capítulos que exploraram a evolução da recepção da obra, desde sua publicação no Brasil em 1954 até os dias atuais, pudemos testemunhar não apenas a ressonância contínua do livro, mas também sua capacidade única de se adaptar e dialogar com questões emergentes. A invasão de privacidade, a figura do "Grande Irmão" e as nuances da sexualidade, temas fundamentais na narrativa de Orwell, mantiveram sua pertinência ao longo das décadas.

Percebemos como, mesmo quando as situações vão contra a visão de Orwell, encontram nele um ponto de referência, Bentes²⁷⁰ expressa bem isso, ao exemplificar que ao lermos uma frase como "Sorria, você está sendo filmado" não nos causa horror, uma vez que "A vigilância continuada de "1984" deixou de ser uma aberração para se tornar um "sou visto, logo existo", comportamento esse possível pela mutação sofrida pelo capitalismo em que "a vigilância se tornou um divertimento e uma prática generalizada (bina, celular, câmeras de vigilância, rastreadores na internet se tornaram eletrodomésticos)". As tecnologias sem fio trouxeram consigo não apenas novas liberdades, mas também uma nova forma de escravidão. Não há mais necessidade de confinamento físico, pois já habitamos uma espécie de prisão sem grades, virtual, onde o celular se torna a coleira eletrônica.

Ao analisar a recepção do livro *1984* no Brasil, não apenas como uma peça literária, mas como um catalisador cultural e social, percebemos a capacidade duradoura e multifacetada dessa obra. É evidente que Orwell, de certa forma, tornou-se um guia na compreensão das transformações sociais e políticas, convidando os leitores a refletir criticamente sobre o mundo que habitamos e as direções para as quais ele se encaminha. A relação entre a decadência da ideia do progresso, conforme vislumbrada na obra, e a evolução dos temas apresentados ao longo do tempo revela a relevância perene de *1984* na compreensão dos desafios contemporâneos.

Assim atingimos nossos objetivos e anseios de pesquisa ao entender o percurso percorrido pelo livro até seus leitores e o porquê de *1984* ainda ocupar um papel de destaque dentro da mídia e da sociedade. Outras possibilidades de estudo ainda seria possível dentro da recepção da obra, como por exemplo, o compartilhamento de opiniões e impressões do livro dado por usuários de redes sociais, como em vídeos e comentários no Youtube, em grupo de leitores no Facebook, posts no Twitter, agora X, ou em resenhas no Skoob.

²⁷⁰ BENTES, Ivana. 1984 em 2003. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 01, jun, 2003, p 07. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=15728&keyword=%22george+orwell%22&anchor=5945581&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=5dbb82644d6a67a37b07323c8241182b>>. Acesso em: mar de 2023.

BIBLIOGRAFIA

ARENDRT, Hannah. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. **A condição humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BARROS, José D' Assunção. A História cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos.** DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005

_____. **Teorias da história e filosofias da história:** reflexões sobre o contraste entre estes dois espaços de reflexão sobre o fazer histórico. Anos 90, [S. l.], v. 19, n. 36, p. 367–400, 2011. <https://doi.org/10.22456/1983-201X.15756>

BELO, André. **História & livro e leitura.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 201

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Utopia, distopia e história. **Morus: Utopia e Renascimento,** São Paulo, v.2, p. 01-17, 2005. Disponível em: <https://www.unicamp.br/~berriel/arquivos/berriel_prod_3.pdf>. Acesso em: 22 out. 2020

_____. In. KASSAB, Álvaro. Unicamp recebe 36 universidades para discutir a utopia . **Jornal da Unicamp.** Campinas, 4 a 10 de maio de 2009 – ANO XXIII – Nº 427, s. p. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/maio2009/ju427_pag0607.php>. Acesso em: 26 de mar de 2022

BLOOM, Harold. ed. **Bloom's Modern Critical Interpretations: George Orwell's 1984** Updated Edition. New York: Chelsea House, 2007

BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura:** Algumas Considerações Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010. <https://doi.org/10.17851/2179-8478.0.3.1-13>

BOSCOV, Isabela. Quando 2 e 2 são 5: George Orwell prova sua relevância em tempos de autoritarismo. Disponível em: <<https://isabelaboscov.com/2020/06/05/george-orwell-de-1984-prova-sua-relevancia-em-tempos-de-autoritarismo/>>. Acesso em: 05 jan. 2023

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451.** São Paulo: Globo, 2007.

BRADFORD, Richard. **Orwell: um homem do nosso tempo.** São Paulo: Tordesilhas Livros, 2020

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. O amanhã é o hoje que nos parecem ontem. In: ORWELL, George. **1984.** [s.l.]: Antofágica, 2021.

BRESSANE, Ronaldo. Falso e verdadeiro: uma leitura da “falta que faz” em Philip K. Dick. In: Philip K Dick – **Androides sonham com ovelhas elétricas?.** São Paulo: Aleph, 2019.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993

CANIELLI, Marlene Rosa; MARTINS, Giovana Maria Carvalho. **O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história.** 2015. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf>>. Acesso em: 04 mai 2022.

CANTON, James, et al. **O livro da literatura.** São Paulo: Globo, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história;** tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002

CHALHOUB, Sidney. Posfácio. In: BADARÓ, Francisco Coelho Duarte. **Fantina:** cenas da escravidão. São Paulo: Chão Editora, 2019

CHARBEL, Felipe. O historiador face à ficção. **Teoria e Historiografia:** Debates Contemporâneos. s. l. 2013.

_____. (org). **A história contada:** capítulos de história social da literatura no Brasil. São Paulo: Nova Fronteira. 1998

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador - conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. Debate Literatura e História. **Topoi**, Rio de Janeiro, nº 1, pp. 197-216. <https://doi.org/10.1590/2237-101X001001006>

_____. **As aventuras do livro:** do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

_____. **Formas e Sentido:** cultura escrita – entre a distinção e apropriação. Campinas: ALB, 2003

CHAUI, Marilena. Notas sobre a utopia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, vol. 60, p. 7-12, julho 2008. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v60nspe1/a0360ns1.pdf>>. Acesso em 22 out. 2020.

DARNTON, R. História da leitura. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

DAVISON, Peter, in ORWELL, Orwell. **Uma vida em cartas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/vSJfnDnZJfTkZGbLKdK45RN/#>>. Acesso em 05 set 2023.

DUTRA, Eliana de Freitas. Performances no mundo do livro: entre a história, a memória e a ficção. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 45, p. 705-731, set./dez. 2020. <https://doi.org/10.1590/2237-101x02104508>

DUVIVIER, Gregório. Apresentação. In: ORWELL, George. **1984.** [s.l.]: Antofágica, 2021.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bossanezi; LUCA, Tania Regina de (org). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Editora Contexto, 2009, p. 61.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014

_____. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. 1 v. (História da Sexualidade) 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020

FREUD, S. **Fragmentos da análise de um caso de histeria**. Em J. Salomão (org.) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

GARCIA, R. D. Os direitos à privacidade e à intimidade: origem, distinção e dimensões. **Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas**, [S. l.], v. 34, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://revista.fdsu.edu.br/index.php/revistafdsu/article/view/257>>. Acesso em: 12 de set de 2022.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GAY, Peter. **Represálias selvagens**: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Guia ilustrado TV Globo: novelas e minisséries. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010

GRECCO, Gabriela de Lima. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. In: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais** Vol. 6 Nº 11, Julho de 2014

HARTOG, F. Tempo, história e a escrita da história: a ordem do tempo. **Revista de História**, [S. l.], n. 148, p. 9-34, 2003. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i148p9-34>

HOWE, Irving. 1984: a história como pesadelo. In: George Orwell – **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HUNTY, Rita Von. Apresentação. In.: ORWELL, George. **1984**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2021.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Globo, 2003.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: vol. 1 e 2. São Paulo: Ed. 34, 1996

JABLONKA, Ivan. O terceiro continente. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 19, n. 35, p. 9-17, jul.-dez. 2017. <https://doi.org/10.14393/ArtC-V19n35-2017-2-01>

_____. **A história é uma literatura contemporânea**: manifesto pelas ciências sociais. Brasília: Editora Universidade de Brasília: 2020

JAUSS. Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

KOSELLECK, Reinhart, **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014

LEITE, Lígia Chiappini Morais. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1985

LIEBEL, Sílvia. **Das utopias modernas às distopias contemporâneas**: conceito, prática e representação. Ebook - Belo Horizonte: Fino Traço, 2021.

LIEBEL, Vinícius. Distopias – um gênero na história. In. LIEBEL, Sílvia (org). **Das utopias modernas às distopias contemporâneas**: conceito, prática e representação. Ebook - Belo Horizonte: Fino Traço, 2021.

LIMA, Cleane da Silva de; LIMA, Luzimar Silva. Estética da recepção: o conhecimento de mundo do leitor para a significação do texto literário. **Littera Oline**. n. XVIII, Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Maranhão: 2019. Disponível em: <<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view%20/13196/7313>>. Acesso em 03 de fev 2022.

LYNSKEY, Dorian. **O ministério da verdade**: uma biografia de 1984, o romance de George Orwell. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

More, Thomas. **A Utopia**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **1984**. [s.l.]: Antofágica, 2021.

_____. **1984**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2021.

_____. **1984**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

_____. **Como morrem os pobres e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. **Por que escrevo e outros ensaios**. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021.

_____. **Dentro da baleia e outros ensaios**. São Paulo: Princípios, 2021.

_____. **O que é o fascismo?: e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

_____. **Sobre a verdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. **Uma vida em cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

_____. **A fazenda dos animais**: um conto de fadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. **Escritores e Leviatã**, 2011. Disponível em: < <https://scrv.co m.br/georg e-orwell/b/dentro-da-baleia-e-outras-ensaios/a-politica-da-literatura-cap-i-escritores-e-leviat%C3%A3>>. Acesso em: 06 set de 2023.

PAVLOSKI, Evanir. **1984: a distopia do indivíduo sob controle** Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/2996/A%20Distopia%20do%20Indiv%3fduo%20Sob%20Controle.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 20 de dez de 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da & MACHADO, Maria Clara Tomaz. **História e literatura: identidades e fronteiras**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e literatura: uma velha-nova história**. Disponível em:<<https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>> Acesso em: 12 jan de 2023.

_____. **História & História Cultural**. São Paulo: Autêntica, 2014

_____. **O mundo como texto: leituras da história e da literatura**. Revista História Da Educação, 7(14), 31–45. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30220>>. Acesso em: abr 2022.

PINTO, Júlio Pimentel. **Do fingimento à imaginação moral: diálogos entre história e literatura** Tempo Niterói Vol. 26 n. 1 Jan./Abr. 2020. <https://doi.org/10.1590/tem-1980-542x2019v260102>

_____. **Do fingimento à imaginação moral: diálogos entre história e literatura**, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tem/a/Wjx9bsNBkk6gz3fCXKdKpqc/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 21 de jan de 2022.

PYNCHON, Thomas. Rumo a 1984. In: ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. A utopia e a sátira. **Morus: Utopia e Renascimento**, São Paulo, v. 06, p. 139-148, 2009. Disponível em: <[https://www.academia.edu/5289671/Revista MORUS Utopia e Renascimento 6 2009 Dossi%C3%AA_Utopia_g%C3%AAnero_e_modos_de_representa%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/5289671/Revista_MORUS_Utopia_e_Renascimento_6_2009_Dossi%C3%AA_Utopia_g%C3%AAnero_e_modos_de_representa%C3%A7%C3%A3o)>. Acesso em 22 out. 2020.

RIBEIRO, Luis Filipe. **Geometrias do Imaginário**. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 2000.

SARAMAGO, José. História do cerco de Lisboa. São paulo: Companhia das Letras, 2013.

SCAVONE Rubens Teixeira. O livro que em 1948 previu 1984. Revista **Manchete**. 20 de março de 1982, edição 1561, p. 63 Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=George%20Orwell&pagfis=208334>>. Acesso em: 07 de abr de 2022.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoas do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2023.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

SILVA, Matheus Cardoso da. **O último homem da Europa A luta pela memória no universo não ficcional da obra de George Orwell, 1937-1949**. São Paulo: Universidade de São Paulo, faculdade de filosofia, letras e ciências humanas departamento de história programa de pós-graduação em historia social. 2010.

TAVARES, Débora Reis. **A revolta contra o totalitarismo em 1994 de George Orwell, a formação do herói degradado**. 2013. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013

WELLE, Deutsche. '1984', de George Orwell, lidera lista de mais vendidos nos EUA após 'fatos alternativos' de Trump. **G1**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/1984-de-george-orwell-lidera-lista-de-mais-vendidos-nos-eua-apos-fatos-alternativos-de-trump.ghtml>>. Acesso em 02 de jun 2021.

WELLEK, René, WARREN, Austin. **Teoria da Literatura**. Biblioteca Universitária, Publicações Europa-America. 5ª Edição, 1976.

1984 por George Orwell, In. ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957, n.p.

Jornais e revistas

(Na ordem em que aparecem)

MANNING, Maurice. Antes de 1984... Beria foi "despersonalizado" na Rússia como previu Orwell. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12, jul, 1954, Geral.

NOVA “verdade” na Rússia. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 24, jun, 1967, Suplemento Literário, p. 02.

PYMCHON, Thomas. Rumo a 1984, **Folha de São Paulo**, 01, jun, 2003, p. 08. Disponível em:<<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=15728&keyword=%22george+orwell%22&anchor=5945580&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=4ca2ee882cd0d38541d3611156df01ef>>. Acesso em: jun de 2002.

CASTRO, Ruy. As obras-primas que poucos leram: 1984. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, Edição 1193, p. 112-115, mar, 1975. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=George%20Orwell&pagfis=149881>>. Acesso em: mai de 2021.

J.C. 1984. **Correio da Manhã**, 1º Caderno, Escritores e livros, 08, jun, 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=George%20orwell&pagfis=37089>. Acesso em maio de 2021.

CAROPRESO, Álvaro. Biólogo encontra vampiro que doa sangue. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 03, mar, 1990, Geral, p. 09. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19900303-35290-nac-0009-999-9-not>>. Acesso em jun de 2022.

XAVIER, Livio. A antiutopia moderna. **Estado de S. Paulo**. São Paulo, 25, mar, 1961, Suplemento literário, p. 46. Acesso em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19610325-26354-nac-0046-lit-6-not>>. Acesso em: jun 2022

LEWIN, Willy. Do paraíso terrestre. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, 10, jun, 1961, Suplemento literário, p. 39 Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19610610-26419-nac-0039-lit-1-not>>. Acesso em jul de 2022.

1982. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 07, out, 1979, 1º caderno, opinião, p. 2. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=7091&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4267069&origem=busca&originURL=&pd=d2dd900c95cfa1bb570548a3e9532ec5>>. Acesso em jun de 2022.

EDITORIAL. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22, jun, 1979, Suplemento cultural, p. 174. Disponível: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19790722-32010-nac-0174-cul-2-not>>. Acesso em: jun de 2022.

GIORGI, Franco de. 1985 o pesadelo particular de Anthony Burgess. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, Edição 1389, 2, dez, 1978. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=George%20Orwell&pagfis=181337>>. Acesso em: mai de 2021

HOWE, Irving. 1984 o futuro chegou. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 1º, jan, 1984, Cultura, p. 66. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19840101-33383-nac-0066-cul-2-not/busca/exagero>>. Acesso em jul de 2022.

STANSKY, Peter. Entrevista. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 1º, jan, 1984, Cultura, p. 69. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19840101-33383-nac-0069-cul-5-not>>. Acesso em jul de 2022.

SCHLESINGER JR., Arthur. 1984: o futuro é hoje. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 1º, jan, 1984, Cultura, p. 80. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19840101-33383-nac-0080-cul-16-not>>. Acesso em jul de 2022.

COMPUSHOP. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 1º, jan, 1984, Cultura, p. 08. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19840101-33383-nac-0008-999-8-not>>. Acesso em: jul de 2022.

Rádio Jovem Pan. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 1º, jan, 1984, Cultura, p. 08. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19840101-33383-nac-0008-999-8-not>>. Acesso em: jul de 2022.

ORICCHIO, Luiz Zanin. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22, jun, 2003, Caderno 2, p. 120. Disponível em: < <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20030622-40059-nac-120-cd2-d5-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: jul de 2022.

FRIAS FILHO, Otavio. Orwell, 100. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29, mai, 2003. p. A2 Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=15725&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=5945311&origem=busca&originURL=&pd=ede2666382c010531d5e61631e63839a>>. Acesso em: jun de 2022.

FOLHA DA MANHÃ, São Paulo, Suplemento dominical, 26, fev, 1950

AMÂNCIO, Moacir. Um 76 otimista apenas para os censores. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 1º, jan, 1977. Ilustrada, p. 17. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=6082&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4219932&origem=busca&originURL=&pd=ae2297bfb7762f2f76abb1fa1d1d35d2>>. Acesso em: jun de 2022.

FRANCIS, Paulo. Direitos Humanos 1977. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27, mar, 1977. 2º caderno, exterior, p. 20. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=6167&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4278176&origem=busca&originURL=&pd=83011ced30eae169e53676025e30c79>>. Acesso em jun de 2022.

FRANCIS, Paulo. Nosso 1984 foi em 1964. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 05, jan, 1984. Ilustrada, p. 36. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8642&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4307995&origem=busca&originURL=&pd=757fe74516972aae88863faba38f1390>>. Acesso em: jun de 2022

KUJAWSKI, Gilberto de Mullo. Autores transformados em personagens. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 27, jan, 1985, p. 141. Disponível: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19850127-33713-nac-0141-fem-25-not>>. Acesso em: jul de 2022.

CESAR, Roberto Cerqueira. Uma nova Idade Média?. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, 13, abr, 1969. Geral, p. 160. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19690413-28837-nac-0160-999-160-not>>. Acesso em: jul de 2022.

A PROFECIA de George Orwell. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 02, fev, 1972. Folha ilustrada, p. 27. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=4287&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4331862&origem=busca&originURL=&pd=f5d25736afe4fe5fb5571fcc61a2b89e>>. Acesso em: jun de 2022.

MONTEIRO, T. Invigilation. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03, mai, 1977. Ilustrada, Panaroma. p. 36. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=6204&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4239519&origem=busca&originURL=&pd=379ec1101902434579ae37be58757c11>>. Acesso em: jun de 2022.

CARLOS, Newton. Nova ameaça paira sobre a humanidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19, ago, 1973. 1º Caderno, Exterior, p. 05. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=4851&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4401973&origem=busca&originURL=&pd=833a7f4a33d83ca383eed770d7b91a9c>>. Acesso em: jun de 2022.

CARLOS, Newton. O cidadão cada dia mais vigiado. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27, dez, 1974, 1º Caderno, Exterior, p. 06. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=5346&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4389757&origem=busca&originURL=&pd=f97aa9ec4794d6d89e4bf2a74e17bc82>>. Acesso em: jun de 2022.

O ESTADO de S. Paulo, São Paulo, 11, out, 1981. Cultura, p. 152. Disponível: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19811011-32695-nac-0152-cul-16-not>>. Acesso em: jul de 2022

PERELVA, Osvaldo. Direito à privacidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17, mar, 1983. 1º caderno, opinião, p. 02.

IGLESIAS, Lessandro Geraldo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21, ago, 2013. Opinião, painel do leitor, A3 Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19593&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=5889644&origem=busca&originURL=&pd=995d274f50828b2b834524884d3686b7>> Acesso em: ago de 2022.

PONDÉ, Luiz Felipe. Invasão de privacidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22, jul, 2013. Ilustrada, p. E 10. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19563&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=5884744&origem=busca&originURL=&pd=603ed3861f50aceb8487e52746836a15>> Acesso em: ago de 2022.

A CADA dia, a ficção de 1984 é mais real. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 05, jan, 1986. Informática. p. 39. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19860105-34003-nac-0039-999-39-not>>. Acesso em: jul de 2022.

DEFESA da privacidade tem projeto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30, out, 1975. 1º Caderno, nacional, p. 07. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=5653&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4635140&origem=busca&originURL=&pd=43718e4ee5deedb4e9d568e724be14dd>>. Acesso em: jun 2022.

DE VOLTA a "1984". **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 21, fev, 1992. Geral, p. 03. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19920221-35919-nac-0003-9993-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: jul de 2022

STHELL, Jean-Sébastien. Ameaças à nossa vida privada. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 18, mar, 2001. p. 110. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20010318-39233-spo-110-cd2-d10-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: jul de 2022.

COUTINHO, João Pereira. Vitrines holandesas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03, set, 2013. Ilustrada, p. E10. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19606&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=5891644&origem=busca&originURL=&pd=c77d433af4bfdff9015ab560ce90d717>>. Acesso em jun de 2022

PASTOR, Luiza. O fim da era da privacidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30, jun, 2019, p. 79. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48795&keyword=Big%2CBrother%2CBig%2CBrother%2CGeorge&anchor=6122949&origem=busca&originURL=&pd=7b44ec065fb5ab30a64994b1802e4764>>. Acesso em mar de 2023.

ESTADO de S. Paulo, São Paulo, 07, out, 1956. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19561007-24980-nac-0001-999-1-not/busca/Stalin>>. Acesso em: jul de 2022.

BONALUME NETO, Ricardo. Símbolo do regime é o alvo estratégico. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 08, abr, 2003. 1º Caderno, mundo, p. 13. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=15674&keyword=%22george+orwell%22&anchor=5859818&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=c7e8f6d7b37265bd933e2d71effa7eec>>. Acesso em jun de 2022.

BARROS, Jefferson. Vinheta, a dose certa de vinho. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30, out, 1988. Caderno 2, p. 65. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19881030-34873-nac-0065-cd2-5-not>>. Acesso em: jul de 2022.

ALMEIDA, Miguel de. Com tanta tecnologia, a vida privada morreu. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15, ago, 1997. Cidades, p. 22. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19970815-37921-spo-0022-cid-c2-not>>. Acesso em jul de 2022.

A CADA dia, a ficção de 1984 é mais real. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 05, jan, 1986. Informática, p. 39. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19860105-34003-nac-0039-999-39-not>>. Acesso em: jul de 2022.

BERTING, Joelmir. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29, mar, 1972. Caderno de Economia, p. 21. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=4343&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4395961&origem=busca&originURL=&pd=7260ad2fc8aa5d2de80e72e3a992d1ef>>. Acesso em: jun de 2022.

OTTA, Lu Aiko. Big Brother a serviço da Receita Federal. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01, dez, 2003, p. 17. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20031201-40221-nac-17-eco-b3-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: mar de 2023.

UMA violação de direitos. **O Estado de S. Paulo**, 03, dez, 2002. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20021203-39858-nac-3-edi-a3-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: mar de 2023.

MEL, Flávio. Justiça vê sucessão de erros e derruba muitas milionárias. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 19, out, 2003, p. 10. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20031019-40178-spo-10-pol-a10-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: mar de 2023.

Domingos, João. Planato cria supermáquina de informação oficial. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 14, set, 2003, p. 4. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20030914-40143-nac-4-pol-a4-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: mar de 2023.

"Big Brother Brasil" virou "Malhação" para adultos. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 11, fev, 2007. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u68386.shtml>>. Acesso em: mar de 2023.

PEREIRA Jr, Alberto. Literatura ajuda participantes a superarem ócio no "Big Brother". **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27, jan, 2013. Ilustrada , televisão, p. E7.

O ESTADO de S. Paulo, São Paulo, 11, jan, 2002, p. 37. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20020111-39532-spo-37-cd2-d5-not/busca/Big+Brother+Orwell>>. Acesso em: mar de 2023.

BONALUME NETO, Ricardo. Eu não vi TV às 20h02 de 20/02 de 2002. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24, fev, 2002. Plural, p. 57. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=15266&keyword=%22big+brother+brasil%22&anchor=5662162&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=509990f1f34de275158d848957327b8b>>. Acesso em: jun de 2022

FRIAS FILHO, Otavio. BBB. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31, jan, 2002. 1º Caderno, opinião, p. 02. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=15242&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=89236&origem=busca&originURL=&pd=207a93cc1863fc4dce01d97e64b89894>>. Acesso em: jun de 2022.

AUGUSTO, Sérgio. A sexualidade na imaginação totalitária. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15, jan, 1984, Ilustrada, p. 76. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8652&keyword=%22George+Orwell%22&anchor=4312476&origem=busca&originURL=&pd=76caa6ad89ddb639a06bac2aa7d3eea0>>. Acesso em: jul de 2022.

O HOMEM e a morte: um esboço histórico. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22, ago, 1986, p. 30. Disponível em: < <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19860822-34196-nac-0030-999-30-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: jul de 2022.

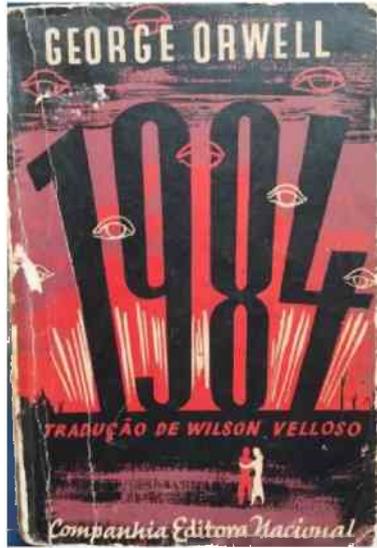
GOMES, P. E. Sales. Erotismo e humanismo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 23, ago, 1958. Suplemento literário, p. 45. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19580823-25555-nac-0045-lit-5-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: jul de 2022.

VERISSIMO. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 06, fev, 2002. Política, p. 04 Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20020206-39558-nac-4-pol-a4-not/busca/George+Orwell>>. Acesso em: mar de 2023.

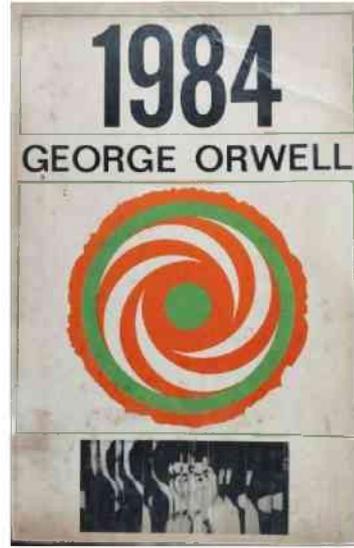
Anexo A – Página da segunda edição de *1984* com comentário de um leitor

- o tema tratado é tão bofe que a fonte ^(a) tem a impressão que é uma visão crítica de nossos dias, de nossa sociedade que se manifesta tão perto de mim que me a medronta e mes torna impotente. A minha esperança é que os meios de produção se transformem de tal maneira que seja necessário uma outra base social que altere o status ^{atual} ^(situação) atual.
 Raul.

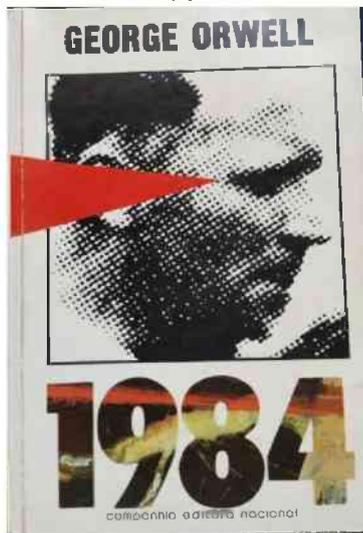




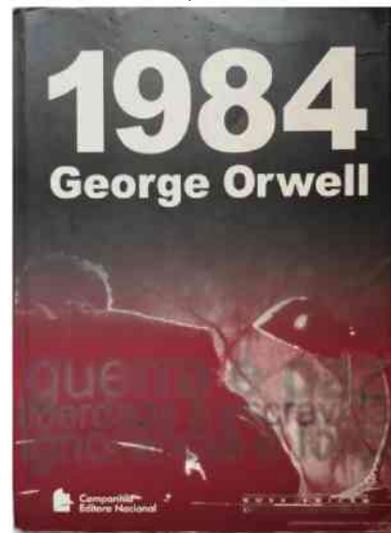
1957



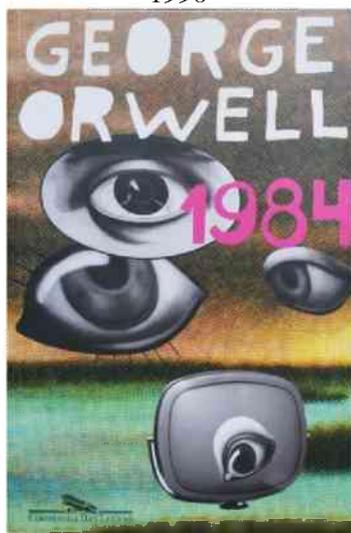
1976



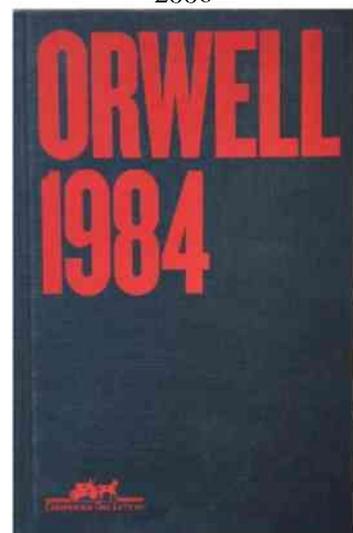
1998



2006



2009



2019